

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO *STRICTU-SENSU* EM
EDUCAÇÃO FÍSICA**

**“NO QUE VOCÊ ESTÁ PENSANDO?”
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CORPO DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA USUÁRIOS DO
*FACEBOOK***

Robson de Souza Lobato

**BRASÍLIA
2015**

**“NO QUE VOCÊ ESTÁ PENSANDO?”
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CORPO DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA USUÁRIOS DO
*FACEBOOK***

Robson de Souza Lobato

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

ORIENTADOR: Prof. Dr. ALFREDO FERES NETO

**Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

L667"

Lobato, Robson de Souza

"No que você está pensando?" Representações
Sociais de Corpo de Professores de Educação Física
Usuários do Facebook / Robson de Souza Lobato;
orientador Alfredo Feres Neto. -- Brasília, 2015.
128 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação Física)
-- Universidade de Brasília, 2015.

1. Representação Social. 2. Corpo. 3. Mídia. 4.
Facebook. I. Neto, Alfredo Feres, orient. II. Título.

ROBSON DE SOUZA LOBATO

**“NO QUE VOCÊ ESTÁ PENSANDO?”
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CORPO DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA USUÁRIOS DO
*FACEBOOK***

Dissertação aprovada em ABRIL de 2015, como requisito final para a obtenção do título de **Mestre** no Programa de Pós Graduação *Strictu-Sensu* em Educação Física da Universidade de Brasília – UnB, pela comissão formada pelos Professores Doutores:

Presidente: Alfredo Feres Neto

Professor Dr.
Docente da FEF/UnB

Membro Externo: Tereza Cristina Siqueira Cerqueira

Professora Dra.
Docente da FE/UnB

Membro Externo: Nívea Maria Silva Menezes

Professora Dra.
Docente da ESEFEGO/UEG

Membro Suplente: Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende

Professor Dr.
Docente da FEF/UnB

EPÍGRAFE

Quantos corpos sucessivos ou simultâneos já tivemos ao longo da história humana? Não é verdade que, um sentido muito real, temos imensa dificuldade em ser nosso corpo, porque já nos inculcaram de mil maneiras, que temos tal ou qual corpo? Ou seja, mais que da sua verdade e real subsistência, nossos corpos são corpos que nos disseram que temos, corpos inculcados e ensinados, feitos de linguagens, símbolos e imagens. As culturas, as ideologias e as organizações sempre inventam um corpo humano adequado e conforme.

Hugo Assmann

DEDICATÓRIA

Este trabalho é inteiramente dedicado ao meu corpo enquanto fonte e sede de signos sociais, ora provisórios, ora contraditórios, e de certa forma polissêmica e multifacetada que se faz e refaz nas constantes trocas com o outro num contínuo processo de alteridade.

E nessa relação recíproca com o outro que me cerca, me impulsiona e me refaz também dedico meu apreço, pois sem a presença desses corpos eu não seria quem eu sou.

Ao meu corpo, minha vida, meu eterno amor.

E a você corpo-educador e facilitador desta pesquisa, o meu muitíssimo obrigado!

AGRADECIMENTOS

A Deus:

Ubíquo, convergente e incompreensível em sua magnitude.

À minha família:

Rosiani, Donizete, Danuza, Diego e Arthur. Minha relação de amor com vocês é eterna!

Aos meus amigos:

Aos que sempre torceram por mim. A todos eles indistintamente o meu apreço!

Às minhas colegas de trabalho:

Professora Esp. Márcia Cardoso e Profª Esp. Moíra Radaelli. Muito obrigado por tudo!

À Banca de Qualificação do Projeto:

Professora Dra. Teresa Cristina e Dulce Filgueira. Suas considerações trouxeram mais luz para minha pesquisa!

Às colegas que acreditaram no meu potencial:

Professora Dra. Nívea Menezes, Professora Dra. Rosana Amaro, Professora Ma. Nelma Melani e Professora Ma. Micheli Flausino

Ao meu Orientador:

Professor Dr. Alfredo Feres Neto pela dedicação e atenção;

A todo corpo docente da FEF – Faculdade de Educação Física da UnB (Em especial ao Prof. Dr. Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende);

À parte administrativa da FEF/Pós:

Sempre se mostraram de prontidão para nos auxiliar em questões burocráticas e também pessoais. Obrigado Alba, Thiago e Quelbia.

A todos os professores de Educação Física da minha pesquisa:

que contribuíram com os questionários e permitiram que novos conhecimentos pudessem ser construídos e compartilhados socialmente.

Resumo

Este trabalho vincula-se à linha de pesquisa: Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física, Esporte e Lazer com Tema em: Mídias, Educação e Educação Física do Programa de Mestrado/Doutorado em Educação Física da Universidade de Brasília. A problemática emergida a partir de nossa prática pedagógica e leituras sobre Mídia e Corpo investigou a seguinte questão: qual a influência das redes sociais *online*, especificamente o *Facebook*, nas representações sociais de corpo na perspectiva de professores graduados em Educação Física? Tivemos como objetivos: a) Analisar representações sociais de corpo de professores graduados em Educação Física usuários da rede social *online Facebook*; b) Identificar aspectos das redes sociais *online* enquanto elementos da mídia que influenciam nas representações sociais sobre o corpo de professores de Educação Física; c) Verificar quais são as informações sobre o corpo veiculadas nas redes sociais *online* dos professores. A partir dos avanços tecnológicos e das interações humanas ocorridas através do uso dessas tecnologias podemos “observar” representações sociais conforme aponta Moscovici (2003). Levantamos como hipótese nesta pesquisa a possibilidade das representações sociais de corpo dos professores de Educação Física usuários de redes sociais *online*, especificamente o *Facebook*, sofrerem influências da mídia enquanto meio social ao qual estão inseridos. Este estudo parte de uma pesquisa qualitativa e descritiva onde os instrumentos para coleta de dados foram uma tarefa de evocação de palavras para identificarmos as representações sociais de corpo dos professores e também utilizamos um questionário *online* elaborado na plataforma da *SURVEY MONKEY* composto por questões semiestruturadas baseadas em um roteiro mínimo onde o entrevistado teve a possibilidade de discorrer de forma livre espontânea sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada que de acordo com Rangel (2004) é a condição favorável ao estudo das representações sociais. Na análise dos dados o pressuposto metodológico que norteou a pesquisa foi o processo indutivo-interpretativo que, de acordo com Kipnis (2004) contribui para descrever simultaneamente vários fatores que compõem nossa realidade, buscando uma contextualização, compreensão e interpretação do fenômeno estudado, onde o pesquisador parte de observações mais livres, deixando que dimensões e categorias de interesse emergam progressivamente durante o processo de coleta, análise e discussão dos dados. Para a análise dos dados foram estabelecidas e aplicadas categorias para classificar a variedade de representações apontadas pelos professores utilizando a análise de conteúdo de Bardin (2011) enquanto um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter por meio de instrumentos sistemáticos o conteúdo das mensagens e os indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens. Os resultados indicaram que o *Facebook* enquanto rede social e elemento da mídia através de imagens de corpos malhados, “curtidos”, “comentados” e “compartilhados” é capaz de influenciar nas representações de corpo de determinados indivíduos e que as representações sociais desses professores estão intimamente relacionadas ao elemento “saúde”, que por sua vez corresponde ao seu núcleo central e de modo secundário como núcleo periférico encontram-se as palavras “movimento, beleza, estética e vida” que também evidenciam relação com o núcleo central.

Palavras chave: Representações Sociais, Corpo, Mídia e *Facebook*.

ABSTRACT

This work is linked to the line of research: Social Studies and Pedagogical Physical Education, Sport and Recreation with Theme in: Media, Education and Physical Education of the Masters / PhD in Physical Education from the University of Brasilia. The issue emerged from our pedagogical practice and readings on Media and Body investigated the question: what is the influence of online social networks, specifically Facebook, the body of social representations from the perspective of graduate teachers in physical education? We had the following objectives: a) analyze social representations of the body of graduate teachers in Physical Education users online social network Facebook; b) identify aspects of online social networks as media elements that influence the social representations of the body of physical education teachers; c) Check what information on the body conveyed in online social networks of teachers. From the technological advances and human interactions that occur through the use of these technologies can "observe" social representations as shown by Moscovici (2003). We raised the hypothesis in this study the possibility of social representations of the body of PE teachers online social network users, specifically Facebook, suffer media influences while social environment to which they are inserted. This study is a qualitative and descriptive research where the instruments for data collection were a word recall task to identify the body of social representations of teachers and also used an online questionnaire prepared in the SURVEY MONKEY platform composed of semi-structured questions based on a minimum script where the respondent was able to work out of spontaneous freely on the subject in question without being attached to the formulated question that according to Rangel (2004) is the favorable condition to the study of social representations. In analyzing the data the methodological assumption that guided the research was the inductive-interpretive process that, according to Kipnis (2004) contributes to describe simultaneously several factors that make up our reality, seeking a context, understanding and interpretation of the phenomenon studied, where the researcher part of freer observations, letting dimensions and categories of interest progressively emerge during the process of collection, analysis and discussion of the data. For the analysis of the data were established and applied categories to classify the variety of representations pointed out by teachers using the Bardin content analysis (2011) as a set of analysis techniques of communication that seeks through systematic instruments the content of messages and the indicators that allow the inference of knowledge related to the conditions of production and reception of messages. The results indicated that Facebook as a social network and media element through bodies spotted images, "tanned", "Reviewed" and "shared" can influence the body representations of certain individuals and that social representations of these teachers are closely related to the "health" element, which in turn corresponds to its central and secondarily core and peripheral core are the words "movement, beauty, aesthetics and life" that also show relationship to the core.

Key Words: Social Representations, Body, Media and Facebook.

Lista de Tabelas

Tabela 01: Relata as categorias de corpo formuladas a partir da questão “O que é corpo?”

Tabela 02: Relata as respostas sobre a influência da mídia nas representações de corpo.

Tabela 03: Relata as categorias formuladas para a questão dos aspectos do *Facebook* que podem influenciar nas representações sociais de corpo.

Tabela 04: Relata as categorias formuladas sobre as informações de corpo que são postadas nas redes pessoais.

Tabela 05: Evidencia os quatro quadrantes do *Software EVOC* com o núcleo central e periférico a partir das respostas dos sujeitos.

Lista de Quadros

Quadro 01: respostas dos professores à questão - O que é corpo em sua opinião?

Quadro 02: respostas dos professores à questão - Você concorda que uma representação de corpo construída a partir de uma data realidade e estória de vida pode sofrer influência direta ou indireta das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)? Explique.

Quadro 03: respostas dos professores à questão - Em sua opinião um rede social *online*, como o *Facebook*, pode influenciar nas representações sociais de corpo? Se sim, de que maneira?

Quadro 04: respostas dos professores à questão - Cite um ou mais aspectos a partir da rede social *Facebook* que, em sua opinião, podem influenciar nas representações sociais de corpo de um indivíduo.

Quadro 05: respostas dos professores à questão - Que tipo de informações sobre o corpo (textos, imagens, vídeos e etc) você costuma postar ou compartilhar dentro do seu *Facebook*?

Quadro 06: respostas dos professores à questão - Você concorda que a mídia, em especial a rede social online *Facebook*, a partir do nosso *contexto* histórico atual prega e valoriza determinados padrões de beleza? Por quê?

Quadro 07: Esquema de representação da distribuição das evocações, onde o eixo vertical corresponde à frequência de evocação das palavras e o eixo horizontal à ordem de evocação.

Quadro 08: Ilustra o esquema de quadrantes do *Software* EVOC.

Quadro 09: Evidencia o elemento mais importante na tarefa de evocações livres.

Lista de Gráficos

Gráfico 01: Relata o quantitativo de professores por gênero

SUMÁRIO

	Páginas
Epígrafe	iv
Dedicatória	v
Agradecimentos	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Lista de Tabelas	ix
Lista de Figuras	x
Lista de Gráficos	xi
Introdução	14
Capítulo I – Corpo, Mídia e Educação Física	18
1.1 – Educação Física: breves aportes históricos e pedagógicos	18
1.2 – Educação Física e Corpo <i>Online</i>	26
1.3 - Categorias de corpo e identidades	33
1.4 – Mídia e Redes Sociais <i>Online</i> : o <i>Facebook</i> em foco	44
Capítulo II – A teoria das representações sociais	56
Capítulo III – Método de Pesquisa	66
3.1 – Participantes	68
3.2 – Lócus de Pesquisa	69
3.3 – Instrumentos e procedimentos	71
3.3.1- Questionário	71
3.3.2 – Evocação Livre de Palavras	73
Capítulo IV – Análise e Discussão dos Dados	75
4.1 - Análise de conteúdo do questionário online	75
4.2 - Análise da Tarefa de Evocações Livres	100
4.3 - Sobre a hipótese	106
Capítulo V - Considerações Finais	108
VI – Apêndices	111
VII – Anexos	120
VIII – Referências Bibliográficas	121

Introdução

Esta pesquisa de cunho exploratório e quali-quantitativa buscou analisar representações sociais de corpo de professores de educação física usuários da rede social *online Facebook* tentando compreender os significados que o corpo assume em nosso atual contexto histórico e em nossa realidade a partir das relações interpessoais, da relação consigo mesmo, com sua história de vida e estabelecer categorias explicativas para tornar mais clara a visão de mundo sobre a temática do corpo e das redes sociais *online*.

Nosso estudo tem como objetivo geral analisar as representações de corpo de professores graduados em Educação Física usuários do *Facebook* e como objetivos específicos, identificar aspectos das redes sociais *online* enquanto elementos da mídia que influenciam nas representações sociais sobre o corpo de professores de Educação Física e também verificar quais eram as informações sobre o corpo veiculadas em suas redes pessoais.

Investigações sobre o corpo enquanto universo simbólico nos permite desvelar aspectos da realidade que poderão permitir a clareza de determinados conceitos e visões de mundo. Para tanto, elaboramos a seguinte questão que norteou nossa problemática: qual a influência das redes sociais *online*, especificamente o *Facebook*, nas representações sociais de corpo na perspectiva de professores graduados em Educação Física?

O método utilizado para o esclarecimento dos objetivos bem como da hipótese formulada desse estudo foi um questionário *online* compartilhado com os professores de educação física, sujeitos de nossa pesquisa, e uma tarefa de evocações livres para a compreensão das representações sociais de corpo de cada um.

Sabemos que cada época é marcada por determinadas representações de corpo onde seu estudo e reflexão bem como suas determinações sócio-históricas fazem com que a corporeidade assuma posição ímpar, pois é a partir dela que nos encontramos conosco e com o outro em um contínuo processo de alteridade.

A teoria das representações sociais formulada pelo psicanalista Serge Moscovici nos permitiu, através do processo comunicativo, identificar essas representações que construímos no dia a dia e que estão relacionadas a vários fatores da existência humana. Essa teoria configura-se como um modo de compreender o mundo e como um referencial teórico metodológico que apresenta possibilidades concretas para analisarmos as representações relacionadas ao corpo a partir do diálogo com professores de educação física.

Entendendo o aspecto da comunicação como elemento de destaque tanto para a mídia como para as representações sociais, nesse bojo utilizamos o *Facebook* como rede social rica em interação e comunicação e enquanto ambiente profícuo para coleta de representações sobre o corpo. Na visão de Rosa e Santos (2013) as redes sociais são consideradas como serviços nos quais os usuários podem elaborar um perfil público ou semipúblico visando a integração e comunicação.

Intervir sobre o corpo enquanto universo simbólico considerando a contemporaneidade ou pós-modernidade líquida, fluída e efêmera nas palavras de Bauman (2004), implica em pensar nos meios de comunicação de massa como veículos que propagam e veiculam inúmeras informações sobre o mesmo e repensar sobre conceitos e possibilidades que permitem que ele possa ser refletido e analisado. E em virtude de possíveis intersecções sociais sobre a temática corpo poderemos pensar, também, em novos sentidos, significados e representações que nos permitirão um novo agir frente nossas práticas e atitudes.

Buscar representações sobre o corpo a partir de redes sociais *online* implica antes entender que esses conceitos refletem uma maneira pessoal de enxergar, sentir ou compreender algo dando uma opinião a respeito e que essa elaboração acontece a partir de uma história de vida e de um contexto específico e particular. Moscovici (2003) acredita que essa teoria, sistematizada dentro da Psicologia Social, permite articular o social e o psicológico em um processo dinâmico para compreender o pensamento social a partir dos mecanismos presentes na elaboração social da realidade.

Falar sobre o corpo é falar sobre identidade e essa questão passa pela cultura e pelo contexto sócio histórico. Para tanto, Rosa e Santos (2013) afirmam que em redes sociais *online*, como o *Facebook* por exemplo, a discussão sobre identidade perpassa duas esferas fundamentais: a influência do mercado na produção subjetiva e emocional das pessoas e as especificidades dos usuários que coabitam em dois ambientes, a sociedade e o *Facebook*.

O corpo enquanto objeto de estudo nesta pesquisa é considerado por nós como uma sede de signos sociais, pois sua reflexão permeia uma construção cultural onde cada sociedade se expressa de forma diferente por meio de corpos diferentes (DAOLIO, 1995) em uma cultura vista como sistemas organizados de símbolos que influenciam no comportamento e expressão humanos.

Através das representações que os professores de educação física apresentaram acerca do corpo a partir de um determinado contexto sócio histórico e cultural, pudemos “observar” e esclarecer determinados paradigmas e falas carregadas de significados e identidades.

A importância de captar e se adaptar a mobilidade e plasticidade típica da sociedade atual, movida pelos meios de comunicação de massa e constante construção e reconstrução do conhecimento evidencia a necessidade de aprofundar a discussão sobre o corpo representada pelos próprios professores. Moscovici (2003) alega que essa atitude contribui para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais.

Nosso estudo sobre representações sociais de corpo a partir de redes sociais *online* dentro do tema: Mídia, Educação e Educação Física se torna relevante na medida em que contribui para o avanço do conhecimento sobre questões sociais e simbólicas a partir de representações de corpo de professores graduados em Educação Física que lidam diariamente com práticas da cultura corporal de movimento e permite ampliar o acervo de estudos sobre uma temática tão complexa e rica de reflexões.

Mesmo sabendo que o estudo de representações sociais é aplicado em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais, consideramos o estudo proposto como inovador devido ao olhar diferenciado de busca dessas representações a partir da comunicação existente nessas redes sociais em um contexto de uma sociedade informatizada em que a cibercultura especificará um conjunto de técnicas materiais e intelectuais de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e valores que irão se desenvolver em parceria com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999).

Dessa maneira, percebe-se que a representação interfere em processos variados de difusão e assimilação do conhecimento, na definição de conceitos e identidades e transformações sociais se tornando de fundamental importância para a vida cotidiana e educacional.

No capítulo I falaremos um pouco sobre Corpo, Mídia e Educação Física buscando aportes históricos e pedagógicos da Educação Física, bem como sua relação com representações do corpo de forma *online* e também sobre a mídia e as redes sociais online com foco no *Facebook*.

No capítulo II apresentaremos e discutiremos o conceito de representações sociais formulado por Serge Moscovici, sobre a Objetivação e Ancoragem, uma breve discussão sobre representação social e representação coletiva e sobre identidades e categorias de corpo enquanto elementos presentes no bojo das representações sociais.

No capítulo III discutiremos o método de pesquisa através de um delineamento que possibilitou a coleta dos dados através de questionários *online* e tarefas de evocações livres.

No capítulo IV temos a análise e discussão dos dados tanto do questionário *online*

como da tarefa de evocações livres e também apontamentos sobre a hipótese formulada inicialmente.

Capítulo I – Corpo, Mídia e Educação Física

1.1 – Educação Física: breves aportes históricos e pedagógicos

Ao compreendermos a Educação Física como área de conhecimento que tematiza elementos da cultura corporal de movimento é necessário realizar um breve aporte sobre seu contexto histórico e sobre os fundamentos que a têm legitimado enquanto área de conhecimento.

De acordo com o Coletivo de Autores (1992) os exercícios físicos na forma cultural surgem na Europa no final do século XVIII e início do século XIX. A consolidação de uma nova sociedade burguesa e capitalista faz dos exercícios físicos um papel de destaque pois era necessário construir um novo homem, mais forte, ágil e empreendedor, uma vez que a força e energia física deveriam ser transformadas em força de trabalho e vendida como mercadoria.

De acordo com Soares (1994) três grandes escolas europeias influenciaram a Educação Física neste período: a escola Alemã (onde a ginástica surge para atingir a defesa da pátria criando um forte espírito nacionalista visando homens e mulheres fortes, saudáveis e robustos), a escola Sueca (voltada para extirpar os vícios da sociedade, visando um homem forte e livre de vícios) e a escola Francesa (onde a ginástica integra a ideia de uma educação voltada para o desenvolvimento social cujo lema era: “todo cidadão tem direito à educação”).

Ora, cuidar do corpo significa também cuidar da nova sociedade em construção, uma vez que, como já se afirmou, a força de trabalho produzida e posta em ação pelo corpo é fonte de lucro. Cuidar do corpo, portanto, passa a ser uma necessidade concreta que devia ser respondida pela sociedade do século XIX (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 51).

De acordo com os autores supracitados, ocorre uma preocupação com a inclusão dos exercícios físicos nos currículos escolares e da influência da Ginástica Alemã na Europa e demais países, considerada então como Educação Física. O pensamento médico higienista

também assume papel importante na função de desenvolver a aptidão física dos indivíduos, a saúde, a higiene e a eugenia ¹.

Soares (1994) em sua obra *Educação Física: raízes europeias e Brasil*, aborda essa questão ao considerar a importância da instituição escolar e da própria Educação Física como contribuição para manter e prevenir a saúde do corpo social conforme o ideal burguês oriundo da Europa.

O corpo passa a constituir-se um objeto de preocupação da classe no poder, uma vez que, o vigor físico dos trabalhadores era de vital importância para o avanço do capital. Assim, era necessário adestrar o corpo para que ele desempenhasse bem a sua função: produção e reprodução do capital.

Segundo Soares (1994), concorreram para este adestramento e disciplinarização diferentes instituições sociais para a manutenção da ordem burguesa com suas políticas de educação e saúde de expressões higienistas ² e sanitaristas.

Na escola, o exercício físico vai sendo construído a partir da área médica, com a ideia de saúde vinculada ao corpo biológico, a-histórico, composto por ossos, músculos e nervos, apenas. Esse enfoque biológico era proposital, embora, acreditamos que por si só ele não consegue responder às questões de implicações sociais, políticas e culturais.

O pensamento burguês calcado no liberalismo irá influenciar filosófica e pedagogicamente a Educação Física nos séculos XVIII e XIX em que irão prevalecer “preocupações” com uma educação voltada para o corpo diferentes para ricos e pobres.

As propostas pedagógicas liberais europeias buscaram criar condições institucionais para educar o homem universal e é nesse contexto que surge a ginástica na escola como parte integrante da educação escolar, mas uma educação que ainda não seria a mesma para todos. É interessante notar que nesse período a ginástica, pautada no exercício físico, era vista como a própria Educação Física e não como um dos seus conteúdos relativos à cultura corporal de movimento.

¹ De acordo com Soares (2007) a eugenia ousou ser uma ciência criada por Francis Galton em 1865 para tentar explicar biologicamente a humanidade, fornecendo ênfase exacerbada na raça e no nascimento permitindo a utilização desse argumento para justificar a exploração de classe ou colonial. No Brasil a Educação Física aparecerá vinculada aos ideais eugênicos de regeneração e embranquecimento da raça com propostas médicas e pedagógicas.

² O higienismo na visão de Soares (2007) é uma concepção política e ideológica oriunda da Europa no século XIX de forte caráter moralizador, normativo e adaptativo-educativo que pregava alterações de hábitos, costumes, crenças e valores com a pretensão de realizar uma assepsia da população e a Ginástica, que neste período era considerada como a própria Educação Física, cumprirá esse papel para a disciplinarização dos corpos para a manutenção da sociedade burguesa da época.

Essa preocupação com o corpo de modo conservador e utilitário (como instrumento de produção) passou a ser rigorosamente organizada pelas ciências biológicas (anatomia, biomecânica, fisiologia e medicina).

Assim, a eugenia (regeneração da raça), o higienismo, a preocupação moral e a preocupação com a pátria vão formar as bases da organização prática das ciências biológicas e da moral burguesa, afirma Soares (1994).

A Educação Física, via privilegiada para esses ideais apresentava modelos de corpo considerados belos e adequados, valorização excessiva com a atividade física, com a saúde apresentando determinada visão de mundo. Soares (1994, p. 62) a chamou de “filha do liberalismo e do positivismo”, onde a partir do século XIX ela passa a ser sistematizada em “métodos”, como protagonista de um corpo saudável enfatizado pela prática de exercícios físicos que reforçavam também um caráter militar denominado de método “Turnen”, sendo precursor do que hoje conhecemos por aparelho de ginástica.

Castellani Filho (1988) corrobora essa ideia de que a Educação Física sofreu em suas origens muitas influências dos métodos militares rígidos de disciplina e hierarquia com o propósito de formar um homem forte e saudável que pudesse representar o país em eventuais guerras.

No Brasil, especificamente nas quatro primeiras décadas do século XX, foi marcante no sistema educacional a influência dos Métodos Ginásticos e da Instituição Militar. Ressalta-se que o auge da militarização da escola corresponde à execução do projeto de sociedade idealizado pela ditadura do Estado Novo (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 53).

Darido (2001) e Castellani Filho (1988) ao dialogarem sobre as influências e tendências da Educação Física e os conteúdos escolares, alegam que uma série de abordagens teóricas e metodológicas contribuíram para a adoção de determinados conteúdos escolares e entre elas podemos citar: a Psicomotricidade (do francês Jean Le Bouch, onde o ato de aprender envolvia processos cognitivos, afetivos e psicomotores), a abordagem Construtivista (cuja intenção é a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o meio), a abordagem Desenvolvimentista (que através dos estudos de GO TANI defendia a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física com foco na aprendizagem motora), a abordagem dos Jogos Cooperativos (que sugere o uso dos jogos cooperativos como

uma força transformadora), e a abordagem da Saúde Renovada (de matriz biológica, tentava reverter a elevada incidência de distúrbios orgânicos associados à falta de atividade física).

Outras tendências consideradas críticas também foram citadas pelos autores acima: tendência Crítico Emancipatória, com base na teoria crítica de Frankfurt na Alemanha e introduzida por Elenor Kunz. Na visão deste autor o ensino do esporte deveria passar por uma transformação didático-pedagógica, para contribuir com uma reflexão crítica e emancipatória de crianças e jovens. Temos também nessa linha a abordagem dos Parâmetros Curriculares Nacionais, de orientação do Ministério da Educação e do Desporto, buscou, a partir das dimensões diagnósticas, judicativas e teleológicas ³ citadas no Coletivo de Autores (1992), estabelecer ciclos de escolarização a partir do que denominou de temas transversais (ética, orientação sexual, cidadania, saúde e etc).

E por último, citaremos a tendência Crítico Superadora que surge para romper com paradigmas que por si só não convencem os sujeitos das diferentes classes e não correspondem aos seus interesses. Assim, a pedagogia crítico-superadora trata-se de uma pedagogia emergente que visa buscar responder determinados interesses de classe.

Dessa forma, alegam Darido (2001) e o Coletivo de Autores (1992) que os conteúdos, historicamente criados e culturalmente desenvolvidos, correspondem à saberes, conceitos, linguagens, valores, crenças e etc, de determinada sociedade, formando a base objetiva do conhecimento sistematizado e das habilidades referidas aos objetivos dos métodos de transmissão e assimilação.

No âmbito da Educação Física podemos perceber muitos conteúdos configurados por atividades corporais institucionalizadas que não se encontram numa perspectiva crítica de educação e que só reproduzem traços da realidade fora da escola, frutos de normas e valores do modelo de sociedade vigente, que é o modelo capitalista que prega o rendimento e a aptidão.

Partindo de uma visão crítica de Educação Física como a abordagem Crítico-Superadora, implica considerar que é necessário realizar uma reflexão sobre a cultura corporal de movimento, sobre a expressão corporal como linguagem e considerando-as como um conhecimento que passa pelo corpo enquanto sede de signos e que é universal e ao mesmo tempo particular.

³ A reflexão pedagógica crítico-superadora do Coletivo de Autores parte de características específicas denominadas diagnósticas: porque remete à constatação e leitura dos dados da realidade; judicativas: porque julga a partir de uma ética que representa os interesses de determinada classe social e teleológica: porque determina um alvo onde se quer chegar.

Acerca dos fundamentos que têm legitimado a área de educação física historicamente Ferraz (1999) afirma que ao analisar as considerações históricas sobre o campo de conhecimento da Educação Física, a sua nomenclatura e dos seus diversos objetos de estudo propõe a discussão da problemática da necessidade (ou possibilidade) da construção de um estatuto epistemológico para a Educação Física buscando reconhecê-la enquanto ciência.

Este autor cita dois fatores que dificultam o reconhecimento da Educação Física enquanto ciência:

1º) devido à fragmentação do seu conhecimento (aparecimento de subáreas: esporte, ginástica, lutas, etc) passa a existir vários objetos de estudo, havendo uma impossibilidade epistemológica de construir um único objeto de estudo para o seu campo de conhecimento;

2º) ao citar Bourdieu, considera os conflitos epistemológicos como inseparáveis dos conflitos políticos, onde os interesses e disputas dos agentes que produzem e distribuem o conhecimento, contribuem direta ou indiretamente para a consolidação de um campo científico para a Educação Física.

Talvez, justamente por essa “aparente” fragmentação do conhecimento e de uma necessidade ideológica de legitimação de valores de uma determinada classe (ou interesses científicos, por que não?) que Betti (1987) discute essa questão de como impedir o desenvolvimento da Educação Física enquanto ciência ou ciencideologia da Educação Física.⁴

Conforme aponta Libâneo (2001), o modo de compreender pedagogicamente a educação física depende de como compreendê-la epistemologicamente e clarificar o objeto de estudo da educação física é condição para se formular uma fundamentação epistemológica e metodológica da pedagogia da educação física.

Como não faz parte do nosso objeto de estudo discutir de forma aprofundada questões epistemológicas que cercam o campo de conhecimento da Educação Física, deixamos clara nossa visão acerca da mesma a partir das considerações do Coletivo de Autores (1992) e de Betti (2001) que exaustivamente compreendem o campo de conhecimento dela como sendo relativo à cultura corporal de movimento enquanto parcela da cultura geral que abrange as formas culturais que vem sendo historicamente criadas e culturalmente socializadas no plano material e simbólico acerca das práticas corporais.

Assim, dentro da escola ela se encontra no âmbito das demais disciplinas curriculares, também, e indiscutivelmente assumindo um ponto de vista pedagógico e crítico. Libâneo (2001) afirma que se há uma dimensão física na educação, há uma dimensão pedagógica na

⁴ Conferir: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, nº 8, 1987.

Educação Física onde a teoria educacional atual concebe o ser humano como uma unidade na qual se realizam as dimensões físicas, cognitiva, afetiva, social, moral, estética, ambiental, todas elas envolvendo a personalidade humana.

A dimensão física integra tudo o que diz respeito à motricidade humana, ao domínio do espaço, aos gestos e expressões do corpo, dando origem à educação física e à prática pedagógica da educação física. Por outro lado, falamos de uma dimensão pedagógica quando se trata da prática de atividades físicas de caráter psicomotor, lúdico, higiênico, estético, esportivo, de modo a que os indivíduos desenvolvam seu potencial de saúde e de atividades físicas. Temos, aí, uma prática pedagógica que propicia a educação geral de pessoas no âmbito das atividades físicas e esportivas (LIBÂNEO, 2001, p. 1)

Ao se pensar em uma educação tomando como partida o movimento humano e seu corpo a educação encontra um papel de destaque por compartilhar saberes, métodos e técnicas centradas no corpo e no movimento enquanto meios para formar a personalidade do aluno tanto do ponto de vista pessoal como social, afirma Libâneo (2001).

A partir desse ponto de vista a educação geral passa pelo corpo enquanto universo simbólico e nos permite um desenvolvimento amplo no que se refere à normas sociais, percepções, expressões, desenvolvimento psicomotor, social, cognitivo, esquema corporal, orientação espacial, questões afetivas, sexuais e tudo mais que envolve procedimentos (o movimento enquanto meio), atitudes e valores e formulação de conceitos. Toda essa amplitude de conhecimentos sobre o desenvolvimento humano passa pelo corpo, onde a Educação Física pode intervir e contribuir de maneira específica.

Para Libâneo (2001), a pedagogia tem um significado amplo e envolve um campo de conhecimentos sobre a realidade da educação em vários contextos, cuja responsabilidade é formular objetivos sociais, políticos, culturais, e formas metodológicas e organizativas da ação educativa, visando a formação humana. Essa educação vista como prática social constitui-se de um conjunto de ações e influências sócio-culturais que irão atuar em todo o desenvolvimento humano (motricidade, cognição, estética, subjetividade e etc) orientando formas de pensar e agir que serão transmitidas de geração em geração enquanto cultura.

Já que a pedagogia indica uma intencionalidade com intuito de mudança e perspectiva crítica através de transformações sociais, as práticas corporais consideradas nessa pesquisa como visão de Educação Física deve se contrapor à formas espontaneístas de educar, pois, de

acordo com Libâneo (2001), a educação física se ocupa de processos intencionais de comunicação e internalização de saberes sobre o corpo e sobre a cultura corporal de movimento humanos.

Quando falamos em educação do corpo nos referimos a ações adotadas com a finalidade de educar/instruir e até mesmo disciplinar o corpo ou ser educado por meio dele (GERELUS, 2007). O referido autor alega que a educação do corpo tornou-se tema de debate no Brasil no século XIX onde a formação corporal deverá levar em consideração influências nos aspectos econômicos, sociais, políticos, biológicos, fisiológicos, morais, cívicos e etc.

Soares (1994; 2001) ao apresentar uma profunda contribuição para a história do corpo bem como seu processo de educação, alega que a presença do corpo exige compreensões, funcionamentos sociais e disciplinares como aspectos políticos, econômicos e sociais em uma sociedade permeada pela luta de classes e interesses antagônicos.

Tanto em Gerelus (2007) como em Soares (2001) podemos relacionar o termo educação do corpo como um conjunto de pedagogias e orientações que irão interferir ou incidir sobre o corpo dentro e fora da escola, ou seja, em lugares diversos, a partir da história do corpo e das práticas corporais: modos gestuais, comportamentos, convenções, vestimentas, falas e etc, múltiplas intervenções sistematizadas, amparadas por várias técnicas visando consolidar práticas sociais desejadas.

Segundo Soares (1994), concorrerão para um adestramento e disciplinarização do corpo diferentes instituições sociais para manutenção de determinadas regras e ideologias como políticas de educação e saúde com suas expressões higienistas e sanitaristas, pois um corpo saudável e adestrado, produz melhor e reproduz melhor o avanço do capital.

Ao relatar a influência europeia no que se refere à educação do corpo no Brasil em meados dos séculos XVIII e XIX, Soares (1994) afirma que na escola o exercício físico vai sendo construído a partir da área médica, com a ideia de saúde vinculada ao corpo biológico, a-histórico.

Pensar o lugar do corpo na educação em geral e na escola, afirma Nóbrega (2005), implica em compreender que o corpo não é um instrumento exclusivo das práticas educativas, ou seja, não é instrumento exclusivo das aulas de educação física ou de artes que apenas tem o corpo como sua referência específica.

Uma vez que nosso corpo traz marcas sociais e históricas a educação do corpo pode e deve ser tematizada nas diferentes práticas educativas (NÓBREGA, 2005) levando-se em consideração diferentes contextos e influências a partir das mais variadas transformações sociais como a passagem de uma sociedade informacional para uma sociedade em rede.

Nesse processo, afirma Tocantins (2012), à medida que surgem novas tecnologias, novas relações são estabelecidas e se por um lado o corpo é objeto privilegiado do discurso midiático na formação da subjetividade, por outro, pesquisas de campo no cenário local e nacional tem demonstrado que a escola pouco se utiliza de tecnologias educacionais no seu fazer pedagógico de forma a contribuir para a educação do corpo de modo contextualizado.

O uso da tecnologia da informação e comunicação (TIC) no processo de educação do corpo pode proporcionar uma ressignificação dos métodos tradicionais de educação e em uma reelaboração das vivências corporais considerando que as ações desenvolvidas na prática educativa por meio de projetos de TIC e educação do corpo, podem sinalizar avanços na flexibilização dos tempos e espaços escolares, possibilitando maior liberdade de expressão corporal e indicando um possível caminho de superação das limitações sobrepostas para a educação do corpo na escola (TOCANTINS, 2012).

1.2 – Educação Física e o Corpo *online*

A Educação Física compreendida como prática pedagógica que trata do movimento humano considerando-o uma forma de expressão e linguagem tem no corpo seu lócus de estudo e sede de signos que só fazem sentidos se analisados de forma contextual.

Esse corpo enquanto objeto de estudo e análises reflexivas tem na cultura corporal de movimento seu local privilegiado, pois é através do corpo que nos expressamos, nos identificamos e nos relacionamos.

Acreditamos ser complexo e muito difícil de separar o corpo de seu aspecto social e histórico e, por conseguinte, de uma cultura que se ousou ser denominada de cultura corporal de movimento pelo Coletivo de Autores (1992), e é por isso que, epistemologicamente, consideramos essa parcela da cultura do corpo como campo de conhecimento da Educação Física.

Kolyniak Filho (1996) nos esclarece que o termo educação física é composto por dois elementos: educação, que o vincula a um determinado conjunto de práticas sociais e física, que o circunscreve ao domínio daquilo que se entende por físico nos dando uma impressão de que seria uma prática ou processo de educar o físico ou educar por meio do físico.

Análises mais aprofundadas de Kolyniak Filho (1996) nos faz compreender que as concepções e práticas educacionais estão relacionadas a formas de se conceber o homem, a sociedade e o mundo e quando falamos em educação física, é necessário indagar de que educação estamos falando. A resposta para além de uma simplicidade obrigatoriamente passa pelas concepções de homem, de mundo e de sociedade, tanto do termo educação como do termo físico.

“Uma vez evidenciado que o significado da expressão educação física depende dos pressupostos filosóficos de quem a utiliza, cabe explicitar que essa expressão pode referir-se, também, a diferentes práticas sociais.” (KOLYNIK FILHO, 1996, p. 7).

Assim, alega Kolyniak Filho (1996), a educação física não é uma prática politicamente neutra porque ela é atravessada por ideologias específicas, reflexos da organização sócio-político-econômica e pedagógica de determinado período histórico.

Essa discussão faz com que o referido autor nos aponte significados da educação física segundo contextos específicos e as intenções com que eles são utilizados, ou seja, a educação física nessa perspectiva pode significar:

- um conjunto de práticas sistematizadas voltadas para o desenvolvimento de propriedades motoras do organismo humano, práticas essas que podem ocorrer em diferentes contextos institucionais ou mesmo informalmente;
- um componente curricular de processos educacionais formais que tem lugar na instituição escolar;
- uma área de conhecimento que estuda determinados fenômenos através da metodologia científica e sistematiza o conhecimento assim produzido, organizando-o em conjuntos de proposições correlacionadas, que podem constituir teorias.

Desse modo, é compreendendo seu objeto de estudo, mesmo não sendo consensual, que poderemos intervir de maneira diretiva nas práticas pedagógicas que ocorrem dentro e fora da escola considerando a contribuição de outras áreas como a sociologia, a antropologia, a psicologia e etc, uma vez que sendo o corpo um universo simbólico, ele não poderá ser reduzido à uma área exclusiva apenas, pois uma série de fatores contribuem para a construção do corpo dentro de uma determinada sociedade.

Compreender e aceitar que as práticas sociais passam obrigatoriamente pelo corpo enquanto universo simbólico implica em considerar o contexto social em que estão inseridas essas práticas e não acatá-las pura e simplesmente alegando somente que é parte da cultura que foi passada de geração em geração. Antes, é necessário tê-las como objeto constante de reflexão visando possíveis transformações sociais.

Defendemos de forma breve aqui um ponto de vista sobre a Educação Física enquanto área de conhecimento, de elaborações teóricas e metodológicas e também como área de intervenção ou campo profissional como preferem alguns estudiosos, sem no entanto aprofundarmos ou tentarmos debater de forma exaustiva sua epistemologia pois fugiríamos de certa forma do nosso viés de pesquisa.

Nesse bojo em que o corpo e suas práticas encontram-se como objeto de estudo podemos perceber que suas manifestações ocorrem em consonância com um contexto de sociedade marcada por um sistema capitalista de produção que prega valores como rendimento, eficiência, trocas, mercadorias, valorização excessiva do corpo e questões simbólicas que carecem de reflexões diárias.

Portanto, se vivemos num sistema capitalista, dependente, altamente hierarquizado nem níveis sociais, não só a escola como também o homem, o corpo, e suas manifestações culturais, serão produtos ou subprodutos das estruturas que caracterizam este sistema [...] numa relação dialética entre o indivíduo e a sociedade, entre a consciência e

a estrutura social, entre o corpo e a infra-estrutura sócio-econômica, que precisa ser resgatada (MEDINA, 1987, p. 19).

Compreender o que é o corpo, suas categorias e classificações a partir de uma simbologia não é tarefa simples uma vez que ele se sujeita à regras de linguagem e valores culturais que foram passados de geração em geração e também subjetivos, próprios de cada ser humano.

Le Breton (2007) afirma que o corpo é moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere e é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída. E é nessa perspectiva, semântica e semiótica, ou seja, relativa à significados e à signos que orientamos nossa análise sobre o corpo.

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (LE BRETON, 2007, p. 7).

Estudiosos da temática corpo como Daolio (1995) são unânimes em concordar que a cultura faz parte do desenvolvimento humano do homem e influencia em sua construção. No corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. Assim, pontua Daolio (1995), o homem por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação e atuar no corpo significa atuar na sociedade a qual ele está inserido.

A partir desses estudos percebemos que existiu ou ainda existe uma visão fragmentada e às vezes distorcida de corpo que o considera ora cultural ora biológico sem levar em consideração sua totalidade, indivisibilidade e integralidade. Um corpo que mescla questões biopsicossociais das mais variadas formas.

No que se refere aos aspectos psicossociais em se tratando de representação e suas inferências, Garcia (2005) considera que alguns mecanismos midiáticos apontam o corpo em sua máxima representacional contemporânea, mas sem destacar de forma crítica a imagem corporal que se mostra nesse âmbito comunicacional.

O avanço da tecnologia, o advento da *internet* e seus inúmeros recursos como redes sociais faz com que as reflexões sobre o corpo sejam contextualizadas, pois, de acordo com Gonçalves (1997) esse avanço da tecnologia e dos meios de comunicação acarreta uma padronização dos gostos, hábitos e consciência que irá refletir na concepção e no tratamento do corpo.

A atual conjuntura a qual estamos vivendo, ou seja, a contemporaneidade de um mundo de valores questionáveis, que exige eficiência e exacerba outros valores mais coloca o corpo em evidência no sentido de que ele passa a ser um assunto rentável tornando-se objeto de consumo, seja de produtos de beleza, estética, incentivando um narcisismo ⁵egocêntrico, se me permitem a redundância, e também de questões subjetivas e identitárias como discutimos no primeiro capítulo.

Falar sobre o corpo nesse contexto implica também em refletir acerca de sua manifestação através da mídia enquanto veículo de comunicação e sobre as implicações que ela exerce em nossos modos de pensar e lidar como o corpo.

Observamos que, nos procedimentos de persuasão da técnica publicitária, a imagem corporal potencializa o produto/marca [...] e, nesse contexto, a noção de corpo implementa-se pelas transposições da imagem espetacularizada. O exercício da publicidade eleva a imagem corporal para o máximo valor venal do produto/marca (GARCIA, 2003, p. 9).

Os sinais do corpo nas redes sociais *online*, por exemplo, permeiam as reflexões contemporâneas, onde o corpo é ele mesmo um fenômeno histórico (SANTAELLA, 2004) e a tecnologia se insere nesse tema para além de uma visão biológica e funcional, ou seja, exclusivamente com viés da fisiologia ou anatomia.

Essa visibilidade do corpo a partir das tecnologias e das redes sociais *online* também devem ser pautadas por fatores econômicos e políticos e pelos desejos que se investem sobre o corpo enquanto um produto e um modelo padronizado.

De certo modo, o corpo nos parece real e bem formulado. Cada um de nós é um corpo e fenomenologicamente experimentamos seus estados

⁵ O senso comum compreende o termo narcisismo como o amor excessivo pela própria imagem, porém, Le Poulichet (1997), a partir da psicanálise, explica que o narcisismo representa um modo particular de relação com a sexualidade, sendo um protetor do psiquismo e um integrador da imagem corporal que investe no corpo e lhe dá dimensões, proporções e a possibilidade de uma identidade, de um Eu.

todos os dias, por exemplo, na dor, no prazer, na fome, na excitação sexual, na fadiga e na doença. Olhamos para nós mesmos no espelho e para os outros e vemos entidades com fronteiras definidas a que chamamos de corpos (SANTAELLA, 2004, p. 09).

Como usuário de determinadas redes sociais *online* podemos perceber que existe certa preocupação com a imagem do corpo que é veiculada na forma de autorretratos, as famosas *selfies* e, até mesmo, com modificações e correções feitas em cima dessas fotografias através de *softwares* específicos, como o *Photoshop*, para que a imagem a ser vista possa de certa forma agradar o outro.

Ora, nas mídias, aquilo que dá suporte às ilusões do eu são, sobretudo, as imagens do corpo, o corpo reificado, fetichizado, modelizado como ideal a ser atingido em consonância com o cumprimento da promessa de uma felicidade sem máculas (SANTAELLA, 2004, p. 125).

Imagens de abdomens, dorso, rostos modificados com *Photoshop*, seios, corpos seminus, podem constantemente ser visualizados e admirados por outros usuários o que nos remete ao processo de negociação de identidade tratado por Rosa e Santos (2013), ou seja, na forma como um determinado usuário deseja ser visto apreciado e aceito pelo outro.

[...] a espetacularização do mundo na desmesura da proliferação de imagens, sobretudo as imagens do corpo, a virtualização da realidade nas redes teleinformáticas, as novas tecnologias médicas e a engenharia genética. De uma forma ou de outra, essas razões podem ser sintetizadas nas transformações do imaginário e do real do corpo ocasionadas pelas tecnologias com que o mundo e o ser humano estão sendo invadidos (SANTAELLA, 2004, p. 29).

Imagens desse tipo nos faz refletir que tipo de relação o indivíduo tem com seu corpo e o que espera do corpo do outro. Essa preocupação é importante pois nos leva a pensar qual tipo de valor está sendo disseminado na contemporaneidade e nos modos como o corpo é tratado dentro do contexto da sociedade capitalista.

O discurso do corpo e da identidade que é revelado dentro de determinadas redes sociais pode ser tanto verdadeiro como dissimulado (inventado), utilizando o termo de Rosa e Santos (2013) e está diretamente ligado ao processo de representação, ou seja, de como eu vejo, percebo e utilizo meu corpo dentro de um ambiente *online*.

Preparar o corpo através de modificações de fotografias em *softwares* ou mesmo dissimular informações para agradar aqueles que irão observá-lo nos faz pensar que o corpo

tende a ser normalizado para se enquadrar em um determinado tipo de corpo ou modelo de corpo considerado ideal o que implica em outras séries de modificações e práticas excessivas e narcísicas de atividade física em academias de ginástica.

O julgamento do outro sobre meu autorretrato ou do que eu compartilho dentro das redes sociais *online* é tão importante quanto o medo de não ser aceito em determinados grupos ou de ser criticado e exposto de forma hostil, visto que muitos perfis são públicos e abertos a outros usuários.

Essa relação do corpo na mídia que se tornou narcísica e publicitária corresponde a um ideal de corpo e de estética que deve ser desejado e buscado pelas pessoas de forma acrítica. A esse culto e preocupação exacerbados com o corpo Codo e Senne (2004) deram o nome de corpolatria.

Paralelamente com a necessária reintegração do corpo, com a urgente revalorização do prazer, se estrutura um verdadeiro CULTO ao corpo, em tudo análogo a qualquer religião, dogmática e idólatra como soem ser as religiões, em uma palavra, assistimos hoje ao surgimento de um novo universo mágico: A CORPOLATRIA (CODO e SENNE, 2004, p. 12).

De acordo com esses autores a corpolatria de certa forma coloca em questão uma luta pela reapropriação de si mesmo, um protesto contra o caráter alienante do trabalho e uma busca pela libertação do corpo que é regido por regras, alienado. Um corpo que se questiona: Quem eu sou? Por que tenho que ser assim?

A origem da corpolatria segundo Codo e Senne (2004) surge a partir de uma psicologia pautada na preocupação exclusiva com o indivíduo onde as mazelas do capitalismo irão imprimir nos indivíduos valores como: individualismo, lucro, comércio, padrões de beleza, etc, e o corpo nesse palco assume posição de destaque ao se tornar produto de consumo tanto para cosméticos, como para a publicidade e para a ideologia de uma forma geral.

Santaella (2004), nos alerta para uma questão mista de disciplina ascética, hedonista e narcísica como o *body building* (construções corporais), o *branding* (marcar o corpo por meio de queima com ferro em brasa), *piercings*, tatuagens que contemplam o *body modification* (modificações corporais). Percebe-se uma indústria do embelezamento no cenário público através dos cuidados com o corpo nos campos da sexualidade, moda, estética, dieta e exercícios físicos que de acordo com Castro (apud. SANTAELLA, 2004) a difusão e

capitalização do culto ao corpo como tendência de comportamento se apresenta com grande ênfase através da mídia.

[...] a hipervalorização da aparência física do corpo é fruto de sua excessiva exposição no espaço público. Os modelos para essa aparência são dados pela exacerbação de imagens da mídia: imagens de top models, pop stars, atores e atrizes hollywoodianas e da TV. Essas imagens funcionam como miragens de um ideal corporal a ser atingido. É a força desse ideal que estimula o investimento disciplinar necessário à reconstrução do corpo a qual implica musculação, cosmetologia, dietas. Uma vez que as imagens das mídias hipertrofiam a perfeição, através do uso de artifícios das mais diversas ordens, o ideal almejado se prova sempre inalcançável (SANTAELLA, 2004, p. 60).

1.3 - Categorias de Corpo e Identidades

Quando Moscovici (1978) questiona como se forma uma representação ou por que necessitamos dar nome ou categorizar as coisas, fatos ou objetos ele na verdade está preocupado em esclarecer que algo que nos é estranho ou desconhecido deve ser compreendido para que deixe de ser ameaçador e se torne mais claro. “De fato, representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes.” (MOSCOVICI, 1978, p. 62).

Desse modo, estabelecer categorias de corpo implica em coloca-lo como ponto em evidência para tornar mais clara nossa visão de mundo acerca de possíveis paradigmas que o corpo vem assumindo no dia a dia, pois acreditamos que desde a antiguidade o homem estabelece categorias de corpo para facilitar a compreensão de suas relações com o momento histórico ao qual está inserido.

Em nossos estudos encontramos várias categorias de corpo enquanto processos representativos de compreensão de determinada realidade e de determinados grupos sociais. Consideramos de extrema importância todos os conceitos e categorias encontrados e poderíamos citar e analisar inúmeros: corpo social, corpo sadio, corpo doente, corpo orgânico concreto, corpo perfeito e outros mais, porém nos ateremos àqueles que de certa forma consideramos mais relevantes aos objetivos de nossa pesquisa e, também, àqueles apresentados nos diálogos com os professores, sujeitos da nossa pesquisa.

Barbosa (1996) alega que sobre o corpo podem incidir as mais variadas diferenciações a partir de um contexto histórico específico, de uma cultura, classe social, idade, gênero, podendo ser atribuído um sentido polissêmico, devido a multiplicidade de significados. Essas diferenciações podem envolver pontos de vista filosóficos, construtivistas, históricos, biológicos, antropológicos, sociológicos e etc.

Em seu estudo sobre concepções de corpo de professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Uberlândia – MG, Barbosa (1996) aborda quais as principais concepções que o corpo assumiu na história do ocidente, desde os gregos na Antiguidade, chegando até os dias atuais, possibilitando assim uma melhor compreensão do fenômeno corporeidade.

O autor identifica várias categorias de corpo e de corporeidade⁶ conforme períodos históricos específicos: corpo biológico, corpo cultural, corpo máquina, corpo instrumento, corpo social e muitos outros corpos.

Uma concepção de corpo se refere à ideia, noção ou compreensão que o sujeito vai ter a respeito do seu próprio corpo e a respeito do corpo dos outros (BARBOSA, 1996). Quando o autor fala em ideia e compreensão podemos inferir que o termo concepção também pode se referir ao de representação pois, este envolve compreensão de significados, conceitos e categorias para esclarecer o que ainda não é familiar a nós.

[...] esta concepção está ligada a vários condicionantes, dentre os quais podemos destacar os condicionantes culturais, históricos, econômicos e biológicos que estão embutidos na ideia de corpo, bem como não podemos deixar de contrapor que cada sujeito humano possui uma história pessoal, seu modo de estar-no-mundo, e do embate entre estas perspectivas é que se forma a sua concepção de corpo e de mundo. (BARBOSA, 1996, p. 4)

De acordo com Medina (1987) as concepções de corpo desde a Grécia Antiga aos nossos dias, nos revela um confronto entre o idealismo e o materialismo, entre a metafísica e a dialética. Na verdade o corpo poderá ser analisado e interpretado sob diferentes pontos de vista ou diferentes correntes de pensamento para que a leitura e interpretação da realidade possa oferecer dados ou conhecimentos que irão nos deixar mais familiarizados com o seu significado ou reflexões sobre o mesmo. Como falar de corpo sem pensar na sua integralidade, no todo que o constitui? Esse todo revela aspectos que percorrem todo o desenvolvimento humano de forma ontogênica (pessoal) e filogênica (relativo à espécie humana) e passa por questões biológicas, sociais, psicológicas, genéticas, espirituais, materiais e etc.

Martineli e Mileski (2012) realizaram um estudo sobre apontamentos históricos de concepções de corpo na área da Educação Física e constataram uma forte influência da fenomenologia e de teorias pós-estruturalistas como as de Foucault e Geertz nas décadas de 1980 e 1990. Para esses autores houve dificuldade em superar a dicotomia corpo-mente a partir de bases teóricas que apresentavam limites históricos e conceituais sobre o corpo e era

⁶ Para Barbosa (1996) o termo corporeidade vai além de qualidade de corpo, possui conceituação anti-dualista e se refere ao corpo concreto, vivo e pulsante dentro de sua complexidade e de sua história particular. A corporeidade também é um termo que se relaciona ao de corporalidade de Gonçalves (1994), pois envolve o sentir, o pensar e o agir do próprio corpo como meio de manifestação e interação com o mundo.

necessário um processo radical de transformação pedagógica para balizar o estudo do corpo para além de questões reducionistas ou dicotômicas.

O mundo ocidental foi e é marcado pelo pensamento grego, como, de modo mais marcante, pelo romano e posteriormente pelo cristianismo ou filosofia cristã ocidental, assim denominado por nós em um estudo monográfico realizado em 2003 sobre repressão sexual e filosofia cristã.

Desde a Grécia Antiga até a Contemporaneidade, afirmam Cassimiro *et al* (2012), fatores políticos, econômicos e sociais influenciaram na criação das diferentes concepções de corpo.

De acordo com Assmann (*apud*. BARBOSA, 1996) nosso corpo é um corpo que foi inculcado e ensinado, ou seja, já nos inculcaram de várias maneiras que temos ou devemos ter tal ou qual corpo a partir de linguagens, signos e imagens. Um corpo adequado e conformado imposto pela cultura atual, pela ideologia e pelas organizações sociais.

A concepção de corpo no mundo helênico, na sociedade grega, levava em consideração os pensamentos dos filósofos como figuras catalizadoras de toda sociedade naquele época, alega Barbosa (1996) e muito do que é feito atualmente, assim como a forma em que está sistematizado o pensamento ocidental é, inegavelmente, um legado do homem grego (CASSIMIRO, *et al.* 2012).

Do embate entre sofistas e socráticos nasce duas perspectivas de corpo: uma a luz da moral e outra de um homem conhecedor da natureza. O corpo perde seu sentido unitário filosófico e se torna um corpo fragmentado. Sócrates coloca o cuidado com a alma antes do cuidado com o corpo como se este assumisse uma posição rebaixada. Esse pensamento irá influenciar a filosofia de Platão, que nos traz a ideia de corpo sensível e corpo inteligível, que estruturará uma visão ainda mais dualista de homem (BARBOSA, 1996).

Aristóteles discípulo de Platão, em parte segue o mesmo pensamento, mas alega que o conhecimento sensível era sim fragilizado, mas se recusava a atribuir ao intelecto uma existência superior (CASSIMIRO, *et al.* 2012).

O mundo sensível para Platão (*apud*. CASSIMIRO, *et al.* 2012) era o mundo dos sentidos, da fragilidade e do movimento ilusório que representava a sombra do verdadeiro conhecimento que estava no mundo inteligível, ou seja, um mundo superior, perfeito e eterno que só se alcança a partir da libertação dos enganos dos sentidos.

Essa concepção de corpo justificou o trabalho escravo na sociedade antiga pois o corpo social, a massa de manobra deveria ser conduzida pela nobreza. A condição de classe social passará a ser importante para a definição de controle corporal onde esse dualismo entre

corpo e alma irá permear as sociedades mesmo após o domínio do império romano que absorve o pensamento grego para justificar suas dominações, alega Barbosa (1994).

Na idade média acontece a fragmentação do império romano e com isso o corpo também continuará com sua visão dualista de suporte da alma, em que o corpo deveria ser purgado e torturado para que a alma pudesse ser redimida de seus pecados.

A idade média marcada pelo signo entre o sagrado e o profano não vê o corpo em relação harmônica com a alma, pois a carne, o corpo deveriam ser mortificados em função de uma redenção. Jejum, abstinências e autoflagelações eram constantes.

Na idade moderna a dominação sobre o corpo ocorre de maneira sutil por meio das várias estâncias da sociedade: igreja, quartéis, escolas, etc. Acontece uma nova forma de ver o corpo, porém ainda com traços do dualismo Cartesiano de corpo instrumento de trabalho e platônico de corpo instrumento da alma.

Na sociedade contemporânea mesmo com a hegemonia da concepção de corpo mecanicista novas concepções de corpo e corporeidade vieram em debate. Barbosa (1996), afirma que Karl Marx ⁷ se contrapôs a visão mecanicista através do materialismo histórico e dialético, mesmo não discorrendo diretamente sobre a questão do corpo. A desigualdade das relações sociais irá mostrar a desigualdade da relação entre os corpos fazendo com que ocorra uma análise superficial do homem sem levar em consideração o ponto de vista sócio histórico e cultural, ou seja, em sua concretude.

De acordo com Barbosa (1996) a filosofia ocidental sempre definiu o corpo como oposto da alma, assim bastava definir o significado de alma para poder definir o que era corpo. Essa condição só foi superada a partir de Descartes que estabeleceu uma diferenciação entre corpo e alma como duas substâncias independentes resultando em uma nova maneira de se conceber o corpo: corpo enquanto máquina que poderia ser estudado, esquadrinhado e analisado.

Apesar dos estudos de Barbosa (1996) datar da década de 1990 suas referências a sociedade capitalista são válidas e discutidas nos dias de hoje. O autor afirma que o modo de produção capitalista imprimiu no corpo a ideia de um corpo objeto ou corpo mercadoria passando para um corpo produtor e corpo consumidor.

À essa discussão exagerada, exacerbada e ao culto do corpo a partir do corpo consumidor Codo e Sene (2004) atribuem o nome de corpolatria, cuja marca mais evidente é o narcisismo. Assim, o corpo consumidor marca um momento histórico em que os valores

⁷ Para maior aprofundamento sobre essa questão, conferir O corpo a partir de Marx IN: O brasileiro e seu corpo (1987) de João Paulo Subirá Medina.

atribuídos ao corpo sugerem modelos de corpos considerados belos e atrativos a nível de *marketing* e propaganda.

Guedes (1995), a partir da fenomenologia da corporeidade de Merleau-Ponty cita duas categorias de corpo visando minimizar o dualismo corpo-mente e corpo-objeto: corpo próprio e corpo sujeito. Ambas consideram o corpo como um modo de ser vivido e não como objeto ou coisa.

O corpo próprio é também corpo sujeito, o que significa aquele que é, ou seja, o próprio ser individual, a própria essência (estrutura hominal), origem de todo espaço expressivo, todo sentido existencial, que não está delimitado no tempo e no espaço. A essência denuncia a complexidade do fenômeno corporeidade [...] na disponibilidade do corpo para o mundo. O corpo sujeito, ligado diretamente à essência, dita os limites do conhecimento que posso ter do outro, pôr isso nunca terei de outro corpo, a mesma amplitude do conhecimento que tenho de mim mesma." (GUEDES, 1995, p. 86)

Dentro da Educação Física enquanto área de conhecimento responsável pelo trato do movimento como expressão e linguagem, o corpo assume posição ímpar, pois é através dele e de toda uma cultura corporal que iremos assumir determinadas posturas e posições. Barbosa (1996), então, afirma que a educação física passa então por vários movimentos de acordo com cada período histórico: movimento ginástico europeu, movimento esportivo inglês, competitivismo, tecnicismo e o militarismo que vão marcar de forma profunda as suas práticas, uma vez que cada período apresenta representações e categorias de corpo diferentes.

Herzlich (*apud*. MOSCOVICI, 2003), realiza um estudo sobre representações sociais de corpo e mostra que nossas percepções e concepções de corpo variam conforme a realidade a qual estamos inseridos e que a maneira de ver e experienciar o corpo são transformadas radicalmente quando estamos imersos em determinada realidade ou grupo social. É desse modo que inferimos que as categorias de corpo ancoradas em determinados fatos ou objetos podem nos auxiliar a compreender certas situações e esclarecer certos paradigmas.

Moscovici (2003, p. 63) alega que “categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele”. Esse paradigma ao qual estamos falando se refere a um modelo de corpo ou categoria de corpo que chamaremos de corpo belo considerando o ideal de beleza valorizado pela mídia e determinados grupos sociais. O belo aqui citado não é visto sob uma perspectiva filosófica, mas como características aceitas pelos grupos em geral como belas: barriga “sarada”, glúteos grandes, baixo índice de gordura ou massa corporal, músculos

torneados e por aí seguem as mais variadas intervenções invasivas e não invasivas para deixar o corpo dentro desse padrão.

A ideia de reconstruir e modificar o corpo está ligada a vários fatores, afirma Santaella (2004), onde há uma mistura de disciplina ascética e hedonismo narcísico.

[...] a hipervalorização da aparência física do corpo é fruto de sua excessiva exposição no espaço público. Os modelos para essa aparência são dados pela exacerbação de imagens da mídia: imagens de *top models*, *pop stars*, atores e atrizes hollywoodianas e da TV. Essas imagens funcionam como miragens de um ideal corporal a ser atingido. É a força desse ideal que estimula o investimento disciplinar necessário à reconstrução do corpo a qual implica musculação, cosmetologia, dietas. Uma vez que as imagens das mídias hipertrofiam a perfeição, através do uso de artifícios das mais diversas ordens, o ideal almejado se prova sempre inalcançável. Isso retroalimenta a busca que dá sustento às indústrias da beleza, que se multiplicam nas academias de ginástica, nas fisioterapias, nos aconselhamentos presentes nas revistas, nas infinitamente variáveis receitas para o emagrecimento e o embelezamento rápidos e milagrosos. (SANTAELLA, 2004, p. 60)

Moscovici (2003) alega que a partir das categorias e das classificações se formam identidades sociais e através desses nomes e rótulos indivíduos e grupos podem ser estigmatizados, seja psicológica ou politicamente. Ao passo que as representações auxiliam na compreensão da realidade elas também podem contribuir para uma estigmatização e estereotipização do corpo através dos mais diversos tipos de influência como a mídia, por exemplo.

Santaella (2004) em seus estudos sobre corpo e comunicação alega que há uma problematização sobre o corpo que o coloca sob uma multiplicidade de ângulos colocando-o um nó de múltiplos investimentos e inquietações. Ela ainda afirma que existe uma crise do sujeito, do eu, da subjetividade que coloca em causa até mesmo ou, antes de tudo, nossa corporalidade e corporeidade.

Em sua obra sobre Corpo e comunicação como sintoma da cultura, Santaella (2004) nos apresenta uma série de categorias de corpo considerando uma perspectiva fenomenológica: corpo glorificado, corpo exorbitante, corpo simbólico, corpo real, corpo molecular e etc. Porém, a categoria de corpo que ela enfatiza considerando o avanço da tecnologia é a do corpo híbrido ou corpo biocibernético.

Corpo biocibernético na visão de Santaella (2004) implica em evidenciar o papel que a transformação tecnológica do corpo vem desempenhando para a emergência do pós-humano

fazendo alusão ao termo ciborgue que nasceu da junção de *cyb (ermetic)* + *org (anismo)*, cib(ernético) + org (anismo). Segundo ela, o termo biocibernético expõe a hibridização do biológico e do cibernético de maneira mais explícita.

A proliferação de imagens, sobretudo as imagens do corpo, a virtualização da realidade nas redes teleinformáticas, as novas tecnologias médicas e a engenharia genética de uma forma ou de outra podem ser sintetizadas nas transformações do imaginário e do real do corpo ocasionadas pelas tecnologias com que o mundo e o ser humano estão sendo invadidos (SANTAELLA, 2004). Com a hibridização ocorre uma extensão funcional dos órgãos sensórios por meio de aparatos técnicos ou próteses.

Jubé (2010) em seus estudos sobre “avatares” e a formação identitária de jovens na cibercultura trabalha com a categoria de corpo rascunho elaborada pelo sociólogo David Le Betron. Essa categoria é vista como um lugar das possibilidades, das reinvenções e da correção dos excessos. Assim, os “avatares” (representação gráfica de um corpo digital) dentro da *internet* se torna um lugar privilegiado para essas possibilidades de modificações, dentro de uma cultura virtual⁸, onde o corpo real/físico ficaria a salvo das experimentações.

Santaella (2004) alega que as experiências mediadas nos fazem refletir sobre qual é a relação entre o eu-carnal e/ou outro-carnal quando experienciamos o ciberespaço, uma vez que, segundo Jubé (2010) a cibercultura é um espaço importante na representação e identificação do corpo através das relações sociais em ambientes virtuais.

Essa é uma questão complexa que não faz parte do nosso objeto de estudo, porém convém destacar que os conceitos de ciberespaço e cibercultura foram elaborados por Lévy (1999) e se referem respectivamente à uma nova rede de comunicação surgida da interconexão mundial dos computadores e a um neologismo que especifica um conjunto de técnicas materiais e intelectuais de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e valores que se desenvolvem em parceria com o crescimento do ciberespaço.

Esses conceitos nos fazem pensar na categoria de corpo híbrido de Santaella (2004), uma vez que a sociedade vai utilizar de diferentes técnicas e tecnologias sobre o corpo e também nos remete a categoria de corpo rascunho trabalhada por Jubé (2010), onde o corpo representado *online* constitui um ícone identificador de um estilo de vida ativo, através de uma representação fragmentada como rascunho de um projeto identitário em construção.

⁸ A palavra virtual cunhada por Pierre Lévy em sua obra Cibercultura pode ser entendida a partir de 3 sentidos: técnico, ligado à informática, sentido corrente e sentido filosófico. No sentido filosófico o que é virtual existe apenas em potência e não em ato. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou normal. No sentido corrente é empregado para significar a irrealidade, como se uma coisa fosse ou real ou virtual e não as duas coisas ao mesmo tempo. Assim, o virtual existe sem estar presente.

Para Erikson (apud. ROSA e SANTOS, 2013) e Sylvestre (2013), a identidade é um processo de transformação e construção do eu que se dá por intermédio da relação entre indivíduo e meio e está relacionada à definição do que a pessoa é, ou seja, dos aspectos subjetivos que envolvem suas crenças, seus valores e as metas que deseja seguir na vida.

Na medida em que as representações podem definir, conceituar, classificar e diferenciar indivíduos entendemos que ela se relaciona com aspectos identitários e de condutas para orientar nossas ações e atitudes a partir de uma determinada visão de mundo.

Considerando esse mundo como complexo e em constante transformação Rosa e Santos (2013) assinalam que o processo de construção de identidades, de identificações envolve negociações constantes. Os autores defendem em sua obra: *Facebook e as novas identidade virtuais* que existe um processo de negociação das identidades na contemporaneidade que fazem com que as narrativas sobre nós mesmos passam pela utilização do nosso corpo e dos diferentes espaços que coexistimos, para formular identidades coerentes e baseadas em escolhas e aspirações.

Sendo assim, cremos que as identidades sociais são criadas para desempenhar papéis que contemplem determinados interesses, os quais, frequentemente, entram em conflito com as identidades pessoais e de ego ou sentida, o que sugere, novamente, a necessidade de uma negociação. (ROSA e SANTOS, 2013, p. 43)

Na visão desses autores a identidade faz parte de um processo de negociação onde o indivíduo tem a possibilidade de dissimular (omitir, criar ou recriar) aquilo que ele é de acordo com os benefícios que tais identidades podem ocasionar a ele, principalmente em um ambiente virtual onde o indivíduo não está presente fisicamente em relação a outra pessoa.

Essas formas de ser, pensar e agir do corpo na contemporaneidade são engendradas a partir do benefício que pode causar para o indivíduo considerando a comercialização e propagação veiculadas pela lógica de mercado:

[...] as situações sociais geram expectativas e influência mútua sobre os participantes (ou atores sociais) que, por sua vez, tendem a negociar suas identidades selecionando caracteres (traços e características identitárias) e facetas dessas identidades, que serão expressos, dissimulados, criados ou omitidos por meio da representação. Por outro lado, considerando os interesses explícitos nas representações, poder-se-ia comparar essa modalidade de negociação com aquela proveniente da lógica de mercado [...] (ROSA e SANTOS, 2013, p. 48)

Essa emergência da subjetividade com novas referências e padrões de identidade perpassa uma esfera valiosa ao nosso estudo que é a mídia, ou seja, a comunicação mediada por algum aparato tecnológico (ROSA e SANTOS, 2013; CONTI *et. al*, 2008).

Essa relação entre corpo e lógica de mercado é importante para nós, uma vez que, nossas representações são construídas a partir do meio social ao qual estamos inseridos e que podem ser influenciadas por meios específicos de comunicação de massa.

Considerar como hipótese inicial que as representações de corpo de professores de educação física sofrem influência de aspectos da mídia enquanto veículo de comunicação implica em afirmar no potencial da comunicação para o fator de elaboração das representações sociais e em possíveis desdobramentos dessas representações para o cotidiano das relações sociais.

A representação enquanto um modo de subjetivação construída a partir da cultura constitui-se como elemento chave em toda relação humana por permitir orientar essas relações. E mesmo que sofra influências de mecanismos ideológicos, o uso crítico por parte dos estudiosos e educadores pode permitir que novas representações sejam construídas ou reelaboradas para ampliar e fazer transcender determinadas concepções de corpo.

Dessa maneira concordamos com os autores supracitados de que a representação de corpo está relacionada e ou condicionada por questões sociais e culturais podendo sofrer influências dos mais diversos mecanismos de informação e de normas. Assim, o que eu compreendo sobre corpo (tanto o meu quanto o do outro) pode influenciar condutas, organizar ideias, orientar saberes, induzir ideologias e crenças e também gerar novas representações. De acordo com Barbosa (1994) é a partir da visão de corpo que as pessoas possuem é que elas vão se relacionar consigo mesmas, com os outros e com o mundo.

Na visão de Le Breton (2003), o corpo rascunho é considerado um acessório de criar uma identidade provisória, mas favorável. Não se contenta com o corpo que se tem e cria-se modificações para uma equiparação com a ideia que fazemos dele ou como gostaríamos que ele fosse. É bem similar ao processo de negociação de identidades citado por Rosa e Santos (2013) onde as narrativas sobre nós mesmos passam pela utilização do nosso corpo e dos diferentes espaços que coexistimos, para formular identidades coerentes e baseadas em escolhas e aspirações.

O avatar, visto como um tipo de corpo rascunho por Jubé (2010), designa uma representação de corpo virtual para garantir uma presença personificada e corporificada na rede. A partir dessa ideia eu posso “construir” o corpo que eu desejo conforme meus anseios ou para me adequar a determinados grupos dentro da *internet*.

Jubé (2010) conclui seus estudos alegando que os jovens na contemporaneidade se apropriam dos elementos da cibercultura, recriam suas identidades quando participam de comunidades virtuais e ao representarem seu corpo através da cibercultura ele tende a seguir um padrão midiático comum que se apresenta de forma fragmentada, como objeto a ser melhorado, rascunhado.

Categorias de corpo que vão surgindo a partir da análise sócio histórica colaboram, também, para a construção de identidades onde os indivíduos irão se posicionar em relação aos sentimentos e opiniões sobre aspectos da realidade que os cercam.

Jodelet (2001) corrobora a ideia de que a representação e seus processos de objetivação e ancoragem preenchem certas funções na manutenção da identidade social e do equilíbrio sociocognitivo a ela ligados sofrendo influência do meio ao qual ela é elaborada.

As instâncias ou substitutivos institucionais e as redes de comunicação informais ou da mídia intervêm em sua elaboração, abrindo caminho a processos de influência e até mesmo de manipulação social – constataremos que se trata de fatores determinantes na construção representativa (JODELET, 2001, p. 21).

Moscovici (1978) afirma que uma pessoa que responde a um questionário nada mais faz do que escolher uma categoria de respostas para transmitir uma mensagem particular para acarretar uma ordem intelectual ou pessoal. Nessa perspectiva, estabelecer categorias faz parte do processo representacional pois, auxilia o indivíduo a compreender uma determinada realidade no sentido de torná-la familiar e compreensiva.

As representações, as categorias e conceitos, “[...] determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das ideias presentes nas visões compartilhadas pelos grupos, e regem, subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas”. (MOSCOVICI, 1978, p. 51).

As categorias de corpo, enquanto elementos do processo de ancoragem, nos auxiliam a compreender, de acordo com Abric (apud. SÁ, 1996), funções identitárias e de saber, que juntas nos permitirão explicar determinada realidade através da comunicação social, a definir identidades resguardar especificidades de grupos, considerando o fato de que o propósito da representação na perspectiva moscoviciano é justamente o de conceituar, classificar e estabelecer categorias.

Rangel (2004), afirma que no curso da comunicação e interação sociais, os indivíduos formulam explicações dos objetos. Essas explicações se conduzem por categorizações ou classificações que influem nas concepções e ações.

[...] opiniões, imagens, atitudes (como veículos e expressões de representações) passam a ser entendidas não só nas influências que recebem, mas as influências que proporcionam à explicação e constituição da realidade, ou seja, aos critérios (e categorias) de compreensão dos fatos, orientação de comportamentos e identificação dos sujeitos nos grupos sociais (RANGEL, 2004, p. 54)

Captar e coletar representações num determinado período histórico, então, não implica numa imutabilidade dessas representações, pois elas variam conforme o contexto, conforme gênero, idade, etc. Cada período em que elas são coletadas e analisadas têm um peso específico, pois nos auxilia a compreender a realidade que está diante de nós.

Pensar em categorias implica em pensar o corpo como um processo de reflexão constante, pois sua relação com as novas tecnologias o coloca em condição de possibilidades, ou seja, eu posso me “reconstruir”, me “reinventar”, e mesmo que essa possibilidade seja virtual nada impede, a nosso ver, que o corpo possa ser modificado em sua postura real/física e também interna, identitária, tendo como influência os mais variados objetos midiáticos.

1.4 – Mídia e Redes Sociais *Online*: O *Facebook* em foco

A comunicação seja ela gestual, escrita, corporal, visual e etc, é um elemento importante para nos relacionarmos uns com os outros em sociedade. De acordo com Kelman (2010), o ato de se comunicar envolve um emissor e um receptor com decodificações de símbolos e sinais. Esse ato se desenvolveu desde a pré-história aos tempos atuais sucessivamente como forma de troca básica e necessária para uma vida social.

Através do domínio dos sistemas simbólicos, os indivíduos puderam classificar, abstrair, analisar, sintetizar, transmitir e compreender mensagens e, com isso, representar. Hoje, esse processo de símbolos e de comunicação está muito presente em nosso dia a dia através da mídia e seus elementos.

Quando pensamos na palavra mídia, geralmente o que nos vem à mente é a televisão e *internet*. É um pensamento que está correto, pois evidencia o fator da comunicação que é palavra chave quando falamos em mídia.

De acordo com Santaella (2003) o termo mídia está intimamente relacionado com a cultura e com a comunicação, uma vez que a cultura, na visão dela, é um mecanismo para processar e comunicar informações que são compartilhadas pelos membros de um grupo social.

Santaella (2003) chama de mídias o estudo dos meios de comunicação alegando que o termo cultura é tão abrangente ao ponto de podermos definir uma cultura nacional, uma cultura greco-romana, cultura agrícola e também cultura das mídias considerando que não existe apenas uma mídia em si:

Se cultura já é inseparável de comunicação, no caso das mídias isto se torna ainda mais indissociável, uma vez que mídias são, antes de tudo, veículos de comunicação, do que decorre que essa cultura só pode ser estudada levando-se em conta as inextricáveis relações entre cultura e comunicação (SANTAELLA, 2003, p. 29)

A evolução da comunicação de massa, afirmam De Fleur e Ball-Rokeach (1993), traz também diversas perspectivas teóricas inéditas para uma melhor interpretação de sua influência sobre os indivíduos, a sociedade e a cultura. São aplicadas teorias clássicas da sociologia e da psicologia à comunicação de massa.

Tanto em De Fleur e Ball-Rokeach (1993) como em Santaella (2003) encontramos afirmações dos primeiros veículos de massa. O livro impresso, o jornal são os precursores dessa era comunicacional mas a era da comunicação de massa se inicia no começo do século XIX, através dos jornais, telégrafos e do telefone e, posteriormente com o cinema, o rádio, a televisão e o computador, nos transformando em uma sociedade informatizada.

Considerando as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como um domínio em expansão o papel do professor se torna mais elaborado, requer novos conhecimentos e uma maior plasticidade. Isso significa que esse momento histórico deve ser levado em consideração quando formulamos um conceito ou analisamos nossa prática pedagógica, pois a cultura faz parte do desenvolvimento humano do homem e pode influenciar em sua construção enquanto ser.

Nosso mundo está em processo de transformação estrutural desde há duas décadas afirmam Castells e Cardoso (2005) em uma perspectiva multidimensional e associada à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos 60.

Castells e Cardoso (2005) afirmam que a sociedade em rede é a nossa sociedade, a sociedade constituída por indivíduos, empresas e Estado operando num campo local, nacional e internacional. É importante mencionar que o conceito atual de sociedade em rede para Castells e Cardoso (2005) se refere de forma geral à estrutura social onde a comunicação em rede transcende fronteiras e é baseada em redes globais, difundindo-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia.

Contudo, a questão da tecnologia da informação e dos processos de comunicação que ocorrem a partir da interconexão mundial dos computadores nessa sociedade em rede nos faz refletir sobre novas formas de organização social baseadas em redes sociais específicas com as redes sociais *online*.

Utilizar recursos *online* no nosso dia a dia significa dialogar sobre as fronteiras que cercam o real e o virtual quando se fala em *internet* e em processos subjetivos que ocorrem a partir dela. Dessa fronteira entre o real e o virtual, Lévy (1999) criou o termo cibercultura e ciberespaço se referindo a uma rede de conexões e meio de comunicações e de técnicas materiais e intelectuais de práticas e comportamentos que colocam em destaque a questão da distância e da análise das potencialidades mais positivas desse novo espaço.

Considerando uma possibilidade positiva da potencialidade do ciberespaço e da subjetividade tratada de forma contemporânea tivemos como foco o estudo das redes sociais

surgidas no final da década de 1990 com o advento da *internet* e que se configuraram enquanto espaços de interação humana capaz de produzir representações ou ideias sobre determinada realidade. Uma realidade, de forma não conclusa, em processo de construção por meio de vias de comunicação *online*, informatizada.

Dentre os elementos que compõem a mídia ou as mídias nas palavras de Santaella (2003) a *internet* nos chama especial atenção pela rapidez com que são veiculadas as informações e pela facilidade de acesso à ela. A conexão em rede ou *online* (em linha) é a conexão mais rápida (LÉVY, 1999).

Lévy (1999) em sua obra *Cibercultura* aborda implicações culturais do desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação enfatizando a atitude geral frente ao progresso das novas tecnologias, a virtualização da informação e a mutação global da civilização (formas artísticas, relação com o saber, educação, formação, democracia, diversidade de línguas e culturas, exclusão, desigualdade, etc). Na mesma obra ele destaca que a mídia é o suporte ou veículo da mensagem, por exemplo, o impresso, o rádio, a televisão, o cinema, a *internet*, sendo que esta é vista e conhecida pela sigla *WWW* (*World, Wide, Web* ou rede de alcance mundial) que se refere a um aglutinamento único e imenso de hipertexto que juntam todos os documentos e hipertextos que a alimentam.

Os hipertextos segundo Lévy (1999) são textos em formato digital, reconfiguráveis e fluídos compostos por blocos elementares ligados por *links* (atalhos) que podem ser explorados em tempo real na tela. Nele pode-se agregar imagens, animações ou sons.

Os primeiros computadores surgiram na Inglaterra e Estados Unidos na década de 1940 sendo reservado aos militares, mas disseminou-se para o uso civil nos anos 1960 e fez com que a informática reunisse técnicas que permitiram digitalizar a informação, armazená-la, trata-la automaticamente, transportá-la e coloca-la à disposição de um usuário final, humano ou mecânico (LÉVY, 1999).

Essa rede de informações, dados e ambientes de interação se tornou propícia para o surgimento das redes sociais *online*, que, nas palavras de Sylvestre (2013) é um termo empregado na atualidade para denominar espaços virtuais onde a interação social ocorre de maneira específica: em redes. As redes sociais quando referidas a um contexto não digital estão relacionadas às reações entre grupos de indivíduos fora do ambiente virtual ou computadorizado.

Santaella e Lemos (2010) em sua obra “Redes Sociais Digitais: a cognição conectiva do *Twitter*” alegam que as redes sociais digitais (RSIs) são plataformas-rebentos para *Web 2.0*, que inaugurou a era das redes colaborativas tais como *wikipédias*, *blogs*, *podcats*, o

YouTube, o *Second Life*, o uso de *tags* (etiquetas) para compartilhamento e intercâmbio de arquivos, vídeos e fotos.

Na visão de Rosa e Santos (2013) os sites de redes sociais passaram a existir posteriormente ao advento da *Internet*, que, por sua vez, surgiu em meados da década de 1970 nos Estados Unidos da América. De acordo com os autores o primeiro *site* de rede social *online* foi o *SixDegrees* que ao permitir o acesso ao público em geral os usuários tinham a possibilidade de criar um perfil virtual, reunindo registros de publicações e contatos abrindo espaço para comunidades mediadas por computadores, que Lévy (1999) usualmente denominou como comunidade virtual onde um grupo de pessoas se correspondiam mutuamente por meio de computadores interconectados.

Sylvestre (2013) e Lévy (1999) afirmam que uma rede social propicia uma interação mediada pelo discurso e constitui-se de múltiplas identidades e papéis sociais sendo um espaço onde se compartilha informações, imagens, vídeos, sentimentos, desejos e etc. através de técnicas e recursos que revelam e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos do homem em sociedade.

Ao relatar sobre os processos subjetivos que ocorrem a partir dos meios digitais em redes sociais, Postigo (2011) afirma que a revolução digital, a difusão da internet e a conectividade crescente dos indivíduos do contemporâneo vêm transformando as formas de existência e interação social onde o modo de vida do sujeito da atualidade, conectado cotidianamente em redes de informação atualizadas constante e incessantemente, imprime um novo modo de funcionamento objetivo e subjetivo com a cultura. E estar conectado às redes promove a inclusão do sujeito em um universo mediado e monitorado constantemente por outros usuários da rede.

A comunicação mediada pelo computador e seus vários recursos vem modificando as formas de relacionamento humano, bem como seus modos de ser, estar e agir no mundo. Estar conectado, estar *online*, implica uma série de considerações em nossos modos comportamentais e atitudinais e isso pode modificar e influenciar determinados pensamentos e mesmo comportamentos.

A visão de rede social *online* deve ser vista de maneira ampla e contextual, pois o mundo informatizado nos permite participar em tempo real de acontecimentos e fatos que estão distantes fisicamente. A participação no sentido de interação com o outro implica no compartilhamento de ideias, opiniões e pensamentos sobre os mais variados temas e assuntos gerando complexas e densas discussões. É nessa troca, no sentido de alteridade, que nos tornamos humanos, construímos processos identitários e de subjetivação.

Lévy (1999) alega que essa emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social com seu grupo líder – a juventude metropolitana escolarizada – onde suas palavras de ordem são: interconexão, comunidades virtuais, inteligência coletiva, sendo estes considerados como os três princípios orientam o crescimento inicial do ciberespaço. Através do ciberespaço, a região dos mundos virtuais, as comunidades descobrem e constroem seus objetos e conhecem a si mesmas como coletivos inteligentes.

As imagens, as postagens e tudo mais que se compartilha em uma rede social tem um propósito e com um olhar mais crítico, uma função amparada por determinada ideologia. Nossas crenças e nossos valores estão por trás de nossas postagens, mas também são influenciadas por novos pensamentos e novas filosofias.

O que se posta ou compartilha deve ser visto, comentado “curtido” para que se possa ter certo *status* em relação aos outros usuários e até em outras mídias. O corpo nesse contexto assume uma posição ímpar, pois sobre ele recaem modelos específicos de beleza e paradigmas.

Aliás, o olhar assume importante função na cultura contemporânea, em uma sociedade onde a imagética e as aparências são elementos fundamentais na lógica do consumo e na lógica da mercadoria. Sobre a imagética, entendemos que vivemos uma sociedade voyeurista, fixada escopofílica e patologicamente na dinâmica do ver/ser visto, desta feita, a questão do olhar assume lugar privilegiado em nossas reflexões (POSTIGO, 2011, p. 3).

Fisher (2002; 1999) afirma que a influência da mídia é uma fonte poderosa de produção e circulação de uma série de valores, concepções e representações sobre quem nós somos e o que devemos fazer com nosso corpo. Ela também produz conhecimento, promove trocas simbólicas e materiais em dimensões globais.

Desse modo, concepção e representação são conceitos construídos a partir de práticas sociais que permitem os indivíduos darem sentido e significado ao mundo ao seu redor e contribuem de forma significativa para a construção de identidades nos sujeitos.

Homens e mulheres, afirma Fischer (1999), precisam situar-se de um modo totalmente novo frente aos limites do próprio corpo, pois o mundo atual, contemporâneo nos faz indagar sobre os efeitos de uma reorganização da vida cotidiana, a partir da lógica do mercado, da mídia e da publicidade.

Entendemos que essa troca de informações simbólicas e materiais desses meios de comunicação, principalmente a *internet* pode apontar para possíveis reorganizações da identidade do indivíduo considerando o fato de que o que é veiculado é tido como padrão aceito, seja ele de modos de pensamento ou de modelos físicos de corpos.

Diante disso, proponho que nos perguntemos sobre como efetivamente se dão esses novos modos de produzir identidades sociais e individuais em nosso tempo. Ou seja: em que medida a presença da mídia na vida cotidiana produz, reproduz ou dinamiza certos valores, crenças, sentimentos, preconceitos que circulam na sociedade? Afinal, de que forma os meios de comunicação têm participado da disseminação de maneiras especiais de ser e estar, de agir, de comportar-se, de os sujeitos tratarem a si mesmos, a seus corpos e a seu mundo interno? (FISCHER, 1999, p. 1).

As respostas para essas indagações não são puras e simples, são complexas, uma vez que estamos falando de um território também pessoal que é a subjetividade de cada ser humano e de como ele se relaciona com esses veículos de comunicação.

Ao analisar a questão da construção social das identidades a partir da mídia e em especial, a partir da publicidade, Fischer (1999) alega que a imagem, a aparência e a fascinação que determinados produtos provocam em seus expectadores podem levá-los a crer que realmente necessitam daquilo e que devem adquirir aquele modelo seja de produto ou de corpo oferecido.

As informações e os anúncios voltados para o consumo provocam em nós uma necessidade, às vezes ilusória e efêmera, de obter aquele produto e às vezes compulsória como é o caso do culto excessivo ao corpo que comumente observamos nos meios de comunicação.

Esse poder discursivo de valores em massa, informações e símbolos está diariamente apresentado, “curtido” e compartilhado nas redes sociais *online* atualmente tem ganhado grande repercussão mundial pelo seu potencial amplo de divulgação das informações, sejam elas escritas ou audiovisuais.

As redes sociais enquanto serviços públicos onde os usuários podem compartilhar imagens, ideias, valores, e ideologias se mostram na atualidade como um novo modo de se relacionar com o outro e nos faz refletir, em termos filosóficos, sobre as fronteiras de tempo e espaço, do real e do virtual.

Nas redes sociais tem-se uma interação peculiar devido a quatro características que consideramos essenciais: dá-se por meio de perfis elaborados pelos usuários que se representam nas redes; independe de critérios de tempo e de espaço; pode advir em diferentes modalidades (um-para-um, um-para-muitos e muitos-para-muitos); permite o acesso e a interferência de diferentes usuários conectados pela rede (ROSA e SANTOS, 2013, p. 20-21).

Existem diversos *sites* de redes sociais *online* e a relação interpessoal que envolve usuários conectados é que mantém e gera o interesse dos indivíduos por essas redes (ROSA e SANTOS, 2013). Poderíamos aqui citar inúmeras redes sociais *online* e seus mais variados recursos e formas de interação como: *Orkut*, *My Space*, *LinkedIn*, *Twitter*, *Google +*, *Tumblr*, *Blogger*, *Hi5*, e o famoso *Facebook*. Não discorreremos profundamente sobre cada uma dessas redes mas convém destacar uma delas que, de acordo com Kirkpatrick (2011), tornou-se o maior *site* de rede social da história da humanidade atualmente e é nosso *locus* de estudo: o *Facebook*.

O *facebook* esta unindo o mundo, afirma Kirkpatrick (2011), e tornando-se uma abrangente experiência cultural partilhada por pessoas em todo o planeta, especialmente jovens. Apesar de seu início modesto como um projeto de faculdade de um rapaz de 19 anos de idade, tornou-se uma potência tecnológica com influência sem precedentes sobre toda a vida moderna, tanto pública quanto privada.

Ele surge como uma ideia gerada no cérebro de um garoto irrequieto e irreverente de 19 anos de idade, chamado Mark Zuckerberg em um alojamento de estudantes em Cambridge, Massachusetts (EUA).

Sua composição incluía as mais diversas gerações, geografias, idiomas e classes sociais. Talvez seja uma empresa de mais rápido crescimento de toda história. O *facebook* é ainda maior em países como o Chile e a Noruega do que nos Estados Unidos (KIRKPATRICK, 2011) e muda a forma como as pessoas se comunicam e interagem, como os comerciantes vendem seus produtos, como os governos chegam aos cidadãos e até como as empresas operam. Está de certa forma, alterando a natureza do ativismo político e, em alguns países, esta começando a afetar o processo da própria democracia. Já não é apenas um brinquedo para estudantes universitários.

Kirkpatrick (2011) nos mostra que Mark Zuckerberg estava se especializando em ciência da computação em Harvard e dividia apartamento com outros quatro estudantes. Ele

então resolve criar um *software* chamado *Thefacebook* a partir dos chamados “*facebook*” mantidos nos alojamentos dos alunos de graduação de Harvard. O *Thefacebook* ia ser uma poderosa combinação de mensagens curtas e ferramentas de alerta sobre atualizações dos perfis criados pelos usuários – um lugar em que seria possível hospedar mais informações sobre si mesmo para que os amigos pudessem ficar de olho em você.

Os “*facebook*” eram documentos impressos em papel entregues no primeiro ano de faculdade para registrar as fotos de todos os alunos acompanhados de nome completo e da escola em que cursaram o ensino médio. Eles desempenharam um grande papel na vida social universitária e fez com que o *Thefacebook* se tornasse uma ferramenta essencial (KIRKPATRICK, 2011).

De forma bastante rápida as pessoas passaram a descobrir usos práticos e proveitosos para o site como: grupo de estudos, organizar encontros, postar notícias sobre festas e etc. se tornado uma ferramenta de auto expressão, e mesmo naquela fase inicial de seu desenvolvimento, as pessoas estavam começando a reconhecer muitas facetas do seu “eu” que poderiam ser projetadas na tela como processos identitários.

O site se tornou um sucesso para além das fronteiras não só da *Harvard* como de outras universidades e para além delas, se tornando um negócio promissor e rentável, mesmo com sérias acusações de Zucherberg de ter roubado ideias para criar o *Facebook*. Na verdade, afirma Kirkpatrick (2011), seu serviço é o herdeiro de ideias que vem evoluindo há mais de quarenta anos.

Em 2005 o *Thefacebook*, já uma empresa de destaque, passa a se chamar somente *Facebook*, se tornando uma inovação pioneira na *internet*, onde várias atualizações e recursos foram criados para que a interação pudesse ser ainda maior dentro dessa comunidade virtual de interação e relacionamentos.

Até o ano de publicação da obra de Kirkpatrick (2011) O efeito *Facebook*, ele já era o segundo site mais visitado depois do *google* e tinha cerca de 2 bilhões de pessoas que o usavam regularmente. Acreditamos que atualmente esse número seja bem maior.

Assim como em Rosa e Santos (2013) escolhemos discorrer sobre o *Facebook* não somente por sua representatividade em nível mundial, nacional e local das diversas redes sociais de Internet, mas também pelo vínculo pessoal enquanto usuário desta rede.

O *Facebook* enquanto rede de comunicação quase que instantânea permite a veiculação dos mais variados tipos e propósitos e por estar inserido em um contexto de economia capitalista também apresenta características e informações voltadas ao lucro, ao mercado e à exibição do corpo de forma espetacularizada. Nesse contexto, as pessoas primam

pela exibição do corpo, ou porque estão em ótima forma física ou porque tem um exemplo de superação (antes e depois) para depor a seu favor.

Por isso, consideramos que, ao mesmo tempo em que existe a influência da lógica de mercado nas transações que ocorrem no *Facebook*, os indivíduos o utilizam de maneiras diversificadas e com interesses distintos. Com efeito, infere-se que é preciso analisar não apenas as características desse site, mas também os diferentes usos implementados e as possíveis motivações e finalidades que cada usuário encontra nesse serviço de acordo com seus interesses (ROSA e SANTOS, 2013, p. 24).

Rosa e Santos (2013) afirmam que essas concepções poderão ser interpretadas e traduzidas como práticas sociais e ao se configurarem como uma “praça pública” as redes sociais propiciam aos sujeitos a manifestação de desejos e peculiaridades dentro de um contexto histórico capitalista globalizado a partir de espaços para a livre expressão de qualquer indivíduo conectado independente das fronteiras de tempo e espaço como troca de informações e representações levando em consideração que as redes sociais são recursos que facilitam o contato a distância bem como a transmissão de informações e conhecimentos.

Ao tratar a identidade enquanto uma questão que passa pela cultura e pelo contexto sócio histórico, Rosa e Santos (2013) afirmam que em redes sociais *online*, como o *Facebook*, por exemplo, a discussão sobre identidade perpassa duas esferas fundamentais: a influência do mercado na produção subjetiva e emocional das pessoas e as especificidades dos usuários que coabitam em dois ambientes, a sociedade e o *Facebook*.

A identidade enquanto um processo de construção e transformação do eu (ROSA e SANTOS, 2013), passa a ser analisada levando em consideração as inúmeras influências que a mídia oferece: vídeos, imagens, padrões de beleza, etc, valorizando a aparência física, a imagem e o consumo. O Facebook, alega Nóbrega (2010), se configura como um cenário amplo em que é permitido construir e divulgar concepções identitárias sobre o que se é ou aquilo que se almeja ser.

Na visão de Nóbrega (2010) as redes sociais são espaços abstratos em que são estabelecidos laços afetivos e representações onde é dado ao indivíduo a liberdade de afirmar da forma que quiser, de se representar da maneira que deseje.

O poder concedido pelas redes sociais não se resume a possibilitar a criação de modelos de sujeitos e exibi-los, mas também de reunir em

um determinado grupo pessoas com características semelhantes e excluir os que diferem do modelo elegido como ideal (NÓBREGA, 2010, p. 100).

Se for possível afirmar que nossas identidades são constituídas culturalmente e estão fortemente vinculadas às práticas sociais, o que somos ou pensamos sobre nós mesmos pode estar vinculado, associado e sustentado por diversos artefatos culturais, como a mídia, por exemplo, em particular as redes sociais *online*.

Esse processo de compartilhar características particulares, íntimas e opiniões pessoais como forma de reconhecimento, afinidades ou de identificação entre os grupos e as pessoas acarreta na visão de Rosa e Santos (2013) um sentido de representação diretamente relacionado às identidades, que pode gerar repercussões na subjetividade dos usuários, bem como nos sentidos e significados que eles atribuem a essas identidades.

Os referidos autores alegam que mesmo ocorrendo o que eles denominaram de processo de negociação das identidades, ou seja, uma manipulação das informações, uma ocultação da verdade sobre o usuário e até mesmo uma dissimulação dos caracteres identitários, isso não exclui que haja a possibilidade de uma recriação interna o que, também geraria repercussões na identidade, uma vez que esse processo envolve um exercício de si mesmo para si mesmo e para o outro (ROSA e SANTOS, 2013).

Esse processo de negociação das identidades dentro do *Facebook* na visão dos autores ocorre, também, devido ao fato de alguns usuários temerem uma invasão excessiva de sua privacidade e de sua intimidade e também pelo medo de estarem vulneráveis aos estigmas sociais.

Pensamos que, ao ingressar na rede, o usuário elabora seu perfil e interage com base em uma adequação ao como pretende ser visto pelos demais na rede de acordo com seus próprios interesses. Nesse sentido, afirmamos que, ao utilizar o *Facebook*, o indivíduo seleciona certos caracteres de sua própria identidade, tendo, como critério, o como deseja ser visto, o que, de certa forma, pode estar relacionado a identidades almejadas e socialmente desejadas. Contudo, pensamos que isso não exclui a possibilidade de ele representar sua identidade, tampouco o impede de experimentar formas de ser. Portanto, acatamos, com ressalvas, a opinião referente às simulações e à hiperespetacularização da existência, pois acreditamos que, além de existirem pessoas por detrás das chamadas conexões, ao se fazerem constar nas redes sociais como o *Facebook*, as identidades dos indivíduos encontram-se, de alguma forma, implicadas no que se concebe por representação (ROSA e SANTOS, 2013, p. 29).

Nesse sentido representar o corpo nesse espaço, ou seja, apresentar e compartilhar informações sobre o meu corpo ou o corpo do outro, faz com que pensemos em modelos de corpo socialmente desejados o que implica na influência da lógica de mercado da sociedade capitalista que cria e recria padrões e categorias de corpo que possam ser rentáveis e ter *status* enquanto rede de publicidade.

A identificação com determinada teoria, ideologia ou paradigma reflete diretamente na representação de corpo de um indivíduo bem como as categorias de corpo a qual ele acredita que o corpo pertença. Identificação e identidade estão interligadas no que se refere à processos e construções histórias de cada indivíduo desde seu nascimento até a morte.

Assim, acreditamos que os reflexos dessas construções identitárias podem e são veiculados por veículos de comunicação como as redes sociais *online* e, que aquilo que um usuário “posta” ou compartilha, é reflexo de sua estória pessoal e de sua relação com o mundo.

Desse modo, as postagens além de informar, podem também contribuir para o processo de formação de novas ideias, de novas reflexões e de novos paradigmas no que se refere ao corpo e suas matizes.

De forma mais específica, um educador que utiliza de uma rede social para falar sobre o corpo o faz a partir de representações construídas ao longo de toda sua estória de vida, seus estudos, seus desejos e anseios e suas experiências enquanto ser no mundo.

Tais representações revelam características de determinadas ideologias e teorias e, que mesmo não sendo explícitas ao educador poderá criar repercussões diversas sobre o que ele acredita em relação ao corpo. Com isso, podemos inferir que suas práticas pedagógicas também estão relacionadas com a representação de corpo que ele possui. Rosa e Santos (2013) afirmam que é por meio do corpo e dos diferentes espaços nos quais coexistimos que formulamos identidades coerentes baseadas em escolhas e aspirações.

Queremos dizer com isso que a partir da identificação das representações de corpo desses educadores, professores de educação física, poderemos levantar discussões acerca de determinadas ideologias que podem relevar um discurso de corpo que não corresponde a um processo de formação crítica e de transformação social que é o intuito de uma pedagogia crítica, o que por consequência terá reflexos em uma prática não crítica.

Essa discussão sobre representações de corpo e os reflexos na prática pedagógica é muito rica e, talvez não encontrasse o espaço devido neste estudo cujo foco é apenas identificar as representações de corpo dos professores de educação física e se elas tem relação com as redes sociais *online* enquanto elementos midiáticos.

Sendo assim, pretendemos desenvolver um trabalho mais específico e mais profundo sobre essa temática em um estudo posterior de Doutorado.

Capítulo II - A teoria das representações sociais

Discutir e analisar os significados que o corpo assume em nosso atual contexto histórico a partir de representações sociais implica em compreendermos como o ser humano se relaciona com o próprio corpo e estabelece categorias explicativas para tornar mais clara a sua visão de mundo.

Cada época é marcada por determinadas representações de corpo onde seu estudo e reflexão bem como suas determinações sócio históricas fazem com que a corporeidade assuma posição ímpar, pois é a partir dela que nos encontramos conosco mesmos e com o outro em um contínuo processo de alteridade.

A teoria das representações sociais formulada pelo psicanalista Serge Moscovici nos permitiu, através do processo comunicativo, buscar essas representações que construímos no dia a dia e que estão relacionadas a vários fatores da existência humana. Essa teoria configura-se como um modo de compreender o mundo e como um referencial teórico metodológico que apresenta possibilidades concretas para analisarmos as representações relacionadas ao corpo a partir do diálogo com professores de educação física.

A partir dessa discussão, conforme Camargo *et al* (2011), acreditamos que a teoria das representações sociais, cunhada por Serge Moscovici no âmbito da Psicologia Social, poderá contribuir para a compreensão do corpo para além da dimensão individual e psicológica, esclarecendo o papel do conhecimento compartilhado nas representações sobre o mesmo.

Moscovici (1978), em sua obra *La Psycanalyse: son image et son public* sistematiza a teoria das representações sociais ao retratar as representações da Psicanálise na sociedade francesa identificando os significados atribuídos a ela naquela época, mas que podem ter se propagado até os dias de hoje. Seu estudo ocupou-se dos resultados da pesquisa de opinião através do que denominou de caderno-questionário (entrevistas e questionários) e da análise do conteúdo das informações coletadas.

Esse estudo se propôs a verificar como a Psicanálise se insere na sociedade francesa para tentar redefinir os problemas e conceitos da Psicologia Social e também compreender como conhecimentos psicanalíticos são transferidos do universo dos especialistas para a sociedade em geral.

Para o referido autor a “representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (MOSCOVICI, 1978 p. 26). Um modo de compreender a realidade, dando nome

a objetos, pessoas ou situações transpondo a representação desses objetos ou situações em imagens para uma tomada de consciência e familiarização com o desconhecido.

Na tentativa de tomar a Psicanálise como um objeto de estudo e situá-la no contexto da sociedade, buscando interligar o psicológico e o social, Serge Moscovici fez avançar e desenvolver o estudo das representações sociais acreditando que o estudo de como, e por que, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, transformando ideias em prática, através de palavras, seria problema específico da Psicologia Social.

Essa questão é importante para a teoria, pois faz-se necessário considerar tanto comportamentos individuais quanto fatos sociais, observando sua concretude e singularidade histórica (DOTTA, 2006). A autora ainda afirma que a influência dos contextos sociais sobre os comportamentos, estados e processos individuais importa tanto quanto a participação destes na construção das próprias realidades sociais.

A Psicologia Social, enquanto disciplina da Psicologia, buscará o indivíduo como objeto de estudo, porém se preocupando com a influência da questão social nos processos psicológicos, ou seja, a evolução da história individual e social em uma perspectiva psicossociológica. Para tanto, Psicologia e Sociologia são duas áreas de conhecimento que irão respaldar o uso da teoria das representações sociais.

É muito interessante notar na fala de Moscovici (1978) que quando falamos em representações sociais devemos levar em consideração que sujeito e objeto não são heterogêneos, ou seja, que o objeto representado faz parte de um contexto dinâmico e que é um prolongamento do seu comportamento. Assim, quando um indivíduo exprime sua opinião sobre um determinado objeto, ele o faz mediante determinados estímulos e pelo contexto histórico ao qual está inserido.

Toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que são o que nos tornam comuns. (MOSCOVICI, 1978, p. 25)

De acordo com Moscovici (1978) a representação contribui exclusivamente para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais e constata que a linguagem está repleta de palavras e expressões originadas da Psicanálise que todos compreendem. Essas expressões podem ser encontradas nos discursos políticos, religiosos, econômicos, filmes, piadas e em histórias em quadrinhos.

Dotta (2009) afirma que baseado nessas comprovações semi-empíricas, Moscovici julga-se autorizado a concluir que a psicanálise configura-se em um modelo que, assimilado, ensinado, comunicado, repartido, dá forma à nossa realidade. Concordamos com esses autores no que se refere aos processos comunicativos e no caso do nosso estudo, quando colocamos a questão do corpo como modelo a ser configurado e analisado, pois o que se veicula sobre o mesmo através dos meios de comunicação estão impregnados de ideias, filosofias e valores que assumem posição importante na vida das pessoas.

A autora ainda afirma que conhecendo o motivo pelo qual uma representação social é criada, faz-se necessário esclarecer o motivo pelo qual ela é empregada, de onde ela resulta, uma vez que quando um objeto proveniente de fora se insere em nosso campo de atenção, um desequilíbrio se estabelece e para reduzi-lo é necessário torná-lo compreensível aos nossos sentidos tornando-o familiar a nós.

Sem querer reduzir seu alcance conceitual apresentamos alguns conceitos sobre o termo representação social em seus mais variados arcabouços teóricos no intuito de fazer com o leitor reflita determinados pontos de vista em relação à mesma.

De fato, representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo, ou reproduzi-lo; é reconstituí-lo, retoca-lo, modificar-lhe o texto. (MOSCOVICI, 1978, p. 58)

Sá (1996), que utiliza a abordagem do núcleo central⁹ das representações sociais alega que existe um desdobramento da teoria três correntes teóricas complementares, mas sempre com a mesma matriz teórica: uma liderada por Denise Jodelet, em Paris; outra de perspectiva mais sociológica liderada por Willen Doise, em Genebra; e uma que enfatiza a dimensão cognitiva-estrutural das representações, liderada por Jean-Claude Abric, em Aix-en-Provence.

Sá (1996), afirma que Jean-Claude Abric a partir da teoria do núcleo central, considera as representações sociais com produto e processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstituem o real com que se confronta e lhe atribui uma significação específica.

⁹ Para maiores informações sobre o núcleo central conferir o capítulo III nos itens 3.3 - Instrumentos e 3.3.2 - Evocação Livre de Palavras e capítulo IV no item 4.2.

Abric (apud SÁ, 1996), sistematiza quatro funções essenciais das representações sociais:

- Funções de saber, pois elas permitem compreender e explicar a realidade através de um saber prático do senso comum e da comunicação social;
- Funções identitárias que ajudam a definir identidades e salvaguardar especificidades dos grupos;
- Funções de orientação, que guiam comportamentos e práticas, definindo o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social;
- Funções justificatórias, que permitem justificar a posteriori as tomadas de posição e os comportamentos em uma dada situação.

Nosso estudo não busca aprofundar os vários desdobramentos dessa teoria e de suas correntes, porém é necessário situar o leitor mesmo que de forma breve sobre essas discussões. Nossa pesquisa parte da matriz teórica da linha moscoviana e se desdobra para a teoria do núcleo central de Jean-Claude Abric que enfatiza a dimensão cognitiva-estrutural das representações por considerarmos que seu arcabouço teórico é compatível com nossos objetivos e nossa metodologia.

Moscovici (1978), postula a ancestralidade da representação social ao sociólogo Émile Durkheim, expressando uma continuidade considerando o estudo das representações coletivas¹⁰ antes e o uso do termo representações sociais na era moderna.

Toda representação é composta por figuras, imagens e expressões socializadas e específicas (MOSCOVICI, 1978), sendo, portanto, uma organização de imagens e linguagem a partir de símbolos e significados socialmente construídos.

Nas palavras de Jodelet (2001) representação social,

[...] é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais. (JODELET, 2001, p. 22)

¹⁰ Não faz parte desta pesquisa aprofundar o debate sobre semelhanças e diferenças entre representações sociais de Serge Moscovici e representações coletivas de Émile Durkheim. Apresentaremos de forma sucinta esses conceitos e um breve diálogo sobre os mesmos a partir do debate teórico dos autores que dialogam sobre essa questão em um tópico posterior.

Essa representação, afirma Jodelet (2001), é sempre de um objeto, que pode ser uma pessoa, uma coisa, um acontecimento material, psíquico, social, um fenômeno natural, uma ideia ou uma teoria.

Rangel (2004) organiza uma série de ensaios sobre representação social como forma de enfrentamento de problemas socioeducacionais e seu conceito também está vinculado ao de Serge Moscovici, embora tenha optado pela abordagem do núcleo central de Jean-Claude Abric. Ela enfatiza o papel da comunicação para o processo de representação que é visto como uma forma de conhecimento que promove a popularização e a familiarização do saber, trazendo-o para o universo interior dos sujeitos.

O processo de comunicação e veiculação de informações faz com que as representações que se constroem nas mensagens televisivas, por exemplo, sejam traduzidas em símbolos, sinais, significados, que orientam a interpretação do mundo real (RANGEL, 2004).

Observa-se, então, inicialmente, que os mecanismos de formação das representações auxiliam a compreender como os textos televisivos, seus conceitos, imagens, mensagens, podem ser absorvidos, naturalizados e ancorados no pensamento, na conduta, nas avaliações e nas relações sociais. Nesse processo, destaca-se, particularmente, a naturalização, acreditando-se que a passagem do mundo virtual para o real não se possa dar sem esse mecanismo, da mesma forma que o comportamento não se pode realizar sem a atitude mental que o precede e viabiliza. (RANGEL, 2004, p. 41)

Uma teoria colocada como entidade que se cruza e circula através da fala, de um gesto, no âmbito das relações sociais por uma substância simbólica e prática mescla conceitos sociológicos e psicológicos sendo, então, um modo de apreender, assimilar e tornar mais clara a realidade que nos cerca e provocar em nós um sentimento de “pertença” em relação ao meio físico, a um grupo de pessoas ou a conceitos ainda desconhecidos. Esse sentimento de “pertença” também pode ser substituído pela palavra identificação (ROSA e SANTOS, 2013), se referindo a um processo de se associar intimamente a outras pessoas ou às suas características e opiniões.

Nosso estudo sobre representações sociais de corpo parte da perspectiva moscoviciana por considerarmos o referido autor como o mentor da Teoria das Representações Sociais (TRS), mas sempre fazendo uso, quando necessário, dos vários arcabouços teóricos que se debruçaram sobre a análise desse fenômeno como: Denise Jodelet, Jean Claude Abric, Pedro Guareschi, Sandra Jovchelovith, Celso Pereira Sá, Mary Jane Spink, Robert Farr e vários

outros, cada um com seu estilo próprio de compreender a generalidade, o papel da teoria na comunicação e a gênese dos comportamentos sociais.

Sá (1996) parte do conceito de representações de Moscovici (1978) e enfatiza a questão conceitual, a questão da comunicação interpessoal, das atitudes e da imagem mental e dialoga a possibilidade de uma composição polimorfa do seu conceito.

Em todos os conceitos e discussões apresentadas podemos perceber elementos chave que sem eles tornaria comprometido ou mesmo inexistente o processo de representação: a cognição, a cultura e a comunicação.

Os modos como o homem vem produzindo e reproduzindo suas concepções ou representações de corpo e suas relações com o mundo nos faz refletir sobre as possibilidades de intervenções de vários mecanismos sociais que possam influenciar em sua construção, como a mídia, por exemplo.

Intervir sobre o corpo enquanto universo simbólico considerando a contemporaneidade ou pós-modernidade líquida, fluída e efêmera nas palavras de Bauman (2004), implica em pensar nos meios de comunicação de massa como veículos que propagam e veiculam inúmeras informações sobre o mesmo e repensar sobre conceitos e possibilidades que permitem que ele possa ser refletido e analisado. E em virtude de possíveis intersecções sociais sobre a temática corpo poderemos pensar, também, em novos sentidos, significados e representações que nos permitirão um novo agir frente nossas práticas e atitudes.

A importância de captar e se adaptar a mobilidade e plasticidade típica da sociedade atual, movida pelos meios de comunicação de massa e constante construção e reconstrução do conhecimento evidencia a necessidade de aprofundar a discussão sobre o corpo representada pelos próprios professores. Moscovici (2003) alega que essa atitude contribuirá para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais.

Nosso estudo sobre representações de corpo a partir de redes sociais *online* dentro do tema: Mídia, Educação e Educação Física se torna relevante na medida em que contribui para o avanço do conhecimento sobre questões sociais e simbólicas a partir de representações de corpo de professores graduados em Educação Física que lidam diariamente com práticas da cultura corporal de movimento e permite ampliar o acervo de estudos sobre uma temática tão complexa e rica de reflexões.

Mesmo sabendo que o estudo de representações sociais é aplicado em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais, consideramos o estudo proposto como inovador devido ao olhar diferenciado de busca dessas representações a partir da comunicação existente nessas redes sociais em um contexto de uma sociedade informatizada em que a cibercultura especificará

um conjunto de técnicas materiais e intelectuais de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e valores que irão se desenvolver em parceria com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999).

Entendendo a mídia como suporte ou veículo da mensagem, Lévy (1999), alega que trabalhar nesse mundo contemporâneo significa produzir conhecimentos, pois no ciberespaço as tecnologias se amplificam e modificam numerosas funções cognitivas, onde as formas de compreender a realidade devem ser pensadas e analisadas a partir de uma perspectiva de mutação contemporânea.

Dessa maneira, percebe-se que a representação interfere em processos variados de difusão e assimilação do conhecimento, na definição de conceitos e identidades e transformações sociais se tornando de fundamental importância para a vida cotidiana e educacional.

Na perspectiva moscoviciana existem dois processos de formação das representações sociais: a objetivação e a ancoragem.

Moscovici (1978) alega que não se pode dar uma resposta completa e absoluta de como se forma uma representação de um determinado objeto social, mas aponta caminhos para a compreensão do processo de sua gênese através do que chamou de objetivação e ancoragem, esta também conhecida como amarração.

Segundo o autor, a objetivação faz com que se torne real um esquema que antes era apenas um conceito, dando a esse conceito uma materialidade. Objetivar é tornar os símbolos, os signos de certa maneira “palpáveis”, materializados, para facilitar nossa compreensão da realidade.

A objetivação, de acordo com Dotta (2006), é um processo responsável pela transformação de um esquema conceitual em real, atribuindo uma contrapartida material a uma imagem, transpondo para o nível de observação o que era apenas inferência ou símbolo.

Já a ancoragem, afirma Jodelet (2001), acontece pela integração cognitiva do objeto representado, seja ele uma ideia, um acontecimento, uma pessoa, uma relação e etc, a um sistema de pensamento social preexistente as transformações implicadas, permitindo uma classificação, denominação e conceituação do que é estranho e desconhecido para torná-lo familiar.

Nas palavras de Moscovici (1978), ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns é colocá-las em um contexto familiar, pois ancorar é classificar e dar nome a alguma coisa. “Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras.” (MOSCOVICI, 1978, p. 61).

O autor alega que mais importante que saber de onde vem uma representação é saber qual a sua função dentro da sociedade e para tanto, ao analisarem as funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo, Camargo, *et al* (2011), assinalaram que o corpo humano além de ser um organismo natural, constitui-se a partir de representações individuais e sociais que podem ser modificadas a partir de como os indivíduos percebem, usam e transformam seu corpo.

A imagem corporal, de acordo com esses autores, se relaciona à imagem mental que o indivíduo tem de seu corpo e se relaciona também com o processo de representação, pois representar implica em conhecer o que é desconhecido estabelecendo vínculos psicológicos através dos processos de objetivação e ancoragem, conforme aponta Moscovici (1978).

O corpo constitui-se de representações e essas representações podem ser modificadas numa dinâmica que se manifesta na forma como os indivíduos usam percebem e transformam seu corpo, afirmam Camargo *et al* (2011), onde as imagens corporais também passam por um intercâmbio contínuo entre a nossa própria imagem e a imagem dos outros.

Camargo *et al* (2011) assinalam que dentre as inúmeras funções sociais das representações de corpo, três assumem papel de destaque: a ação, a cognição e a afetividade. Essas funções acontecem nas interações sociais para responder as normas sociais de aceitação e pertencimento em determinados grupos.

Assim, as funções sociais que regulam o modo de ser, pensar e agir do homem e de seu corpo podem apresentar aspectos normativos considerando o fato de que o propósito da representação na perspectiva moscoviciana é justamente o de conceituar, classificar e estabelecer categorias evidenciando seus processos de objetivação e ancoragem.

Quando falamos em representações sociais não podemos deixar de mencionar a origem do termo que foi formulado por Serge Moscovici a partir do conceito de representação coletiva do sociólogo Émile Durkheim.

Qualificar um representação de social, alega Moscovici (1978), equivale a optar pela hipótese de que ela é produzida, engendrada, coletivamente mas evidenciando a importância do indivíduo na gênese das concepções adotadas pela sociedade.

A mudança da palavra “coletiva” para “social” é usada por Moscovici (1978) como uma mudança de perspectiva, pois para qualificar uma representação de social não basta definir o agente que a produz, pois é mais instrutivo saber por que se produz uma representação, ou seja, enfatizar a função a que ela corresponde.

Foi Durkheim o primeiro a propor a expressão “representação coletiva”. Quis assim designar a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual. Assim como, em seu entender, a representação individual é um fenômeno puramente psíquico, irredutível à atividade cerebral que o permite, também a representação coletiva não se reduz à soma das representações dos indivíduos que compõem uma sociedade (MOSCOVICI, 1978, p. 25)

De acordo com Dotta (2006), para fazer frente à perspectiva individualista que predominava na Psicologia Social, Moscovici foi buscar uma primeira contrapartida conceitual em uma vertente sociológica oposta que seria o conceito de representações coletivas de Durkheim, para quem as tentativas de explicar psicologicamente os fatos sociais se constituíam em um erro grotesco.

Desse modo, Moscovici (1978) busca descobrir em atos psíquicos origens sociais, onde o adjetivo social que sucede o substantivo representação deve ser usado para indicar a função de uma representação (DOTTA, 2006) e as representações coletivas de Durkheim se referiam a fenômenos mais gerais como religião, espaço, tempo, ciência sem levar em consideração os processos de formação de conduta e de orientação das comunicações sociais.

A noção de representação social de Moscovici surge a partir de sua concepção de que a noção de representação coletiva de Durkheim descreve, ou identifica, uma categoria coletiva que deve ser explicada a um nível inferior, isto é, em nível de Psicologia Social (FARR, apud DOTTA, 2006)

As representações sociais denotam uma estrutura cognitiva específica, e não uma vasta classe de ideias ou de acontecimentos, todos de origem coletiva, pois o indivíduo sofre a pressão das representações dominantes da sociedade e é nesse meio que pensa e exprime seus sentimentos, o que faz com que essas representações diferem de acordo com a sociedade em que nascem e são moldadas (MOSCOVICI, 1978).

Assim, Moscovici (2003) vê no termo representação social certa dinamicidade, considerando aspectos da modernidade que necessitam ser melhor compreendidos em detrimento ao termo representação coletiva de Durkheim, oriundo da sociologia, como artifícios explanatórios irredutíveis a qualquer análise posterior. O que antes era visto com um conceito, hoje deve ser visto como um fenômeno a ser descrito, explicado, analisado e estudado, considerando sua estrutura e dinâmica internas.

Sá (1996) afirma que Serge Moscovici não tem a intenção de “anular” ou revogar o conceito de representação coletiva de Durkheim, mas sim de conferir-lhe um novo olhar e acrescentar outros fenômenos ao campo de estudo.

Capítulo III – Método de Pesquisa

Uma pesquisa científica, nas palavras de Ciribelli (2003), é um instrumento altamente racional que pressupõe uma ação qualificada de qualquer trabalho de forma ordenada, metódica e lógica a partir de um problema científico, ou seja, de uma realidade ainda desconhecida pelo pesquisador.

Este estudo analítico e crítico dos métodos de investigação e comprovação é denominado de metodologia científica pela mesma autora, e envolve método (conjunto de procedimentos visando o alcance dos objetivos da investigação) e técnica (um meio que auxilia o método).

Como base metodológica nesta pesquisa inicialmente foi realizada uma revisão de literatura a respeito dos assuntos abordados, buscando compreender como se situava a reflexão sobre a Teoria das Representações Sociais e também das temáticas mídia, redes sociais *online* e corpo.

Trabalhamos com a pesquisa qualitativa proposta por Minayo (2007), por compreendermos que ela envolve a compreensão e interpretação de significados e intenções nas relações sociais para compreender a lógica interna de um grupo social bem como seus valores, crenças e representações. Assim, corroboramos com a idéia de Spink (2002), de que a pesquisa que envolve representação social e estando comprometida com situações sociais naturais e complexas é necessariamente uma pesquisa qualitativa.

Dotta (2006) afirma que quando se trabalha com representações sociais não se prioriza nenhum método específico, o que faz com que muitos pesquisadores se dediquem exclusivamente a métodos qualitativos, estatísticos ou experimentais. Nessa pesquisa optamos pelo método qualitativo por envolver a compreensão e interpretação de significados através da representação, da linguagem.

A partir dessa abordagem qualitativa para compreensão de uma realidade específica, nos apoiamos na pesquisa descritiva enquanto orientação metodológica, que, de acordo com Ciribelli (2003), é uma pesquisa onde os fatos serão observados, registrados, analisados, classificados e interpretados sem que o pesquisador interfira neles. A maioria das pesquisas desenvolvidas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais é considerada como pesquisa descritiva, como também as pesquisas de opinião, que em geral utilizam como técnica de coleta de dados levantamentos, questionários e entrevistas (CIRIBELLI, 2003).

Na perspectiva de Gil (2008) as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno e são incluídas nesse grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar opiniões, atitudes e crenças de uma determinada população.

3.1 – Participantes

Os sujeitos da nossa pesquisa compreenderam professores graduados em Educação Física das Escolas Públicas de São Sebastião que é uma Região Administrativa do Distrito Federal.

São Sebastião faz parte das 30 Regiões Administrativas do Distrito Federal inicialmente denominada Agrovila São Sebastião. Possui limites territoriais com outras 4 Regiões Administrativas: Paranoá, Santa Maria, Lago Sul e Jardim Botânico.

De acordo com o *Site* da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), no senso de 2010 a cidade tinha uma população de mais ou menos 87.283 habitantes e uma renda *per capita* de 522,42.

De acordo com Behmoiras (2013) estima-se que atualmente o número de habitantes gire em torno dos 100 mil e sua organização político-administrativa conta com a Secretaria de Estado de Educação que é responsável pela gestão de políticas públicas educacionais e pela Coordenação Regional de Ensino local responsável pela organização administrativa e pedagógica das 23 escolas distribuídas pela cidade.

A escolha pela cidade de São Sebastião se deu pelo fato de já exercermos uma relação de trabalho enquanto professor efetivo da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e pelo contato mais próximo com os sujeitos da pesquisa, os professores de Educação Física.

Nossa pesquisa envolveu 42 dos 57 professores, uma vez que alguns não eram usuários do *Facebook* e outros se encontravam de licença no período de coleta. Eram professores de ambos os sexos, todos graduados em educação física e com atuação na CRE de São Sebastião - DF. Em um primeiro momento fizemos um levantamento não oficial dos professores já adicionados em nossa rede pessoal do *Facebook* e em seguida foi fornecido pelo Núcleo de Recursos Humanos da CRE uma lista com todos os professores de educação física por escola.

Os professores foram abordados em seu momento de regência e em seguida foi solicitado outro dia e horário para que pudessem responder à primeira parte da pesquisa, no caso a tarefa de evocações livres, e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As idades dos professores variavam entre 22 e 59 anos e o tempo de regência em sala de aula de 3 meses há 25 anos.

3.2 – Lócus de Pesquisa

O *lócus* de nossa pesquisa compreendeu a rede social *Facebook* a partir das falas dos professores usuários dessa rede social através do questionário *online* e da tarefa de evocações livres.

Em nossas pesquisas bibliográficas não encontramos estudos que retratassem a temática do corpo e das representações sociais nas escolas dessa rede pública de ensino, o que fez com que privilegiássemos dentre as várias redes sociais existentes o *facebook* por ser a rede social mais utilizada pelos professores de acordo com um levantamento prévio.

As redes sociais enquanto serviços públicos onde os usuários podem compartilhar imagens, ideias, valores, e ideologias se mostram na atualidade como um novo modo de se relacionar com o outro e nos faz refletir, em termos filosóficos, sobre as fronteiras de tempo e espaço, do real e do virtual.

De acordo com Kirkpatrick (2011) o *facebook* está unindo o mundo e tornou-se o maior *site* de rede social da história da humanidade atualmente proporcionando uma abrangente experiência cultural partilhada por pessoas de todo planeta, principalmente por jovens.

Apesar de seu início modesto como um projeto de faculdade de um rapaz de 19 anos de idade, chamado Mark Zuckerberg, tornou-se uma potência tecnológica com influência sem precedentes sobre toda a vida moderna, tanto pública quanto privada.

Kirkpatrick (2011) nos mostra que Mark Zuckerberg resolve criar um *software* chamado *Thefacebook* a partir dos chamados “*facebook*s” mantidos nos alojamentos dos alunos de graduação de Harvard. O *Thefacebook* ia ser uma poderosa combinação de mensagens curtas e ferramentas de alerta sobre atualizações dos perfis criados pelos usuários – um lugar em que seria possível hospedar mais informações sobre si mesmo para que os amigos pudessem ficar de olho em você.

Os “*facebook*s” eram documentos impressos em papel entregues no primeiro ano de faculdade para registrar as fotos de todos os alunos acompanhados de nome completo e da escola em que cursaram o ensino médio. Eles desempenharam um grande papel na vida social universitária e fez com que o *Thefacebook* se tornasse uma ferramenta essencial (KIRKPATRICK, 2011).

Em 2005 o *Thefacebook*, já uma empresa de destaque, passa a se chamar somente *Facebook*, se tornando uma inovação pioneira na *internet*, onde várias atualizações e recursos

foram criados para que a interação pudesse ser ainda maior dentro dessa comunidade virtual de interação e relacionamentos.

As imagens, as postagens e tudo mais que se compartilha em uma rede social tem um propósito e com um olhar mais crítico, uma função amparada por determinada ideologia. Nossas crenças e nossos valores estão por trás de nossas postagens, mas também são influenciadas por novos pensamentos e novas filosofias.

O que se posta ou compartilha deve ser visto, comentado e “curtido” para que se possa ter certo *status* em relação aos outros usuários e até em outras mídias. O corpo nesse contexto assume uma posição ímpar, pois sobre ele recaem modelos específicos de beleza e paradigmas a partir de trocas de informações simbólicas e subjetivas.

3.3 – Instrumentos e procedimentos

3.3.1 Questionário *online*

Como técnica de coleta de dados utilizamos um questionário eletrônico ou *online* composto por questões semiestruturadas baseadas em um roteiro mínimo onde o entrevistado teve a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada, pois, conforme Rangel (2004) a livre e espontânea expressão é a condição favorável ao estudo das representações sociais.

De acordo com Ciribelli (2003) o questionário é uma observação direta e extensiva em que o pesquisador coleta dados para sua pesquisa através de perguntas que devem ser respondidas por escrito.

O questionário eletrônico (Ver modelo nos APÊNDICES) foi elaborado utilizando o recurso da *SurveyMonkey* que é uma plataforma com larga escala de experiência em metodologia de questionários e em tecnologia da *Web* cuja missão é oferecer aos seus clientes a maneira mais fácil possível de obter as informações que ele precisa para fazer escolhas inteligentes e bem fundamentadas, além de simples e avançadas, afirma Ryan Finley fundador da *SurveyMonkey*.

Ela é composta por um grupo de profissionais e empreendedores com formação em áreas diversas de tecnologia e informação nos Estados Unidos da América (EUA) sendo um grande fornecedor mundial de soluções de questionários pela *Web*.

O *site* oferece serviços gratuitos e pagos como: suporte 24hs, privacidade e segurança com dados criptografados e *backups* multimáquinas para manter os dados seguros e, de acordo com o Diretor Ryan Finley, empresas, instituições acadêmicas e organizações de todas as formas e tamanhos são beneficiadas diariamente através de avaliações de satisfação de clientes, desempenho de funcionários, avaliações e pesquisas de percepção. É necessário que o cliente/usuário faça um cadastro com *login* e senha e, caso queira utilizar os recursos mais avançados do *site* é preciso atualizar o plano mediante cartão de crédito ou boleto bancário.

Basicamente a *SurveyMonkey* é uma plataforma onde o usuário pode enviar questionários com modelos estabelecidos ou previamente formulados para obter *feedback* e em seguida analisar os resultados. Os questionários podem ser enviados via *link* da *web*

diretamente para o *e-mail* das pessoas ou publicados no *Facebook*. Também é possível inserir respostas de forma manual e depois solicitar análise dos resultados através de resumos, exportação de dados, gráficos, tabelas, análise de texto com palavras mais evocadas e por categorias.

Em nossa pesquisa o *link web* do questionário foi enviado via *Facebook* dos professores através de mensagem privada após o contato com os mesmos e sua permissão para adicioná-lo em nossa rede pessoal. Ao clicarem no *link web* do questionário eles eram levados de forma automática para o *site* da *SurveyMonkey* onde elaboramos nossas questões. As conexões de segurança entre usuário e aplicativo são criptografadas para garantir a confiabilidade e a proteção dos dados. Todos os dados de usuários são armazenados em servidores localizados nos Estados Unidos e em Luxemburgo (Europa).

3.3.2 - Tarefa de Evocações Livres

Também como técnica de coleta de dados aplicamos uma tarefa de evocação livre ou associação livre de palavras (Conferir modelo nos APÊNDICES) a partir da palavra-estímulo “CORPO” que consistiu em solicitar aos sujeitos que citassem palavras ou expressões que viessem a sua mente sobre a questão do corpo sem se prenderem a demoradas formulações.

Nas palavras de Bardin (2011) o teste por associação de palavras, é o mais antigo dos testes projetivos, e, permite em Psicologia Clínica, ajudar a localizar as zonas de bloqueamento e de recalçamento de um indivíduo e também para fazer surgir espontaneamente associações relativas às palavras exploradas ao nível dos estereótipos que criam.

Teixeira, *et al* (2008) afirmam que em pesquisas de representação social evocações com frequência igual a um não apresentam nenhuma importância em termos de representatividade do grupo por serem evocações isoladas de sujeitos. Sendo assim, trabalhamos com cerca de cinco evocações por sujeito a partir da palavra-estímulo.

De acordo com Dotta (2006) e Rangel (2004) consideramos que essas duas opções atenderam ao interesse de identificar e captar as representações sociais dos sujeitos envolvidos nessa pesquisa.

Para analisar os dados dos questionários foram exportadas tabelas e gráficos com os dados das repostas do questionário *online*. O passo seguinte foi calcular a porcentagem de incidência no universo pesquisado, levando-se em consideração a quantidade de respostas obtidas e não a quantidade de sujeitos pesquisados.

Tivemos um retorno de 36 questionários *online* em relação ao total de professores que participaram da pesquisa. A tarefa de evocação era respondida durante o primeiro contato e recolhida e posteriormente era enviado o *link web* para o direcionamento até o questionário. Tentamos inúmeros contatos com os professores que realizaram a primeira parte da pesquisa (tarefa de evocações) para que terminassem a mesma respondendo o questionário *online*. Infelizmente não obtivemos sucesso devido à livre escolha dos sujeitos e obtivemos um total de 36 questionários *online* entre os 42 professores pesquisados.

Para a análise dos 36 questionários coletados foi utilizada a seguinte metodologia: exportação de tabelas e gráficos do *SurveyMonkey* e, em seguida, análise das falas dos sujeitos as informações correspondentes às questões propostas.

Nas citações das falas dos professores entrevistados foram omitidos seus nomes, para resguardar o sigilo dos mesmos em relação ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEPS-UnB), porém para serem identificados, criou-se um código que pode ser lido abaixo de cada fala citada, que poderá ser compreendido da seguinte forma: F para feminino, M para masculino, e os números sequenciais de acordo com a ordem de resposta: F1, F2, M1, M2 e assim por diante.

Após a categorização dos dados em tabelas, foi feita uma análise baseada nas teorias estudadas, buscando compreender as representações sociais presentes nas falas dos professores e possíveis relações com a mídia.

Para a análise das 42 tarefas de evocações livres realizadas foi utilizada a seguinte metodologia: exportação de tabelas e gráficos do *Software* EVOC bem como da análise textual e palavras mais evocadas e, em seguida, uma breve identificação do núcleo central e dos termos periféricos das representações sociais conforme as indicações de Sá (1996).

Capítulo IV – Análise e Discussão dos Dados

4.1 - Análise de Conteúdo do questionário *online*

De acordo com Franco (2012) o ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada que expressam representações sociais na qualidade de elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento.

Nas palavras de Bardin (2011),

A análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não (BARDIN, 2011, p. 46).

A intenção da análise de conteúdo é a inferência, ou seja, as descrições e interpretações sobre qualquer um dos elementos da comunicação considerando o fato de que o interesse não está somente na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes poderão ensinar após serem tratados (BARDIN, 2011).

O próprio Moscovici (2003) ao tratar das representações sociais da Psicanálise utilizou do método de análise de conteúdo alegando que para compreendermos melhor a relação que se estabelece entre o comportamento humano e as representações sociais, devemos partir da análise do conteúdo das representações e considerar, conjuntamente, os afetos, as condutas, os modos como os atores sociais compartilham crenças, valores perspectivas futuras e experiências afetivas e sociais.

Dentre as manifestações do comportamento humano, a expressão verbal, seus enunciados e suas mensagens, passam a ser vistos como indicadores indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados

às práticas educativas e a seus componentes psicossociais (FRANCO, 2012, p. 8).

Quando falamos em análise de conteúdo, afirma Mucchielli (*apud*. FRANCO, 2012) devemos levar em consideração que a semântica, compreendida como uma busca descritiva, analítica e interpretativa do sentido que um indivíduo atribui às mensagens verbais ou simbólicas, é o pão cotidiano que fundamenta essa técnica.

Na visão de Franco (2012) o primeiro desafio do pesquisador que se utiliza da análise de conteúdo está na definição das unidades de análise, que se dividem em unidades de Registro (a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas) e unidades de contexto (que é a parte mais ampla do conteúdo a ser analisado e são consideradas como pano de fundo que imprimem significado às unidades de análise).

O tema dentro da unidade de registro é considerado por Franco (2012) como a mais útil unidade de registro, em análise de conteúdo indispensável sobre estudos de representação social, por exemplo, desde que esse processo de redução de unidades temáticas esteja precisamente definido.

Após a definição das unidades de análise chega um momento de extrema importância para a análise de conteúdo: a criação de categorias de análise, ou seja, categorizar, por exemplo, de forma semântica as categorias temáticas que reagrupem todos os temas semelhantes dentro de uma categoria somente (BARDIN, 2011; FRANCO, 2012).

De acordo com Franco (2012) é importante construir quadros ilustrativos para facilitar os procedimentos de agrupamentos, de classificações e de pré-análises como elementos fundamentais para auxiliar a criação de categorias para poder inferir, analisar e interpretar os dados submetidos a uma análise de conteúdo.

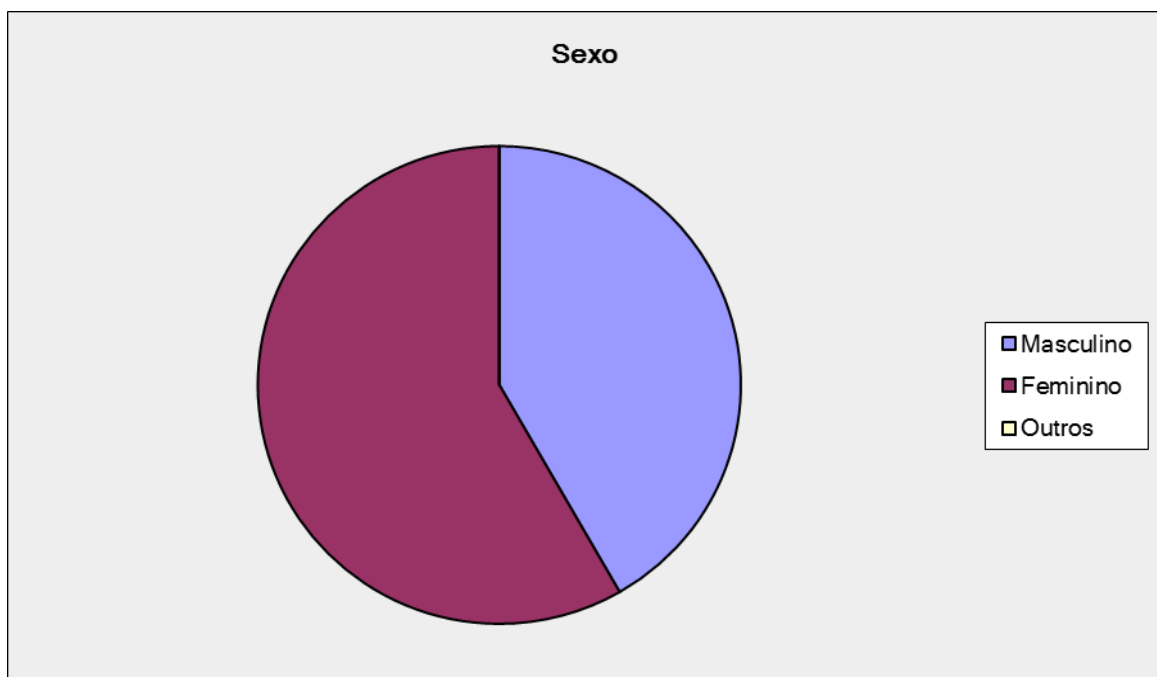
Uma das técnicas utilizadas como recurso para a coleta de dados foi o questionário *online* com questões semiestruturadas para obter respostas às seguintes questões:

- 1) O que é corpo em sua opinião?
 - Pergunta feita com o objetivo identificar as representações sociais de corpo para depois analisar possíveis influências com a mídia.
- 2) Você concorda que uma representação de corpo construída a partir de uma dada realidade e história de vida pode sofrer influência direta ou indireta das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)? Explique.
 - As perguntas 2, 3 e 4 se assemelham considerando um aspecto mais amplo (TICs) e um mais específico, que é o Facebook, no intuito de

identificar possíveis influências da mídia sobre as representações sociais de corpo;

- 3) Em sua opinião uma rede social *online*, como o *Facebook*, pode influenciar nas representações sociais de corpo? Se sim, de que maneira?
- 4) Cite um ou mais aspectos a partir da rede social *Facebook* que, em sua opinião, podem influenciar nas representações sociais de corpo de um indivíduo.
- 5) Que tipo de informações sobre o corpo (textos, imagens, vídeos e etc) você costuma postar ou compartilhar dentro do seu *Facebook*?
 - Pergunta feita com o objetivo de descobrir que tipo de informações sobre o corpo são veiculadas dentro do *Facebook* dos sujeitos e se elas tem relação com o conceito de corpo apresentado pelos mesmos;
- 6) Você concorda que a mídia, em especial a rede social *online Facebook*, a partir do nosso contexto histórico atual prega e valoriza determinados padrões de beleza? Por quê?
 - Questão importante para identificarmos a opinião dos sujeitos sobre possíveis padrões de beleza corporal veiculados dentro do *Facebook*.

Gráfico 1: relata o quantitativo de professores por gênero



Sexo		
Opções de resposta	Percentual de resposta	Contagem de respostas
Masculino	41,7%	15
Feminino	58,3%	21
Outros	0,0%	0
<i>Questões respondidas</i>		36
<i>Questões não respondidas</i>		0

Quadro 1 – Respostas dos Professores à questão: **O que é corpo em sua opinião?**

01	Liberdade
02	É a matéria concreta que constitui nossa estrutura física
03	Uma máquina que não pode parar...
04	É onde nos expressamos, nos movimentamos. Na verdade se observar bem, ele diz quem você é.
05	Saúde
06	Corpo é o abrigo da alma. O corpo é a constituição física (conjunto de ossos, músculos, tendões, ligamentos, órgãos...), que bem estruturado e cuidado cria bom suporte para o homem desenvolver suas emoções e criações
07	A mais perfeita harmonia das partes com o todo, formando o ser que se movimenta através do espírito.
08	MEU INSTRUMENTO DE ATUAÇÃO NO MUNDO.
09	Corpo é a existência de um ser.
10	Templo do movimento.
11	Corpo na minha opinião é o conjunto das varias partes que compõem o ser humano ou animal.
12	É o meio que temos para expressar sentimentos e opiniões, vivenciar experiencias e de se relacionar com os outros.
13	O corpo é um sistema bioenergético onde o ser humano dialoga com o mundo e vai assimilando valores, normas e adquire consciência do eu e do coletivo nessa perspectiva realiza seus desejos.
14	O é o conjunto de toda sua personalidade, seu modo de agir e ser.
15	Bênção de Deus para podermos viver
16	Um instrumento para a vida (reflete a história do indivíduo).
17	Um conjunto de células ,órgãos , tecidos e sistemas complexos , regido por centros nervosos e energéticos ou etéreos que se comunicam , interagem e se relacionam com o meio . A casca bruta que abriga a seiva sutil
18	O corpo é bem maior que possuímos, pois precisamos cuidar bem dele para que possamos viver por muitos anos de forma saudável.
19	Na minha visão o corpo é um meio de comunicação do ser humano, através dele o ser fala, age e representa.
20	Reprodução das vivências do ser humana no mundo que o rodeia.
21	TODA E QUALQUER UNIDADE QUE REPRESENTA O MOVIMENTO E SUAS VARIAÇÕES.
22	Uma incrível máquina que, ao mesmo tempo, pensa e age. Essa máquina tem tempo de uso mas o cuidado tem importância fundamental no seu tempo de vida.
23	Entendo que a palavra corpo vem contemplar uma estrutura complexa, que costuma ser dividida em pedaços, mas que na minha opinião é um todo, e engloba não somente a dimensão física/biológica (estrutura espetacular, em que tudo parece encaixado perfeitamente para seu funcionamento), como também a dimensão social, psicológica, emocional e espiritual, e essas dimensões estão intimamente ligadas, relacionadas e, na prática, apresentam-se inseparáveis. E esse corpo está inserido em um contexto maior, recendo constante influências do meio, podendo também agir e modificar esse meio
24	,"um instrumento, um meio, para canalização, demonstração, ilustração e ou divulgação dos domínios do comportamento humano.
25	É a constituição de toda parte física de um indivíduo
26	É o que nos sustenta, é a parte física do ser humano
27	Corpo é a forma do ser humano se relacionar com a realidade.

28	Meio para viver, instrumento para gerar e receber sensações.
29	Meio para viver, instrumento para gerar e receber sensações.
30	É tudo que compõe o indivíduo: corpo físico, mental e espiritual.
31	É uma máquina biológica mais fantástica que existe, capaz de inúmeras possibilidades de movimento, performance e beleza
32	MEU HABITAT, MEU MEIO DE EXPRESSAR E COMUNICAR COM O MUNDO."
33	Parte principal
34	É o que nos compõe, nos possibilita o movimento a interação com o mundo. É a nossa representação física no mundo
35	Corpo é o instrumento de manifestação do ser
36	O corpo é o instrumento usado para expressar o EU .Através dele percebe - se as emoções e pode - se traduzir sua personalidade

Na visão de Franco (2012) conhecidas as respostas dos sujeitos, essas passam a se constituir em indicadores para a próxima tarefa que é a criação de categorias elaboradas a partir de tabelas que se seguem e que explicitam as categorias criadas e alguns de seus indicadores ilustrativos.

Tabela 01: relata as categorias de corpo formuladas a partir da questão “O que é corpo?”

Categorias	Respostas	Percentual
Corpo-instrumento	9	25%
Corpo-máquina	8	22,22%
Corpo-omnilateral	8	22,22%
Corpo-meio de expressão	7	19,44%
Corpo e Mente	2	5,56%
Corpo-divino	2	5,56%

Nas palavras de Moscovici (1978), reduzir ideias em categorias e a imagens comuns é colocá-las em um contexto familiar, pois no processo de ancoragem das representações sociais, ancorar é classificar e dar nome a alguma coisa. “Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras.” (MOSCOVICI, 1978, p. 61).

Também é importante para Moscovici (1978) saber qual a função de uma representação social dentro da sociedade e para isso, Camargo, *et al* (2011), assinalam que o corpo humano além de ser um organismo natural, constitui-se a partir de representações individuais e sociais que podem ser modificadas a partir de como os indivíduos percebem, usam e transformam seu corpo.

Desse modo, a imagem corporal, de acordo com esses autores, se relaciona à imagem mental que o indivíduo tem de seu corpo e se relaciona também com o processo de representação, pois representar implica em conhecer o que é desconhecido estabelecendo

vínculos psicológicos através dos processos de objetivação e ancoragem, conforme aponta Moscovici (1978).

As categorias elaboradas a partir das falas dos professores ora evidenciam aspectos de sua realidade, como local e atuação de trabalho, ora de sua formação acadêmica dentro do próprio curso de educação física.

Categorias como corpo e mente e corpo-divino ainda evidenciam certos paradigmas de divisão do corpo em partes e também uma com relação ao divino, a uma benção ou dádiva de um ser supremo como podemos ver nas falas abaixo:

“corpo é o abrigo da alma”

Professora F1

“templo do movimento”

Professora F8

“é a constituição de toda parte física do indivíduo”

Profesora F14

A categoria de corpo-instrumento foi a que ficou mais em evidência nas falas dos sujeitos e se refere ao corpo como um instrumento de trabalho, também pode ser analisada como corpo instrumento da alma nas ideias de Platão com a filosofia grega e também fazendo referência ao corpo-divino. É interessante ressaltar que essa ideia sobre o corpo ainda persista na contemporaneidade uma vez que ela não corresponde, ao nosso ver, a uma perspectiva emancipatória e crítica de educação, pois aquilo que se pensa sobre o corpo pode refletir diretamente nas práticas pedagógicas. Podemos verificar essa ideia de corpo como instrumento nas seguintes falas:

“um instrumento, um meio, para a canalização, demonstração, ilustração e ou divulgação dos domínios do comportamento humano.”

Professor M11

“um instrumento para a vida”

Professora F11

“Meu instrumento de atuação no mundo”

Professora F6

A categoria de corpo-ominilateral partiu das ideias de Manacorda (2011) que alegou que o termo *omnilateral* foi utilizado por Karl Marx para defender a ideia de que o homem deve ser observado em sua completude, ou seja, a partir de uma formação humana oposta a uma formação unilateral, de trabalho alienado, de divisão por partes e segmentação. É um termo que se refere a todas as dimensões que compõe o ser: uma totalidade, plenitude e integralidade.

Juntamente com a categoria corpo-ominilateral a categoria corpo-meio de expressão, em nosso ponto de vista, são as que mais se aproximam de um ideal crítico e emancipatório que podem ser voltados para a educação como forma de superação de velhos paradigmas e para a construção de mentes mais abertas e reflexivas. Vejam as falas abaixo:

“É onde nos expressamos, nos movimentamos. Na verdade se observar bem, ele diz quem você é!”

Professora F3

“O corpo é o conjunto de toda sua personalidade, seu modo de agir e ser.”

Professora F10

“Entendo que a palavra corpo vem contemplar uma estrutura complexa, que costuma ser dividida em pedaços, mas que na minha opinião é um todo, e engloba não somente a dimensão física/biológica (estrutura espetacular, em que tudo parece encaixado perfeitamente para seu funcionamento), como também a dimensão social, psicológica, emocional e espiritual, e essas dimensões estão intimamente ligadas, relacionadas e, na prática, apresentam-se inseparáveis. E esse corpo está inserido em um contexto maior, recendo constante influências do meio, podendo também agir e modificar esse meio.”

Professora F13

A categoria de corpo-máquina, também considerada por nós como ideias não críticas de corpo, está voltada para um corpo de constituição biológica apenas. Porém, mesmo que sofra influências de mecanismos ideológicos, o uso crítico por parte dos estudiosos e educadores pode permitir que novas representações sejam construídas ou reelaboradas para ampliar e fazer transcender determinadas representações de corpo. Vejamos as falas a seguir:

“Uma incrível máquina que, ao mesmo tempo, pensa e age. Essa máquina tem tempo de uso mas o cuidado tem importância fundamental no seu tempo de vida.”

Professor M10

“Uma máquina que não pode parar”

Professor M1

“É uma máquina biológica mais fantástica que existe, capaz de inúmeras possibilidades de movimento, performance e beleza.”

Professor M14

Quadro 2 – Respostas dos Professores à questão: *Você concorda que uma representação de corpo construída a partir de uma dada realidade e estória de vida pode sofrer influência direta ou indireta das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)? Explique.*

01	Sim. A mídia influencia tanto positivamente quanto negativamente o culto ao corpo dependendo do ângulo e da pessoa que o vê
02	Sim. Por mais que a base de formação seja "bem feita", o ser humano tem a capacidade de (re)avaliar os (pre)conceitos estabelecidos. Ele pode (re)direcionar seus objetivos de acordo com a realidade em que está inserido, com a necessidade do momento, com sua maturidade.
03	Com certeza, as influências da mídia, tem ao longo do tempo iludido uma parcela da sociedade, que para ser saudável o indivíduo precisa apresentar músculos bem definido, barriguinha de tanquinho, ser bonito(a) e principalmente ser famoso, passando uma imagem de corpo estereotipado
04	Com certeza, até mesmo os grandes problemas posturais da atualidade.
05	Sim. Principalmente daquilo que é exposto na mídia. É comum desejarmos o sucesso de nossos ídolos e de certa forma procuramos imitá-los, na forma de pensar, na forma de agir, na forma de vestir, no consumo e na aparência física.
06	Sim, eu concordo. Muitos são os apelos midiáticos acerca, inclusive, do corpo. Mesmo com muita criticidade e consciência do que somos e desejamos, o bombardeio de informações e direcionamentos impostos pelas tecnologias da Informação acabam influenciando muito as nossas decisões, preferências, opiniões, etc. Porque entrar em estado de questionamento permanente 12 horas do dia em que estamos atuando em sociedade é muito exaustivo. Assim, filtramos algumas influências impostas, mas sucumbimos a outras
07	Sim, através das informações tecnológicas o ser se posiciona em ideias e movimentos completamente influenciados pelas culturas mais aparentes e acessíveis nessas dadas tecnologias. Desde o estilo de se vestir até os movimentos e a postura corporal serão influenciadas pelas tecnologias, o que se vê o tempo todo reflete diretamente em todas as ações do ser.
08	SIM. AS TECNOLOGIAS DISSEMINAM AS CONCEPÇÕES "MAIS ACEITAS" DE TUDO; INCLUSIVE DE CORPO.
09	Sim. Cada ser tem um corpo. Como esse corpo é percebido, representado ou construído depende do contexto em que esse ser está inserido. Assim as TICs podem influenciar essa construção.

10	Sim...pois os meios de comunicação determina o que é valorizado , o que é fundamental pro ser humano ser feliz.
11	Sim. Hoje em dia com o avanço tecnológico, as pessoas estão cada vez mais buscando um corpo perfeito, sempre querem aparecer bem nas fotos para postarem nas redes sociais.
12	Sim. A medida que nossas relações são cada vez mais mediadas pelas mídias e tecnologia, se faz necessária uma imagem para se comunicar. Essa imagem, de uma forma geral, precisa se enquadrar em esteriótipos valorizados pela estética vigente
13	Sim. Baseado no conceito em que o homem incorpora algum novo comportamento ao conjunto de seus atos,ou uma nova palavra, ao seu vocabulário ou, ainda, um novo conhecimento ao seu repertório cognitivo.Mais do que uma aprendizagem intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de expressões.
14	Sim, a partir do momento que você passa a ver muitas cenas, notícias e fotos de representações de corpo, você acaba se influenciando e querem seguir aquele padrão.
15	Sim. Quanto mais informações podemos tentar mais benefícios para nosso corpo.
16	Sim. Vivemos em um mundo cada vez mais tecnológico. Isso permite muita comodidade mudando o dia-a-dia das pessoas. É natural que os níveis de atividade física diminuam consideravelmente. Simples atitudes como mudar o canal da tv (hoje feita através do controle remoto) refletem essas mudanças. Como consequencia desta comodidade temos um aumento do número de sedentários e pessoas cima do peso (somado a mudança de hábitos alimentares). Até a diversão das crianças, que até pouco tempo atrás era composta principalmente por brincadeiras de rua, hoje é feita muitas vezes na televisão, computadores ou jogos eletrônicos. Tudo isso deixa suas marcas.
17	Sim ..influencias diretas e indiretas .. vide exemplo as modas , clichês , culturas musicais lançadas pela mídia e o marketing nocivo e capitalista . A cultura de massa fica facilmente manipulada pela televisão e outros meios de comunicação . Seguindo exemplos de novelas e padrões globais , sendo estimulados pelo consumismo exacerbado , dentro dessa máquina política e financeira , muitas vezes ignorando suas raízes . Também podem ser utilizados em prol até mesmo de manifestações , encontros e revoluções podem ser articuladas mais facilmente e com maior amplitude de ação . Um tipo de lavagem cerebral que pode tanto ser usado para o bem ..quanto para o mal , como qualquer grande descoberta humana .
18	Sim, acredito que o corpo pode sofrer alterações por influências das tecnologias, pois estão cada vez mais avançadas e nos prendendo mais á elas e com isso acabamos nos acomodando e esquecendo de cuidar do nosso corpo da maneira correta
19	Sim, uma vez que cada dia que passa mais as pessoas têm deixado se influenciar pelas novas tecnologias, pois as mesmas não tem demonstrado controle sobre as TICs.
20	Sim. Todos nós sofremos está influência e consumimos produtos e serviços neste mundo capitalista e cada vez mais globalizado.
21	COM CERTEZA, POIS O MUNDO ATUAL É GLOBALIZADO E SOFRE COM AS INFLUÊNCIAS DA TECNOLOGIA E DA MÍDIA EM GERAL.
22	Sim. Mas a receptividade de quem está sob ação das Tics também conta muito, pois a influência se torna mais fácil quando determinados paradigmas (religiosos, culturais, etc.) são quebrados.
23	Acredito que sim. A mídia, que nos tempos atuais, chega a nós, sobretudo, por meio da tecnologia, exerce hoje grande influência sobre o modo de pensar e agir dos indivíduos, e da sociedade como um todo. Acaba muitas vezes ditando regras, modelos, padrões de comportamento e formas de ver o mundo. As informações trazidas pela mídia, por exemplo em relação às representações de corpo, podem ser alvo de reflexões críticas e questionamentos, ou, como acho que acontece em grande parte das vezes, as "opiniões" dessa mídia vêm implícitas e são transmitidas como as ideais e corretas. Dessa forma, o que as pessoas trazem como representação de corpo a partir de suas histórias de vida podem e sofrem sim influências das tecnologias de informação e comunicação; essas podem ser positivas e construtivas, ou apenas reproduzirem um ideal capitalista e dominante do que

	venha a ser o corpo, como deve ser usado, como deve se comportar e que características deve ter. O maior problema, acredito eu, é quando as pessoas aceitam o "corpo da mídia" como modelo e olham para seus corpos e suas vidas e se vêem muito longe desse modelo, passando a persegui-lo a todo custo, inclusive prejudicando a saúde física e emocional desse corpo.
24	sim as TICs influenciam direta ou indiretamente os domínios do comportamento humano, logo, sendo estes expressos pelo corpo ou por ações corporais, se veem então intimamente ligados e influenciando um ao outro.
25	Sim. Pois apesar de nossas vivências corporais individuais serem partes determinantes nessa construção, cada indivíduo pode sofrer mudanças significativas dependendo das influências ambientais sejam elas físicas ou virtuais.
26	Acho que sim, o mundo hoje está muito ligado à tecnologia.
27	Sim , o corpo é uma construção e está suscetível a influencia de qualquer elemento da cultura em que esteja circunscrito inclusive a tecnologia.Através de imagens e discursos de nosso tempo que construímos nossa noção de CORPO
28	Concordo, pois a mídia usa de todos os meios para promover uma realidade que para muitos não é palpável.
29	Sim, pode, a mídia influência não só jovens, mas pessoas de todas as idades copiam modelos ideais de corpo para sí.
30	Sim, concordo. Penso que no processo de construção de corpo do indivíduo, ele sofra influência direta e indireta de tudo que o cerca, inclusive das TIC's.
31	Sim, porque as pessoas sofrem influências das mídias e tecnologias que procuram colocar para a sociedade a importância da cultura do corpo perfeito e saudável.
32	SIM. AS TICS SÃO UMA FORMA DE DISSEMINAR INFORMAÇÕES E DE FAZER COM QUE VIREM MODELOS DE PENSAMENTO SOBRE A DIVERSIDADE, CITO COMO EXEMPLO , OS EMOS ENTRE OUTROS..
33	Sim. Pois através do contato pode mudar as idéias e conseqüentemente mudar o estilo de vida tanto na alimentação quanto no modo de vida.
34	Concordo sim. O mundo é muito visual. Estamos constantemente sendo bombardeados com informações que nos dizem o tempo todo como ser, estar, agir.
35	Sim, pois o avanço tecnológico mudou e muda o estilo de vida das pessoas.
36	Sim, os padrões de beleza foram mudando através dos tempos, agora com as mídias ,novamente, a sociedade é influenciada e a comunicação se dá também pelas redes sociais. Sendo um ser social , o homem influencia e é influenciado pelo meio social.

Tabela 2: relata as respostas sobre a influência da mídia nas representações de corpo

Categorias	Respostas	Percentual
Sim	36	100%
Não	0	

Foram unânimes as respostas de que os elementos da tecnologia da informação e comunicação podem influenciar nas representações sociais de corpo a partir de um contexto específico dentro da sociedade capitalista através de determinadas imagens, propagandas e exposições de modo geral.

Daolio (1995) concorda que a cultura faz parte do desenvolvimento humano do homem e influencia em sua construção. No corpo estão inscritos regras, normas e todos os

valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. Assim, pontua Daolio (1995), o homem por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação e atuar no corpo significa atuar na sociedade a qual ele está inserido.

Os elementos das tecnologias da informação e comunicação podem influenciar as representações sociais de corpo na medida em que veiculam e espetacularizam modelos e padrões corporais considerados belos e aceitos em determinado grupo social. Quanto mais o corpo é “curtido”, “postado” e “comentado” mais ele ganha *status* e mais visibilidade ele terá. As falas dos sujeitos a seguir demonstram essa questão da influência que as TICs e a mídia podem exercer:

“... a partir do momento que você passa a ver muitas cenas, notícias e fotos de representações de corpo, você acaba se influenciando e quer seguir aquele padrão”

Professora F10

“Com certeza, as influências da mídia, tem ao longo do tempo iludido uma parcela da sociedade, que para ser saudável o indivíduo precisa apresentar músculos bem definido, barriguinha de tanquinho, ser bonito(a) e principalmente ser famoso, passando uma imagem de corpo estereotipado.”

Professor M1

“Sim, porque as pessoas sofrem influências das mídias e tecnologias que procuram colocar para a sociedade a importância da cultura do corpo perfeito e saudável.”

Professor M14

Quadro 3 – Respostas dos Professores à questão: *Em sua opinião uma rede social online, como o Facebook, pode influenciar nas representações sociais de corpo? Se sim, de que maneira?*

01	Sim. Fotos, na sua totalidade. Estereótipos são "jogados" a todo instante na rede social.
02	Acredito que sim. De acordo com o grau de influência (pressão) do grupo social, do contexto histórico, econômico ou político, a pessoa muda sua maneira de falar, agir, vestir, pensar. O facebook é repleto de anúncios comerciais. Quem nunca viu aquele anúncio (não me recordo o nome agora) de emagrecimento onde aparece a silhueta "larga" de uma mulher gordinha com gordura localizada no abdômen e que a silhueta diminuiu rapidamente sugerindo o emagrecimento instantâneo! O facebook faz parte.
03	Sim, com fotos, postagens, etc.
04	Sim. Vejo várias dicas de beleza, estética e movimento pelas redes sociais.
05	É um meio rápido de se tornar um ídolo ou um ícone de aparência física desejada por outros
06	Acredito que sim, porque uma mente desavisada da nossa real condição de seres pensantes

	com poder de escolha, acaba se encantando com as propagandas inúmeras que aparecem na página da internet, bem como, as postagens de amigos exibindo belos corpos e caindo no vazio do corpo pelo corpo, a escultura humana, destituído de emoção e função social.
07	Sim, claro, através do que se vê o sujeito age e modifica comportamentos e ideias, formando uma nova concepção e automaticamente se modificando cultural e fisicamente. Adota novos estilos, apresenta novos comportamentos, se transforma diante das novidades e influencias firmadas por uma geração tecnológica.
08	SIM. Se, por exemplo, você vê várias postagens de um método de emagrecimento e tem uma concepção de que o corpo tem que ser magro, você vai querer saber mais sobre o método e, quem sabe, usá-lo também.
09	Sim. Dependendo dos posts que são compartilhados, a comunidade curte e comenta algo. Podendo assim sofrer influencias, na maneira como se comportam diante das ideias divulgadas.
10	Sim....basta observamos as fotos...todas as pessoas fazem a mesma posição..vira um padrão como vc vai construir sua imagem corporal...todas as pessoas so percebem a mesma representacao corporal.
11	Sim. acho que através dos comentários feitos em postagens.
12	Sim. Como as interações acontecem influenciadas pela necessidade de "aparacer" e REFORÇADAS por uma simples curtida. Normalmente as pessoas de "sucesso" na rede se enquadram em padrões estéticos, que passam a ser idealizados pelos demais.
13	Sim. Creio que é uma concorrência difícil, pois os padrões impostos são bombardeados a cada segundo,não podemos ser ingênuos mas podemos utilizar a conexão também, para orientar,estimular pesquisas e trabalhos relativos a corporeidade
14	Sim, a exibição do corpo nessa rede social é a todo momento, acaba que você quer seguir aquele padrão de se mostrar para o mundo.
15	Sim. No Facebook temos várias páginas é só pesquisar.
16	Sim. Há muita exposição nas redes sociais. Todos postam fotos, mostrando suas vidas. É natural que as pessoas queiram estar bonitas e magras como pregam os valores sociais atuais. E passam a achar que é o normal ou bonito.
17	Sim , talvez uma virtualidade falsa da realidade de cada um ...dependendo da quantidade de horas dedicadas ao mundo virtual , estudos e sedentarismo , já influenciariam na vida e no biotipo de cada individuo , além de geralmente existir um culto excessivo ao belo padrão global , saradão , pois ninguém posta foto da barriguinha de chopp , ou da espinha na cara , ou a ressaca do dia seguinte .. Como todos fossem perfeitos e o defeito só existisse nos outros .. Mas os conceitos estão mudando e novas ideias se abrindo a discussão , novos padrões de beleza , agora o black power está em alta , negras nas propagandas , índios na política e na internet .. vários tabus estão sendo rompidos como o homossexualismo e as drogas , agora já tem um campo maior de debate .
18	Acredito que pode influenciar sim, pois no facebook postamos fotos e vídeos o tempo todo e sempre queremos as melhores fotos e com isso criamos involuntariamente um padrão de corpos belos e escultrados.
19	Sim, a mídia influência diretamente na vida de alguns seres humanos através de suas propagandas onde apresenta várias situações, muitas delas deixando o homem em situação de dependência para alcançar o objetivo
20	Sim. O Facebook é repleto de estímulo visual vendendo produtos.
21	HOJE AS MANEIRAS COM QUE AS PESSOAS SE APRESENTAM SÃO INFLUENCIADOS POR GRUPOS, TRIBOS. AS REDES SOCIAIS SÃO EXEMPLOS DE COMO TEMOS QUE NOS MOLDAR PARA FAZER PARTE DE CERTAS COMUNIDADES E SERMOS ACEITOS NA SOCIEDADE.
22	Sim. O Facebook mostra o que é um reflexo direto do que é valorizado, no presente momento, em relação ao corpo. A saúde corporal está mais ligada à estética do que à própria aptidão física. Quando o foco principal é a estética, acredito que a influência é negativa. Quando o foco é a saúde corporal sob o ponto de vista da aptidão física, aí acredito ser positiva.

23	Sim. Por meio das idéias, textos e imagens ali veiculadas, onde, na maior parte das vezes, são transmitidos explícita ou implicitamente os modelos de corpos ideais, pensando não somente em corpo físico e na estética desse corpo, mas também nos comportamentos socialmente "corretos" que o modelo de sociedade que temos tenta ditar para esses corpos; o que devem consumir, que características devem ter, como devem se comportar, o que devem vestir, etc.
24	sim este meio de comunicação acessado por milhares de pessoas ao redor do globo terrestre, que compartilham pensamentos, vídeos, mensagens, entre outros, propagam pois pensamentos, imagem e ações que, podem acabar por influenciar as representações corporais.
25	Sim. Pois há cada vez mais a necessidade de se acompanhar as tendências que a mídia de forma geral demonstra em vários aspectos.
26	Sim. As pessoas estão preocupadas com a aparência e se cuidam mais, para mostrar que "tá tudo em cima".
27	Construindo imagens e formas "padronizadas" e ideais do que possa representar um corpo Humano.
28	Sim. Uma rede social influencia com uma avalanche de dietas, milagres e super exercícios para se obter o tão sonhado corpo do padrão aceitado pela sociedade
29	Sim, pois existem aquelas pessoas que acabam se tornando modelos a serem seguidos por pessoas, que considero, influenciáveis, além disso existem as pessoas que não conseguem seguir esse padrão de corpo que eu chamaria de BELEZA, e acabam deprimidas.
30	Com certeza, sim. De diferentes maneiras, como por exemplo: os conteúdos acessados pelo indivíduo e a influência que isto o causa; As opiniões das pessoas sobre aparência física, as campanhas e propagandas de dietas, treinamentos, imagens de "corpo sarado".
31	Sim. A exposição nas redes sociais de fotos e vídeos de corpos sarados ou partes deles, é muito comum e sempre evidenciando a estética e a beleza. Levando as pessoas a acreditarem que ter um corpo bonito é só o que vale, para ser feliz ou parecer bem sucedido.
32	SIM. POR MEIO DE FOTOS, DESENHOS, IMAGENS DE FESTAS, MODOS DE SE VESTIR, ETC.
33	Sim. Através de propaganda, como se trata de uma rede social existem várias pessoas e várias formas de viver e se vestir, se alimentar e através das propagandas as pessoas podem mudar sua maneira de agir, pensar e viver.
34	Da mesma forma que todos os meios de comunicação nos influenciam. Até porque, se você não possui uma conta nessas redes sociais, está excluído de muita coisa. Essas redes são nossos murais pessoais, onde podemos mostrar o que somos (ou queremos ser). Se somos aceitos na sociedade.
35	Sim, seja na espalhando informações ou mesmo menosprezando e supervalorizando
36	Como disse acima, a comunicação se dá em vários níveis e hoje em dia, as redes sociais são meios rápidos e eficientes de difusão de idéias. Propaga de tudo, tanto verdades como mentiras.

O *Facebook* enquanto rede de comunicação permite a veiculação dos mais variados tipos e propósitos de mensagens, ideias e representações e por estar inserido em um contexto de economia capitalista também apresenta características e informações voltadas ao lucro, ao mercado e à exposição do corpo de forma espetacularizada.

Garcia (2003) afirma existem elementos de persuasão publicitária onde a imagem corporal potencializa o produto/marca que está sendo comercializado e o próprio exercício da publicidade eleva a imagem corporal para o máximo valor venal do produto e da marca.

Por estarmos inseridos nesse bojo das redes sociais *online* também percebemos que existe certa preocupação com a imagem do corpo que é veiculada na forma de autorretratos, as chamadas *selfies* e, até mesmo, com modificações e correções feitas em cima dessas fotografias através de *softwares* específicos, como o *Photoshop*, para que a imagem a ser vista possa de certa forma agradar o outro.

Imagens desse tipo nos faz refletir que tipo de relação o indivíduo tem com seu corpo e o que espera do corpo do outro. Essa preocupação é importante pois nos leva a pensar qual tipo de valor está sendo pregado e veiculado na contemporaneidade e nos modos como o corpo é tratado dentro de um contexto de sociedade capitalista.

As imagens, as postagens e tudo mais que se compartilha em uma rede social tem um propósito e com um olhar mais crítico, uma função amparada por determinada ideologia. Nossas crenças e nossos valores estão por trás de nossas postagens, mas também são influenciadas por novos pensamentos e novas filosofias.

Conforme já mencionado anteriormente as informações e os anúncios voltados para o consumo provocam em nós uma necessidade, às vezes ilusória e efêmera, de obter aquele produto e às vezes compulsória como é o caso do culto excessivo ao corpo que comumente observamos nos meios de comunicação.

Esse poder discursivo de massa de valores, informações e símbolos está diariamente apresentado, “curtido” e “compartilhado” nas redes sociais *online* que atualmente tem ganhado grande repercussão mundial pelo seu potencial amplo de divulgação das informações, sejam elas escritas ou audiovisuais.

Vejamos as falas dos professores sobre essa questão:

“ Sim. A exposição nas redes sociais de fotos e vídeos de corpos sarados ou partes deles, é muito comum e sempre evidenciando a estética e a beleza. Levando as pessoas a acreditarem que ter um corpo bonito é só o que vale, para ser feliz ou parecer bem sucedido.”

Professor M14

“Sim. Por meio das idéias, textos e imagens ali veiculadas, onde, na maior parte das vezes, são transmitidos explícita ou implicitamente os modelos de corpos ideais, pensando não somente em corpo físico e na estética desse corpo, mas também nos comportamentos socialmente ‘corretos’ que o modelo de sociedade que temos tenta ditar para esses corpos; o que devem consumir, que características devem ter, como devem se comportar, o que devem vestir, etc.”

Professora F13

Quadro 4 – Respostas dos Professores à questão: Cite um ou mais aspectos a partir da rede social *Facebook* que, em sua opinião, podem influenciar nas representações sociais de corpo de um indivíduo.

01	Fotos de Capa, fotos de perfis, fotos de apologia aos treinamentos em suas mais variadas formas, fotos tipo "selfie" com a facilidade dos eletrônicos disponíveis e a baixo custo
02	anúncios comerciais de produtos para "queimar gordura, acelerar metabolismo", propaganda de produtos em "manequins" magros e altos(estabelecendo um padrão de corpo), anúncios com artistas com roupas de banho para expor seus corpos "sarados", sendo que a reportagem não necessariamente aborde beleza ou moda praia. Dependendo do grupo em que a pessoa está inserida, seus amigos podem postar foto ou comentários em que se valorize determinados aspectos do corpo e quem não seguir este perfil pode até ficar deslocado no grupo. Modismos de esportes, de estilos de roupas, de corte de cabelo, de maquiagem, de alimentos a serem consumidos, modismos de dietas....
03	Imagens devidas e indevidas postadas por diversas pessoas e seus comentários/curtidas..Isso atraem algumas pessoas ao vício de estarem sentado em frente de um computador, como eu estou aqui agora...
04	Fotos, maneira de vestir, moda. Tudo isso está nas redes sociais e acabam nos influenciando.
05	Muitos utilizam o facebook como reality. Se estão comendo algo diferente do seu cotidiano ou, no seu entender, glamouroso, já postam a foto. A sociedade contemporânea impõe ao homem a notoriedade, a fama, a popularidade, o sair de si mesmo e buscar todas as suas necessidades e prazeres lá fora. Assim, utilizam o facebook, para mostrarem-se importantes e nutrir seu vazio através da vida do outro. Hoje vi na TV um novo tipo de SELFIE - o BUTTSELFIE, que é tirar a foto do próprio bumbum e postar na Internet, só para mostrar ao outro que está com tudo em cima. E ao mostrar ao outro, espera a aprovação dos mesmos, para finalmente serem felizes, mas por quanto tempo??
06	Através de informações enfatizando o estilo de vida ativo e saudável, novas propostas de exercícios e alimentação, que normalmente aparecem com frequência nas paginas.
07	Fotos; comunidades relacionadas com saúde, estética, esporte, alimentação; postagens em geral.
08	Quando se posta que uma dieta é "miraculosa" e associado a essa ideia tem uma imagem de corpo bonito, musculoso, de roupa de banho, pessoas sofrem a influência de achar que a dieta te leva a buscar aquela imagem de corpo para si próprio. Nós que trabalhamos com o corpo e o movimento no dia-a-dia de nossas profissões sabemos que a busca daquela imagem corporal, muitas vezes é irreal. O aspecto que me incomoda nas TICs é que se divulga, cria-se uma imagem corporal de que só aquele padrão de beleza ou saúde, é o correto. Muitas vezes isso é irreal. E a consciência de ler e opinar sobre os posts, de maneira a não aceitar ou questionar ou ainda de refletir ao invés de aceitar o padrão não existe. As pessoas que nunca tiveram a oportunidade de ter um computador, ou um smart fone e agora o tem, consomem a informação que lhes é oferecida com muita velocidade e sem nenhum rigor.
09	O compartilhar fotos de corpo inteiro...as pessoas so compaartilham fotos se estiverem padrão defendido pelos usuarios da rede.
10	Os comentários, sempre tem uns que elogiam quando aparece um corpo perfeito e tem os que criticam quando aparece não tá tudo em cima.
11	A opção de curtir pode ser um mecanismo de reforçamento condicionante de comportamento
12	Aspectos positivos. postar filmes,desenhos,textos, que ajudem os estudantes a construir uma consciência sobre 01- hábitos alimentares 02- consciência harmoniosa entre homem e a natureza 03- ética,moral,altruísmo,respeito, 04- filmes,textos,slides sobre

	dança,folclore,esportes,lutas.
13	Exibição extrema do corpo.
14	Fisioculturismo.
15	a postagens de fotos .
16	Nos estilos de grupos ou tribos urbanas ,.. há também um excesso de perfeccionismo compulsivo corporal , e fotos de SELFs egocentricos por todos os lados , podendo tornar pessoas não tão magrinhas , ou de padrões diferentes dos da moda atual , pois ela sempre muda , a se sentirem desencorajadas , deprimidas ou desanimadas , o que gera um maior consumo de produtos e drogas mágicas embelezadoras de corpo , ou cirurgias agressivas e implantes bizarros .
17	As postagens de fotos, pois quanto mais corpos bonitos e bem malhados vimos no facebook queremos que o nosso fique de forma parecida!
18	Propagandas, postagens e comentários.
19	Publicidade de produtos, serviços com a vinculação de imagens de modelos, artistas, atletas etc.
20	COMO NA RESPOSTA ANTERIOR PARA SE FAZER PARTES DE GRUPOS NO FACEBOOK POR EXEMPLO É PRECISO SE DISTANCIAR DE UMA REALIDADE E PASSAR A ACREDITAR E ACEITAR O QUE DETERMINADOS GRUPOS IMPÕE.
21	Publicações, com fotos, de pessoas que se consideram "bem sucedidas" por ter um corpo bem delineado;
22	Imagens, textos e idéias contidos neles que falam/mostram corpos malhados, fortes, padronizados, predominantemente brancos, heterossexuais, que compram e usam belas vestimentas de marcas e produtos caros, e associam as pessoas com esses corpos ao sucesso e a vidas felizes. Imagens e textos ridicularizando e fazendo piada com pessoas a cima do peso ou magras demais, ou que de alguma forma fogem ao padrão de beleza e de corpo divulgado como ideais e melhores.
23	particularmente sou adepto, praticante, atleta e professor da modalidade Jiu Jitsu. assim a grande maioria da minha rede de relacionamento do Facebook se faz através do meio deste esporte, entre amigos, páginas curtidas, mensagens e vídeos. percebo que esta rede, que também é comum a grande maioria de meus amigos na rede, aumenta e se propaga em uma espécie de progressão geométrica. as pessoas assim, me parecem influenciar e serem influenciadas umas pelas outras na incorporação ou na compra de uma idéia que acaba invariavelmente por incidir em seu comportamento como um todo.
24	Estética, beleza e peso ideal.
25	Fotos.
26	Referencias do que se considera belo.
27	Exposição de padrões de beleza, imagens em excesso de resultados de dietas e/ou exercícios.
28	Modelos com corpos taxados como padrão de beleza, pessoas em academia postando fotos de seus corpos trabalhados, esportistas em geral. Receitas de dietas malucas.
29	-As propagandas de dietas, treinamentos e produtos (não autorizadas pelo usuário) e também as sugestões de páginas com estes temas. -As tendências de moda e modismos que influenciam direta e indiretamente na percepção de construção e representação de corpo dos indivíduos.
30	- O excesso de imagens de pessoas em frente a espelhos se mostrando de varias formas. - Fotos de corpos sarados com modelo ideal. - Fotos de nudez.
31	- FOTOS; - MENSAGENS DE FORMAS DE SE ALIMENTAR; - MENSAGENS COM FORMAS DE SE VESTIR.
32	Uma pessoa que tem um corpo que representa saúde de acordo com os padrões da sociedade atual essa pessoa começa a postar o que a levou a ter aquele corpo, logo em seguida as pessoas começam a achar interessante e a copiar o estilo de vida daquela pessoa.
33	As fotos "selfies". Parece uma disputa de quem se mostra mais.

34	As fotos "selfies". Parece uma disputa de quem se mostra mais.
35	"Selfies" em academias por exemplo... busca do corpo perfeito.
36	O Facebook tem várias tribos, se essas tribos se fortalecem aumentando o número de pessoas que participam dele, certamente, suas idéias serão disseminadas para um maior número de pessoas que ao conhecerem essas idéias podem se identificar e aderir à essas novas possibilidades. Dessa forma, a sociedade vai se modificando e criando novos padrões, por exemplo, a tatuagem, a pouco tempo, era usada por pessoas marginalizadas, hoje é aceita e até estimulada por estilistas de moda, até de alta costura, que criam roupas pensando nessas pessoas que se tatuam. E assim, sendo aceito pela elite da sociedade, aqueles que eram mal vistos passam a ser copiados, transformando padrões.

Tabela 03: relata as categorias formuladas para a questão dos aspectos do *Facebook* que podem influenciar nas representações sociais de corpo.

Categorias	Respostas	Percentual
Imagens de corpo malhado	20	55,66%
Hipertextos informativos	7	19,44%
Propaganda	4	11,11%
Opção “curtir”	2	5,56%
Comentar e compartilhar	2	5,56%
Vídeos	1	2,78%

Na visão dos professores a hipervalorização do corpo através de postagens de corpos malhados é um fator relevante na influência de representações que incidem sobre o corpo.

Gonçalves (1997) alega que o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação propicia uma padronização dos gostos, hábitos e consciência que irá refletir na concepção e no tratamento do corpo.

De uma maneira exacerbada e espetacularizada de imagens sobre o corpo, afirma Santaella (2004), sintetizam transformações do imaginário e do real do corpo.

Essa relação narcísica e publicitária que corresponde a um ideal de corpo e de estética que deve ser desejado e buscado pelas pessoas de forma acrítica Codo e Senne (2004) deram o nome de corpolatria, um novo universo de culto ao corpo que influencia nos gostos e hábitos diários.

O que se posta ou compartilha deve ser visto, comentado e “curtido” para que se possa ter certo *status* em relação aos outros usuários e até em outras mídias. O corpo nesse contexto assume uma posição ímpar, pois sobre ele recaem modelos específicos de beleza e paradigmas.

A categoria “imagens de corpos malhados” foi a que mais ficou em evidência nas respostas dos professores enquanto aspecto dentro do *Facebook* que pode influenciar nas

representações sociais de um indivíduo. Essa categoria teve um percentual de 55.66% das respostas e pode ser verificada nas seguintes falas:

“O excesso de imagens de pessoas em frente a espelhos se mostrando de varias formas. - Fotos de corpos sarados com modelo ideal. - Fotos de nudez.”

Professor M 14

“Modelos de corpos taxados como padrão de beleza, pessoas em academia postando fotos de seus corpos trabalhados, esportistas em geral. Receitas de dietas malucas.”

Professora F 17

“Anúncios comerciais de produtos para ‘queimar gordura, acelerar metabolismo’, propaganda de produtos em “manequins” magros e altos (estabelecendo um padrão de corpo), anúncios com artistas com roupas de banho para expor seus corpos ‘sarados’, sendo que a reportagem não necessariamente aborde beleza ou moda praia. Dependendo do grupo em que a pessoa está inserida, seus amigos podem postar foto ou comentários em que se valorize determinados aspectos do corpo e quem não seguir este perfil pode até ficar deslocado no grupo. Modismos de esportes, de estilos de roupas, de corte de cabelo, de maquiagem, de alimentos a serem consumidos, modismos de dietas....”

Professora F 2

Quadro 5 – Respostas dos Professores à questão: **Que tipo de informações sobre o corpo (textos, imagens, vídeos e etc) você costuma postar ou compartilhar dentro do seu Facebook?**

01	Fotos de competições de Triathlon. Nadando, pedalando e correndo. Fotos de esportes, em sua maioria.
02	Na verdade não uso muito este recurso, mas gosto de curtir, compartilhar ou apenas visualizar matérias que "usam" o corpo para divulgar práticas desportivas, sugestões de atividades lúdicas para adultos ou crianças. Quanto a moda, sou suspeita para comentar pois como sou professora de Ed. Física, gosto de anúncios de roupas esportivas pelo conforto e praticidade e normalmente são carregadas de estereótipos de beleza.
03	Eu compartilho videos engraçados de vez em quando,mas posto mais fotos da família em minha linha do tempo..
04	Não costumo postar muito. Mas compartilho de alguns colegas vídeos e textos sobre atividade física
05	Nutrientes saudáveis e treinos.
06	Posto os cursos que ofereço sobre as Práticas Corporais Orientais que pratico e ministro aulas. Compartilho dos colegas também. Publico imagens e informações que fomentem a saúde, o bem estar e o equilíbrio global do ser humano.
07	Informações sobre educação física, exercícios, cuidados, informações inerentes a área educacional e corporal, alimentação entre outras.
08	Uso pouco o face. Nem fotos tenho o costume de colocar...
09	Não compartilho muito, sou uma usuária de face esporádica. mas o que me agrada são posts sobre a saúde que vem de dentro para fora, com qualidade de vida.

10	Compartilho apenas informações sobre política, temas relevantes para auto análise e mensagens de paz e respeito....nao curto essa mega exposicao do corpo.
11	imagens de pessoas fazendo atividade física, textos de orientação quanto a cuidados com o corpo, etc.
12	Em relação ao tema corpo, quando eu posto, normalmente está relacionado a desenvolvimento motor, saúde e desenvolvimento esportivo.
13	Essa relação virtual é recente, mas atualmente tenho postado fotos da participação dos alunos nos eventos da escola e a primeira tentativa de um trabalho de pesquisa para apresentação em aula. Minha meta é estabelecer uma relação virtual que seja uma extensão e complemento das aulas.
14	Imagens e textos
15	Atividades físicas para adolescentes e atividades cotidianas.
16	Para falar a verdade não costumo postar muita coisa, mas fotos é mais comum.
17	Vídeos sobre união e força social , atividades circenses , musicas de qualidade , grandes malabaristas e artistas renomados , esportes diferenciados , cultura popular brasileira , esperança ..
18	Geralmente posto fotos de viagens, de preferência de sunga, e posto vídeos das minhas aulas de zumba!
19	Sobre a real importância do corpo, a saúde e seus movimentos, lembrando sempre dos limites.
20	Não costumo postar muita coisa, apenas utilizo como comunicação com amigos. Mas, reconheço que informações envolvendo saúde, tratamento, beleza e exercícios são as que mais consumo.
21	EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS.
22	Não costumo utilizar o meu Facebook para divulgar informações sobre o corpo.
23	Acredito que posto poucas informações no facebook, mas relacionada a corpo talvez algumas informações sobre educação física, esportes, e relacionadas à importância da atividade física para saúde e qualidade de vida
24	normalmente relacionados so esporte Jiu Jitsu, ou a alguma vertente que pra mim diz também respeito ao vasto mundo deste esporte, filosofia de vida e arte marcial.
25	Penteados, maquiagem, unhas decoradas e dietas para perda de peso
26	Site de vida saudável.
27	Costumo comentar foto de amigas que me parecem belas.
28	Fotos de eventos esportivos
29	Acho que não costumo postar ou compartilhar materiais que cultuem o corpo. Acredito que não reparei muito nisto quando os fiz, mas procuro compartilhar informações sobre saúde. Eu recebo propagandas sobre como emagrecer em um dia (exagero) e não gosto desses tipos de propagandas. Procuro compartilhar histórias que o meu maior público (alunos) possam refletir ou sorrir.
30	Como em minha percepção, corpo é tudo que compõe o indivíduo: corpo físico, mental e espiritual, tudo o que posto e compartilho em meu facebook é referente à construção de corpo.
31	Coloco mais imagens e vídeos .
32	AUTO AJUDA, ESTÍMULO PARA CORRER, VOLTAR AOS TREINOS E PERSISTIR NELE;
33	Dietas mas com acompanhamento de nutricionista. Exercícios e atividade física acompanhada de um profissional de educação física.
34	Geralmente relacionadas com dança. Mas curto de tudo referente a minha área de atuação. Mais voltados o desenvolvimentos humano e saúde pela prática de atividade física.
35	Mais voltados o desenvolvimentos humano e saúde pela prática de atividade física.
36	Geralmente, posto tudo que tem a ver com saúde, isto é, alimentação saudável, atividades físicas e atitudes positivas com relação ao meio ambiente, isto é, respeito ao planeta e seus "moradores"

Tabela 04: relata as categorias formuladas sobre as informações de corpo que são postadas nas redes pessoais

Categorias	Respostas	Percentual
Esporte e saúde	16	44,44%
Imagens, textos e vídeos	7	19,44%
Experiências Cotidianas	6	16,67%
Não posta	3	8,33%
Produtos de beleza	2	5,56%
Auto ajuda	2	5,56%
Arte alternativa	1	2,78%

De acordo com a tabela acima foram elaboradas 7 categorias para as respostas dos professores conforme os conteúdos postados nos 3 meses de coleta de dados e observação de cada *Facebook* de maneira individual.

É importante evidenciar que o tipo de conteúdo postado se refere à estória particular e individual de cada um e se relaciona a uma série de fatores como formação pessoal, formação acadêmica e a um contexto histórico mais amplo dentro de uma sociedade capitalista.

A categoria de maior percentual foi denominada “esporte e saúde” e evidencia em grande parte a preocupação dos sujeitos com um estilo de vida saudável através da prática regular de atividade física e de esportes.

Na visão dos professores o *Facebook* é uma ferramenta importante para veiculação de ideias e pode influenciar em outras representações de quem recebe essas informações, portanto, essa categoria evidencia um modo de interação com um determinado público, às vezes grupo de alunos, e também uma tentativa de pregar valores considerados adequados para um estilo de vida saudável como podemos observar nas falas a seguir:

“Essa relação virtual é recente, mas atualmente tenho postado fotos da participação dos alunos nos eventos da escola e a primeira tentativa de um trabalho de pesquisa para apresentação em aula. Minha meta é estabelecer uma relação virtual que seja uma extensão e complemento das aulas.”

Professor M4

“Geralmente, posto tudo que tem a ver com saúde, isto é, alimentação saudável, atividades físicas e atitudes positivas com relação ao meio ambiente, isto é, respeito ao planeta e seus “moradores”

Professora F 21

Segre e Ferraz (1997) afirmam que é ultrapassada a atual definição de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma condição de perfeito bem-estar físico, mental e social de um indivíduo, alegando que seria algo inatingível com base na personalidade do próprio indivíduo e do contexto onde ele vive.

Concordamos com os autores ao mencionarem essa colocação como utópica, porém, acreditamos que esse conceito deve perpassar ou se inter-relacionar aos vários aspectos que compõem e circundam o indivíduo como: biológicos, sociais e psicológicos mas, não como uma meta a ser atingida ou como aptidão e eficiência máxima, mas como parâmetros a serem observados, dentro de uma perspectiva holística ou omnilateral.

A saúde, nesse ponto de vista, bem como a qualidade de vida envolvem questões subjetivas, próprias de cada sujeito e se referem ao estado de harmonia em que o indivíduo se encontra naquele momento e em relação a vários fatores de sua existência. “E, concluindo, dentro desse enfoque, não se poderá dizer que saúde é um estado de razoável harmonia entre o sujeito e a sua própria realidade?” (SEGRE e FERRAZ, 1997, p. 542).

Quadro 6 – Respostas dos Professores à questão: *Você concorda que a mídia, em especial a rede social online Facebook, a partir do nosso contexto histórico atual prega e valoriza determinados padrões de beleza? Por quê?*

01	Sim. O uso da internet, e os padrões de beleza estereotipados, encontraram no Facebook uma razão para se difundirem com uma maior facilidade.
02	Sim. O facebook é um dos instrumentos para esta prática, ele também reproduz este pensamento, infelizmente não é o único. E infelizmente não usa esta linguagem para reproduzir um pensamento a favor da melhoria da saúde e bem estar das pessoas, mas sim um pensamento consumista e mercadológico.
03	Concordo, porquê vaidade é meu pecado favorito. Agora a mídia exagera quando o tema é padrão de beleza. Na minha opinião a mídia não estar preocupada com a saúde das pessoas e sim em manipulá-las, com receitas milagrosas, que prometem transformar fisicamente as pessoas sedentárias em atletas de elite...Nos educadores físico sabemos que não existe nenhum milagre e sim força de vontade.
04	Sim. Mostrando estilo de vida, modelos magras, receitas de dietas.
05	Não. Ela apenas democratizou aquilo que era feito em novelas, propagandas, jornais e revistas.

06	Com certeza. Mas não é só o facebook, e sim a sociedade que precisa girar muito rapidamente os seus materiais (bens) estimula essa troca constante de interesses e padrões de comportamento, gostos e, obviamente, de beleza.
07	Sim, devido a grande demanda de informações referentes a academias e imagens de corpos padronizados, enfatizando a busca pelo corpo perfeito diante desses padrões apresentados.
08	Sim. Porque é mídia.
09	Sim. A massa tem que consumir. E o facebook é um ótimo divulgador de produtos. O Cabelo maravilhoso que vem do uso de um shampu, o corpo sarado que vem da malhação de uma determinada academia... Os padrões de beleza divulgados são sempre os mesmos, mulheres magras homens fortes. O Facebook divulga os mesmos padrões das outras mídias.
10	Com certeza sim...as redes sociais principalmente o facebook lrega a ditadura da mulher be do homem c coroos esculturais...se observas as fotos contem o mesmo modelo de roupa. Cabelo. Maquiagem e pose pra foto.
11	Sim, concordo plenamente, para começar nos postamos no Facebook só as melhores imagens e depois os comentários e as curtidas, quando uma imagem é bom são vários ao Comentário de uma imagem que não ficou tão boa.
12	Sim, a rede é composta pelas pessoal que a constroem. E como ela é usada como uma ferramenta de exposição e interação, acaba ditando comportamentos e padrões de corpo e beleza
13	Sim. Os valores são impostos por todas as mídias mas creio que é um bom momento para estabelecer um diálogo e criar uma consciência.
14	Sim, a maioria das fotos e modos de exibição são parecidos e seguem um padrão, esse padrão também se prolonga pelo fato de ser fácil disseminado nas redes.
15	Sim. Modelo globeleza e manequins. Reproduz o que é veiculado pela TV.
16	Sim, sem dúvida. Na verdade reforça o que a mídia (através de suas novelas, filmes e transformação de atores em ídolos) já impõe todos os dias. Pessoas fora dos padrões atuais de beleza muitas vezes se submetem a bullying virtual ao postarem fotos ou vídeos pessoais.
17	Sim ..os conceitos estão mudando e novas ideias se abrindo a discussão , novos padrões de beleza , agora o black power está em alta , negras nas propagandas , indios na politica e na internet .. vários tabus estão sendo rompidos como o homossexualismo e as drogas , agora já tem um campo maior de debate . mas o padrão global do corpo perfeito magrinho , sempre acaba imperando ...
18	Concordo, pois quanto mais bonito o corpo, mais curtidas, comentários e compartilhamentos a foto e/ou vídeo terá, elevando assim, a valorização pelos corpos malhados e sarados!
19	Sim, pois hoje foi pré-estabelecido por algumas pessoas o corpo perfeito, onde quem não se enquadra está fora, sem espaço e até mesmo isolado.
20	Sim. Há múltiplas influências na sociedade e a mídia pela capacidade de comunicação atua com mais poder. O Facebook aproxima as pessoas e torna seu ambiente virtual muito utilizado no dia-a-dia dos usuários, o que gera um poderoso instrumento de comunicação e de propaganda.
21	POR SE TRATAR DO IMAGINÁRIO, DO VIRTUAL O BELO AINDA CHAMA MAIS ATENÇÃO.
22	Sim. No primeiro parágrafo da resposta do questionamento de número 6 eu já argumento.
23	Sim, concordo. Ficam nítidos nas publicações mais veiculadas no Facebook (não somente por pessoas individualmente, mas também por perfis de empresas e grupos sociais) os padrões de beleza, consumo e comportamento ditados pela sociedade capitalista e consumista como sendo os ideais, e ainda como sinônimos de sucesso; quem não está dentro desses padrões e estimulado a buscá-los de qualquer maneira. Somos bombardeados a todo instante no facebook com imagens desse tipo
24	talvez sim, porém como citei acima, em minha timeline pouco vejo algo do tipo, por ter uma canalização mais específica

25	Sim. Pois valoriza determinados padrões estéticos os colocando como exemplo de beleza, enquanto denigre outros com fotos e frases de mau gosto. Ambos aspectos são divulgados, compartilhados e curtidos a todo momento.
26	Sim. A grande maioria quer estar bem nos posts.
27	Sim. Porque parece que as únicas mulheres e homens que podem ser considerados belos são os que estão envolvidos com algum tipo de atividade física "padronizada". Baixo percentual de gordura e alto índice de massa magra corporal. Valores estéticos de formas heterogêneas não parecem ser consideradas, a diversidade não parece ser considerada como elemento de beleza
28	Concordo. É possível observar essa valorização pela quantidade de visualizações e de "curti" de determinados vídeos e imagens relacionados ao "bonito e sarado"
29	Eu uso o Facebook como detalhei acima, procuro partilhar materiais que não venham trazer preocupações com padrões de beleza. Geralmente recebo propagandas e não gosto, a mim não influenciam, mas acredito que os mais jovens se deixam influenciar sim.
30	Sim, com certeza. Quando propagandas de dietas, treinamentos e produtos e também as sugestões de páginas com estes temas (não autorizadas pelo usuário) aparecem sendo anunciadas em sua página, isso acaba atingido o usuário, e através dali, pode consumir aquele produto.
31	Sim. A mídia nacional e internacional sempre apresentou um modelo de padrão estético de corpo para a sociedade no decorrer de décadas, e as redes sociais não poderiam ficar indiferentes a essa influência, fazendo com que as pessoas se exponham seus corpos de qualquer forma, sem critérios ou autocrítica,
32	SIM. CONSISTE EM UMA FORMA DE JULGAR O QUE ESTÁ NA MODA E O QUE NÃO ESTÁ. PADRÕES QUE SÃO SEGUIDOS DE FORMA INCONSCIENTE..
33	Sim. Porque a sociedade esta em constante mudança e tudo o que é veiculado pela mídia entra nas redes sociais e isso se torna um padrão que nem sempre é saudável mas se torna perfeito pelos veículos de informação, o que deveria ser questionado é apenas aceito.
34	Concordo. Se você não faz parte daquilo que se compartilha na rede, você não tem nem condições de entrar na disputa. Os valores estipulados pela rede.
35	Sim, os "post" mais comentados, curtidos e compartilhados são normalmente de gente famosa, bonita e com o corpo dito perfeito.
36	Sim, já respondi acima, é um meio rápido e eficiente de propagar idéias e interesses. Também fácil de manipular.

A relação entre corpo e lógica de mercado tem importância para nosso estudo, uma vez que, nossas representações são construídas a partir do meio social ao qual estamos inseridos e que podem ser influenciadas por meios específicos de comunicação de massa.

No que se refere aos aspectos psicossociais em se tratando de representação e suas inferências Garcia (2005) considera que alguns mecanismos midiáticos apontam o corpo em sua máxima representacional contemporânea, mas sem destacar de forma crítica a imagem corporal que se mostra nesse âmbito comunicacional.

O avanço da tecnologia, o advento da *internet* e seus inúmeros recursos como redes sociais faz com que as reflexões sobre o corpo sejam contextualizadas, pois, de acordo com Gonçalves (1997) esse avanço da tecnologia e dos meios de comunicação acarreta uma padronização dos gostos, hábitos e consciência que irá refletir na concepção e no tratamento do corpo.

Essa visibilidade do corpo a partir das tecnologias e das redes sociais *online* também deve ser pautada por fatores econômicos e políticos e dos desejos que se investem sobre o corpo enquanto um produto e um modelo padronizado.

Essa relação do corpo na mídia que se tornou narcísica e publicitária corresponde a um ideal de corpo e de estética que deve ser desejado e buscado pelas pessoas de forma acrítica. A esse culto e preocupação exacerbados com o corpo Codo e Senne (2004) deram o nome de corpolatria.

Fisher (2002; 1999) afirma que a influência da mídia é uma fonte poderosa de produção e circulação de uma série de valores, concepções e representações sobre quem nós somos e o que devemos fazer com nosso corpo. Ela também produz conhecimento, promove trocas simbólicas e materiais em dimensões globais.

Sobre essa questão os professores alegam que:

“Sim. A massa tem que consumir. E o facebook é um ótimo divulgador de produtos. O Cabelo maravilhoso que vem do uso de um shampu, o corpo sarado que vem da malhação de uma determinada academia... Os padrões de beleza divulgados são sempre os mesmos, mulheres magras homens fortes. O Facebook divulga os mesmos padrões das outras mídias.”

Professora F7

“Sim, sem dúvida. Na verdade reforça o que a mídia (através de suas novelas, filmes e transformação de atores em ídolos) já impõe todos os dias. Pessoas fora dos padrões atuais de beleza muitas vezes se submetem a bullying virtual ao postarem fotos ou vídeos pessoais.”

Professora F11

4.2 - Análise da Tarefa de Evocações Livres

A associação ou evocação livre é considerada por Abric (*apud.* SÁ, 1996) uma técnica maior para coletar os elementos constitutivos do conteúdo de uma representação e consiste em pedir aos sujeitos que, a partir de um termo indutor apresentado pelo pesquisador, digam palavras ou expressões que lhes tenham vindo imediatamente à lembrança de maneira espontânea e menos controlada.

Nas palavras de Bardin (1977):

Para cada palavra indutora e para cada sujeito obtêm-se uma, duas, três ou quatro palavras inseridas numa pequena ficha, que são substantivos, adjetivos, expressões e nomes próprios. Uma vez reunida a lista das palavras suscitadas por cada palavra indutora (ou as fichas divididas em pilhas, segundo o estímulo respectivo), sendo este o primeiro trabalho de classificação, confrontamo - nos perante um conjunto heterogêneo de unidades semânticas. Face a esta desordem, torna-se necessário introduzir uma ordem. Mas qual a ordem a introduzir, e segundo quais critérios? Para que a informação seja acessível e imaginável, é preciso tratá-la, de modo a chegarmos a representações condensadas (análise descritiva do conteúdo) e explicativas (análise do conteúdo, veiculando informações suplementares adequadas ao objetivo a que nos propusemos. (BARDIN, 1977, p. 60)

A técnica de evocações livres nas palavras de Sá (1996) possui propriedades qualitativas (dado o valor simbólico e poder associativo) e quantitativas (saliência, relativo à frequência de evocações e conexidade, onde a cognição central poderá entrar em contato com um grande número de outros elementos) e é considerada como um dos principais métodos no quadro de referência da teoria do núcleo central.

De acordo com Sá (1996) a teoria do núcleo central foi proposta pela primeira vez dentro de um quadro de pesquisa experimental em 1976 por Jean-Claude Abric sob a forma de uma hipótese a respeito da organização interna das representações sociais alegando que toda representação é organizada em torno de um núcleo central, constituído de um ou de alguns elementos centrais que dão à representação o seu significado e de elementos periféricos.

Afirma Sá (1996) que a objetividade que os críticos negam à teoria original de Moscovici pode ser encontrada na teoria que busca complementá-la, como é o caso da teoria do núcleo central, vista como uma abordagem complementar à grande teoria.

Abric (*apud.* SÁ 1996) afirma que o núcleo central é o elemento mais estável na representação, ou seja, aquele que não muda, sendo, portanto um subconjunto da representação, composto de um ou alguns elementos cuja ausência desestruturaria a representação ou lhe daria uma significação completamente diferente.

Para a identificação do núcleo central e dos elementos periféricos foi dado como termo indutor na tarefa de evocação livres a palavra “CORPO” e em seguida a enumeração das cinco primeiras palavras que lhe viessem à mente. Posteriormente foi solicitado que separassem por ordem de importância três palavras, dentre as cinco citadas, que na opinião dos professores, eram as mais importantes e, por último, que dessem o significado da palavra que consideraram como sendo a mais importante.

De acordo com Abric (*apud.* SÁ, 1996) esse trabalho cognitivo de análise, comparação e hierarquização permite reduzir em grande medida a parte de interpretação ou de elaboração da significação pelo próprio pesquisador, tornando a análise dos resultados mais fácil e mais pertinente.

Para a análise das evocações foi utilizado o *Software* o EVOC que de acordo com Sant’Anna (2012) é um programa elaborado pelo francês Pierre Vergès que visa permitir a identificação, a partir de uma lista ordenada de evocações livres, dos elementos centrais e periféricos da representação conforme define a teoria do núcleo central. Esta técnica cruza as frequências das evocações (natureza quantitativa) com as ordens das evocações (natureza qualitativa) para construir uma tabela de contingências de quatro quadrantes separados por esses cruzamentos como no Quadro abaixo:

Quadro 07: Esquema de representação da distribuição das evocações, onde o eixo vertical corresponde à frequência de evocação das palavras e o eixo horizontal a ordem de evocação.

1.º quadrante Alta evocação + alta frequência	2.º quadrante Baixa evocação + alta frequência
3.º quadrante Alta evocação + baixa frequência	4.º quadrante Baixa evocação + baixa frequência

Fonte: Sant’Anna (2012) e Vergés (2002)

Sant'Anna (2012) explica como ocorre a interpretação dos dados a partir do fornecimento do *Software* EVOC em quadrantes organizados em um eixo horizontal que se refere à ordem de evocação e um eixo vertical que se refere à frequência e evocação das palavras conforme podemos observar no Quadro abaixo:

Quadro 08: ilustra o esquema de quadrantes do Software EVOC

F R E Q U Ê N C I A	ORDEM MÉDIA DE EVOCÇÃO	
	1º QUADRANTE NÚCLEO CENTRAL	2º QUADRANTE SISTEMA PERIFÉRICO OU PERIFERIA PRÓXIMA
	3º QUADRANTE SISTEMA PERIFÉRICO OU PERIFERIA PRÓXIMA	4º QUADRANTE PERIFERIA DISTANTE

Fonte: Sant'Anna (2012) e EVOC (2003)

- No primeiro quadrante (superior esquerdo, ++), encontram-se as evocações de maior frequência e maior ordem de evocação, sendo muito citadas e com importância para os sujeitos - maior probabilidade de integrar o núcleo central;
- No segundo e terceiro quadrantes situam-se as periferias próximas cujos elementos apresentam alta frequência ou baixo valor de ordem de evocação
- No quarto quadrante (inferior direito, --), encontram-se as evocações de menor frequência e menor ordem de evocação, de menor relevância para a representação e contrastantes com o núcleo central – a última coroa do sistema periférico.

O Evoc facilita a análise da abordagem estrutural das representações sociais que foi proposta originalmente por Jean-Claude Abric em 1976, onde ele se baseia na hipótese de que toda representação social está organizada em torno de um núcleo central, que seria o elemento fundamental responsável pela organização e significação da representação (SANT'ANNA, 2012).

Os elementos de maior frequência e primeiramente evocados são os mais importantes e prováveis indicadores do núcleo central da representação (juntamente com o indicador adicional de saliência para verificar a relevância de cada elemento que foi a solicitação do significado da palavra considerada a mais importante) e os elementos menos frequentes e

com baixa ordem de evocação são considerados os elementos periféricos e embora menos salientes são também elementos significantes da organização da representação.

Tabela 05: Evidencia os quatro quadrantes do Software Evoc com Núcleo Central e Periférico a partir das respostas dos sujeitos

Options pour le programme TABRGFR

Fréquence Minimale

Fréquence Intermediaire

Rang moyen

Rang < 2,5

saúde	24	1,750
-------	----	-------

Fréquence
>=
10

beleza estética vida	8 4 5	2,375 2,000 2,200
----------------------------	-------------	-------------------------

3
<=
Fréquence
<
9

Rang >= 2,5

movimento	18	2,556
-----------	----	-------

alimentação bem_estar desenvolvimento equilibrio esportes expressão_corporal força instrumento perfeição	4 4 3 3 3 5 3 3	3,500 2,750 2,667 4,667 2,667 4 2,600 4,333 3,333
--	--------------------------------------	---

Fonte: Software EVOC (2003)

Foram citadas 5 palavras a partir do termo indutor e obtido um total de 210 evocações.

Abric (apud. SÁ 1996) ao afirmar que o núcleo central é o elemento mais estável na representação nos faz refletir que ele não muda e que faz parte de um subconjunto de toda a representação e que se mudasse também mudaria a própria representação.

Desse modo, o que nossa análise evidenciou como núcleo central do termo indutor “CORPO”, no caso a palavra “saúde” demonstra que existe uma vinculação entre os sujeitos pesquisados de corpo e saúde considerando o corpo como uma perspectiva mais ampla integral sobre o que é corpo.

Ao utilizarmos o indicador adicional de saliência para verificarmos a relevância do elemento mais importante na visão dos professores através de seu significado, estamos

fazendo no ponto de vista de Abric (apud. SÁ, 1996) um trabalho cognitivo de análise, comparação e hierarquização que nos permite reduzir a parte de interpretação dos dados ou uma possível e complexa elaboração de significação pelo próprio pesquisador.

Quadro 09: Evidencia o elemento mais importante na Tarefa de Evocações Livres

ELEMENTO	QUANTIDADE
Saúde	18
Movimento	04
Qualidade de vida	03
Expressão Corporal	02
Desenvolvimento	02
Base	01
Disposição	01
Imensidão	01
Meio	01
Casa	01
Espírito	01
Liberdade	01
Prazer	01
Corporeidade	01
Vida	01
Forma	01
Equilíbrio	01
Unidade	01
TOTAL	42

O indicador adicional de saliência juntamente com seu significado relativo ao termo indutor “CORPO” nos permite inferir que as representações sociais dos professores de educação física da cidade de São Sebastião - DF estão intimamente relacionadas ao elemento “saúde”, que por sua vez corresponde ao seu núcleo central.

Ao relacionarem o corpo com a saúde esses professores no geral, acreditam que o significado do termo “saúde” está relacionado a um bem estar em todas as esferas da vida:

social, emocional, física e etc, onde será através do corpo que o indivíduo concretizará todos os seus anseios e projetos de vida.

Nesta pesquisa, as representações sociais de corpo perpassam ideias de (saúde, movimento, beleza, estética, vida, força, expressão corporal, bem-estar e alimentação) onde os elementos centrais e periféricos podem ser observados na Tabela 08 acima. Para os dados dessa pesquisa consideramos as palavras com no mínimo 3 ocorrências, dada a quantidade de sujeitos pesquisados. As palavras indicadas como de maior frequência são aquelas com 10 ou mais evocações e a ordem média de evocação considerada como ponto de corte foi de 2,5.

Assim, a palavra mais evocada e com maior relevância em termos de núcleo central foi a palavra “saúde” e de modo secundário como núcleo periférico encontram-se as palavras “movimento, beleza, estética e vida” que também evidenciam relação com o núcleo central.

4.3 - Sobre a hipótese

Na tentativa de explicarmos aquilo que ainda desconhecíamos acerca da sistematização do problema de pesquisa levantamos a hipótese de que as representações de corpo dos professores de Educação Física usuários de redes sociais *online*, especificamente o *Facebook*, sofrem influências da mídia enquanto meio social ao qual estão inseridos.

Na tentativa de elucidação e sustentação para nossa hipótese, recorreremos a estudiosos que se debruçaram ao longo dos anos sobre estudos de influência da mídia, em geral, sobre a realidade social concreta.

Apesar de encontrarmos evidências dessa influência nos estudos de Behmoiras (2011), Conti *et al* (2008), de Fisher (2002; 1999), de Santaella (2004) e tantos outros não podemos afirmar categoricamente em nosso estudo que a influência das redes sociais *online*, especificamente o *Facebook*, direcionem as representações de corpo dos professores de educação física.

Nas observações de Conti *et al* (2008) e Fischer (1999; 2002) é evidente que a mídia interfere nas representações, comportamentos e identidades através das complexas produções e circulações de uma série de valores e representações sobre quem nós somos e o que devemos fazer com nosso corpo.

Santaella (2004) e Rosa e Santos (2013) também relatam esses sinais do corpo nas redes sociais *online*, a partir de uma perspectiva histórica, levando em consideração o atual modelo econômico de sociedade que prega valores de eficiência, competição acirrada e culto exacerbado do corpo.

Se for possível afirmar que nossas identidades são constituídas culturalmente e estão fortemente vinculadas às práticas sociais, o que somos ou pensamos sobre nós mesmos pode estar vinculado, associado e sustentado por diversos artefatos culturais, como a mídia, por exemplo, em particular as redes sociais *online*.

Acreditamos que um estudo posterior e mais profundo possa dar continuidade a esta pesquisa e a uma possível resposta positiva para a hipótese aqui formulada considerando essa complexidade que é o tema da subjetividade, das identidades e das representações sociais.

Foi unânime entre os sujeitos pesquisados a crença de que as representações de corpo construídas historicamente podem sofrer influências das TICs, das redes sociais *online* e de forma específica do *Facebook*. Porém, não ficou evidente nos dados coletados que as representações dos professores sofressem influência dos mesmos.

Nesse processo de compartilhar características particulares, íntimas, opiniões pessoais e representações como forma de reconhecimento, afinidades ou de identificação entre os grupos e as pessoas acarreta na visão de Rosa e Santos (2013) um sentido de representação diretamente relacionado às identidades, que pode gerar repercussões na subjetividade dos usuários, bem como nos sentidos e significados que eles atribuem a essas identidades.

Os referidos autores alegam que mesmo ocorrendo o que eles denominaram de processo de negociação das identidades, ou seja, uma manipulação das informações, uma ocultação da verdade sobre o usuário e até mesmo uma dissimulação dos caracteres identitários, isso não exclui que haja a possibilidade de uma recriação interna o que, também geraria repercussões na identidade, uma vez que esse processo envolve um exercício de si mesmo para si mesmo e para o outro (ROSA e SANTOS, 2013).

Também não podemos inferir categoricamente que essa complexidade do processo de negociação de identidades ocorreu e/ou ocorre nas falas e postagens dos professores pesquisados, pois nos dados coletados não identificamos as chamadas “ocultações e dissimulações” dos caracteres identitários.

Desse modo a resposta para nossa hipótese não é conclusiva para os sujeitos pesquisados mesmo com a evidência da influência da mídia sobre questões relativas ao corpo e à representações sociais de determinados indivíduos.

Capítulo V - Considerações Finais

Este tópico discriminado como considerações finais não tem o intuito de concluir este trabalho exploratório, mas sim de esclarecer os objetivos previamente elaborados. Para isto, novos estudos necessitam ser realizados, demandando mais pesquisas qualitativas utilizando diferentes métodos e instrumentos de coleta e análise de dados. Neste sentido, quando falamos sobre o corpo numa perspectiva sócio histórica e cultural fica difícil concluir ou esgotar de forma absoluta as discussões sobre o mesmo, considerando o fluxo contínuo e veloz de novas informações pela *internet* e demais transformações culturais que estamos sujeitos em nosso dia a dia.

Pudemos perceber que a Educação Física ao longo dos tempos ganhou *status* privilegiado enquanto área de conhecimento e campo de estudo onde o corpo analisado de forma histórica e pedagógica, juntamente com o movimento e as práticas corporais, se torna também seu objeto de estudo. Porém, ela ainda carrega características de alguns métodos que a influenciaram historicamente como rígidos métodos militares de disciplina e eficiência com foco na aptidão física e, de forma contemporânea, uma espetacularização de padrões que não se adequam a maioria das pessoas.

Entendemos que todo esse conhecimento sobre o corpo (médico, anatômico e biológico) é de grande importância para a área, mas por si só não consegue ampliar discussões filosóficas e pedagógicas e sobre o significado e simbologia do corpo em cada contexto histórico.

Já afirmamos anteriormente que a educação de modo geral passa pelo corpo enquanto universo simbólico e nos permite um desenvolvimento amplo no que se refere à normas sociais, percepções, expressões, desenvolvimento psicomotor, social, cognitivo, esquema corporal, orientação espacial, questões afetivas, sexuais e tudo mais que envolve procedimentos (o movimento enquanto meio), atitudes, valores e formulação de conceitos. E se torna importante frisar que toda essa amplitude de conhecimentos sobre o desenvolvimento humano passa pelo corpo, onde a Educação Física pode intervir e contribuir de maneira específica.

Desse modo, o corpo está atrelado ao contexto social em que estão inseridas as práticas sociais e por isso, é importante tê-las como objeto constante de reflexão visando possíveis transformações sociais.

Nesse bojo o corpo e suas práticas encontram-se como objeto de estudo em consonância com um contexto de sociedade marcada por um sistema capitalista de produção que prega valores como rendimento, eficiência, trocas, mercadorias, valorização excessiva do corpo e questões simbólicas que carecem de reflexões diárias.

Assim a compreensão sobre o que é corpo, suas categorias e classificações a partir de uma simbologia não é tarefa simples uma vez que ele se sujeita à regras de linguagem e valores culturais que foram passados de geração em geração e também subjetivos, próprios de cada ser humano.

Desse modo, também acreditamos que teoria das representações sociais formulada pelo psicanalista Serge Moscovici nos permitiu, coletar e analisar essas representações que os professores construíram e constroem no decorrer de sua estória de vida. Essa teoria configura-se como um modo de compreender o mundo e como um referencial teórico metodológico que apresenta possibilidades concretas para analisarmos as representações relacionadas ao corpo a partir do diálogo e da comunicação.

Através do questionário *online* e da tarefa de evocações livres podemos inferir que os objetivos da nossa pesquisa foram esclarecidos e analisados de maneira concisa. Ao analisarmos as representações de corpo através da metodologia apropriada para a teoria pudemos verificar que tipo de informações sobre o corpo foram veiculadas nos *facebook*s de cada professor e se essas representações estavam em consonância com o conceito de corpo apresentado por eles.

Sobre esse aspecto verificamos que as informações veiculadas estavam interligadas com a representação de corpo dos mesmos onde uma categoria denominada “esporte e saúde” evidenciou em grande parte a preocupação dos sujeitos com um estilo de vida saudável através da prática regular de atividade física e de esportes.

Os aspectos das redes sociais *online* enquanto elementos da mídia que poderiam ter influência nas representações sociais de corpo dos professores não ficou claro e demanda mais estudos, embora encontramos unanimidade nas respostas dos mesmos de que o *facebook* enquanto rede social e elemento da mídia através de imagens de corpos malhados, “curtidos”, “comentados” e “compartilhados” fosse capaz de influenciar nas representações de corpo de determinados indivíduos.

Na Tarefa de Evocações Livres a utilização do indicador adicional de saliência juntamente com seu significado relativo ao termo indutor “CORPO” nos permitiu inferir que as representações sociais dos professores de educação física da cidade de São Sebastião - DF estão intimamente relacionadas ao elemento “saúde”, que por sua vez corresponde ao seu

núcleo central e de modo secundário como núcleo periférico encontram-se as palavras “movimento, beleza, estética e vida” que também evidenciam relação com o núcleo central.

Esses professores acreditam no geral, que o significado do termo “saúde” está relacionado a um bem estar em todas as esferas da vida: social, emocional, física e etc, onde será através do corpo que o indivíduo concretizará todos os seus anseios e projetos de vida. Esse conceito de saúde, de acordo com Segre e Ferraz (1997), se vincula à Organização Mundial de Saúde (OMS) e, atualmente, é considerado ultrapassado pelos mesmos autores, onde o bem estar como situação perfeita em todas as esferas da vida seria algo inatingível e utópico.

Tal conceito, então, carece de novas reflexões por parte desses professores no intuito de compreender possíveis avanços em relação ao conceito da Organização Mundial de Saúde ou mesmo ampliar sua visão crítica.

É interessante notar que tanto no questionário *online* bem como na tarefa de evocações livres o elemento saúde foi um termo que ficou em evidência e que, se torna relevante para a área de Educação Física uma vez que lidamos com práticas corporais concretas e a saúde é um parâmetro que a maioria dos professores se preocupam ao tratar das especificidades sobre o corpo.

Nosso problema de pesquisa investigou a influência das redes sociais *online*, especificamente o *Facebook*, nas representações sociais de corpo na perspectiva de professores graduados em Educação Física e percebemos que nas representações sociais de corpo dos professores não ficou clara a evidência de que o *facebook* possa ter influências diretas sobre as mesmas, porém foi unânime a crença de que ele pode e influencia na elaboração de novas representações sociais de corpo de outros indivíduos, principalmente através de imagens espetacularizadas de corpos malhados.

Mesmo com evidências da influência da mídia e das TICs sobre o corpo nos estudos de Behmoiras (2011), Conti *et al* (2008), de Fisher (2002; 1999), de Santaella (2004) e outros mais não podemos afirmar categoricamente em nosso estudo que a influência das redes sociais *online*, especificamente o *Facebook*, direcionem as representações de corpo dos professores de educação física.

Certamente, um estudo posterior e mais aprofundado possa dar continuidade a esta pesquisa e também à novas hipóteses, considerando essa complexidade que é o tema da subjetividade, das identidades e das representações sociais.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Tarefa de Evocações Livres

APÊNDICE B - Roteiro do Questionário *Online*

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



TAREFA DE EVOCAÇÕES LIVRES

Professor Orientador: Dr. Alfredo Feres Neto

Mestrando: Esp. Robson de Souza Lobato – (Cursando mestrado em Educação Física pela Universidade de Brasília – UnB)

Professor (a), esta é uma tarefa de evocações livres ou associação de palavras que consiste em citar certo número de palavras a partir de uma palavra indutora para coletarmos informações sobre nosso tema central de pesquisa. Não se trata de uma avaliação e não há respostas certas ou erradas, apenas queremos conhecer a sua opinião. Esteja certo (a) de que será garantido o anonimato e que os dados coletados serão utilizados academicamente nesta pesquisa. Desde já, agradecemos a sua participação e colaboração.

1- Preencha rapidamente o quadro abaixo com as primeiras cinco palavras que lhe vierem a mente ao pensar na palavra “CORPO”:

1 -
2 -
3 -
4 -
5 -

2- Agora, separe por ordem de importância três palavras que você usou no quadro acima e que, em sua opinião, são as mais importantes:

1 -
2 -
3 -

3- Dê o significado da palavra que você considerou como sendo a mais importante, ou seja, aquela que está em 1º lugar.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador



Representações Sociais de Corpo e Redes Sociais Online: um estudo com Professores de Educação Física usuários do Facebook.

Mestrando: Robson de Souza Lobato
Orientador: Prof. Dr. Alfredo Feres Neto

Caro professor (a),

Estamos realizando esta pesquisa científica no Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em Educação Física e sua participação é muito importante para o avanço do conhecimento relativo à temática “Corpo, Mídia e Representação Social”.

Orientações:

É necessário que você seja verdadeiro (a)

Procure responder de maneira natural e espontânea.

Não tenha receio de expressar sua opinião.

A sua identidade será mantida em completo sigilo conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por você anteriormente.

Mestrando: Robson de Souza Lobato

Orientador: Dr. Alfredo Feres Neto

Faculdade de Educação Física

Universidade de Brasília

1. Qual é o seu primeiro nome e sua idade?

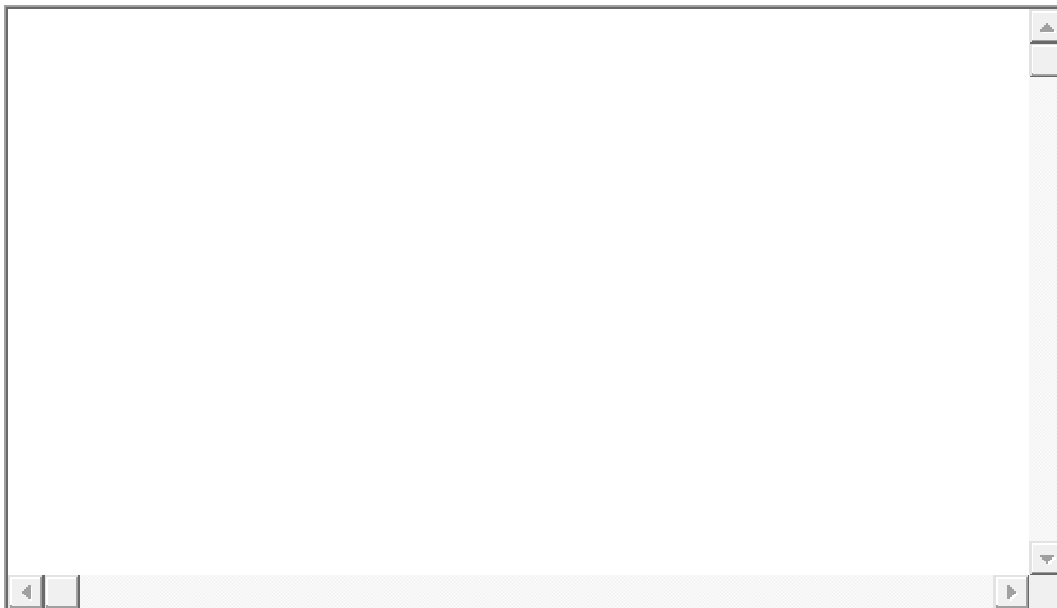
2. Sexo

Masculino Feminino

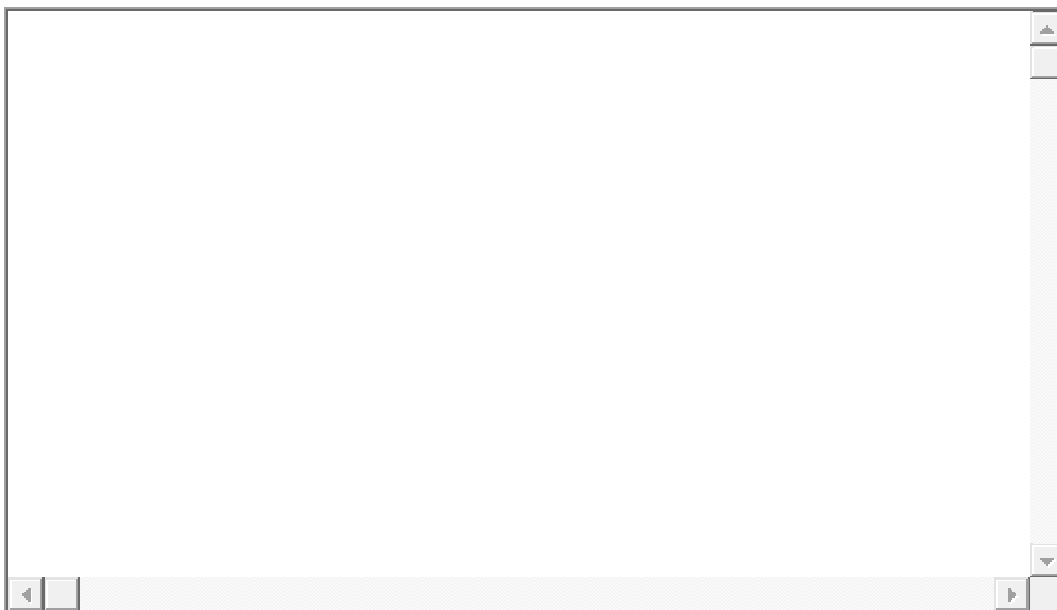
Outros

Sexo
Mas
culin
o

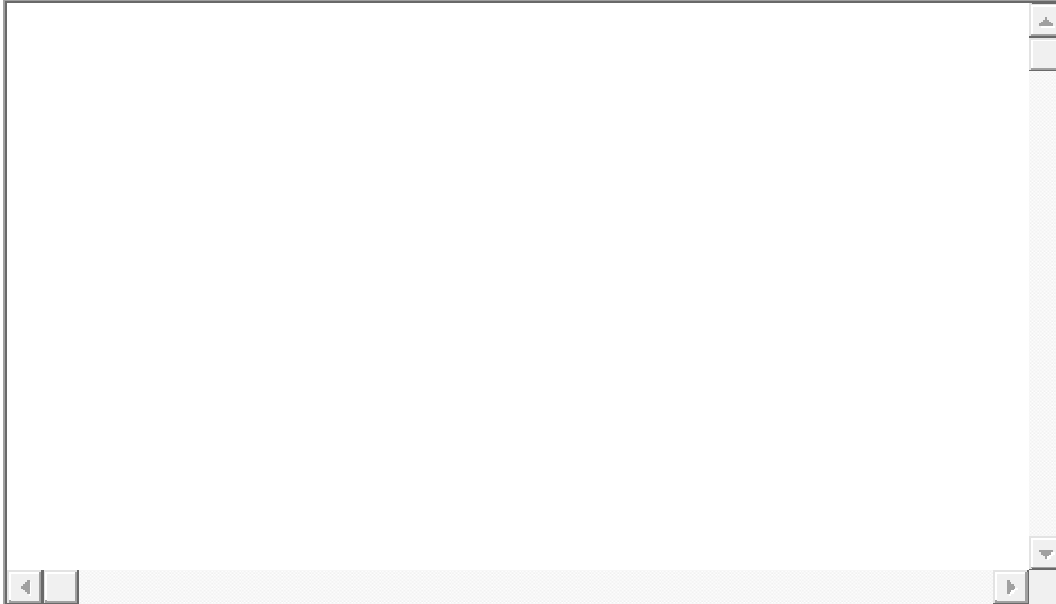
3. Cite respectivamente: a Instituição em que se formou, o ano de término da Graduação, seu local atual de trabalho e o tempo que possui em regência de sala de aula.

A large, empty rectangular text input box with a thin black border. It contains no text. The box is positioned below the question text. It has small navigation icons (back, forward, home, end) in the bottom-left and bottom-right corners.

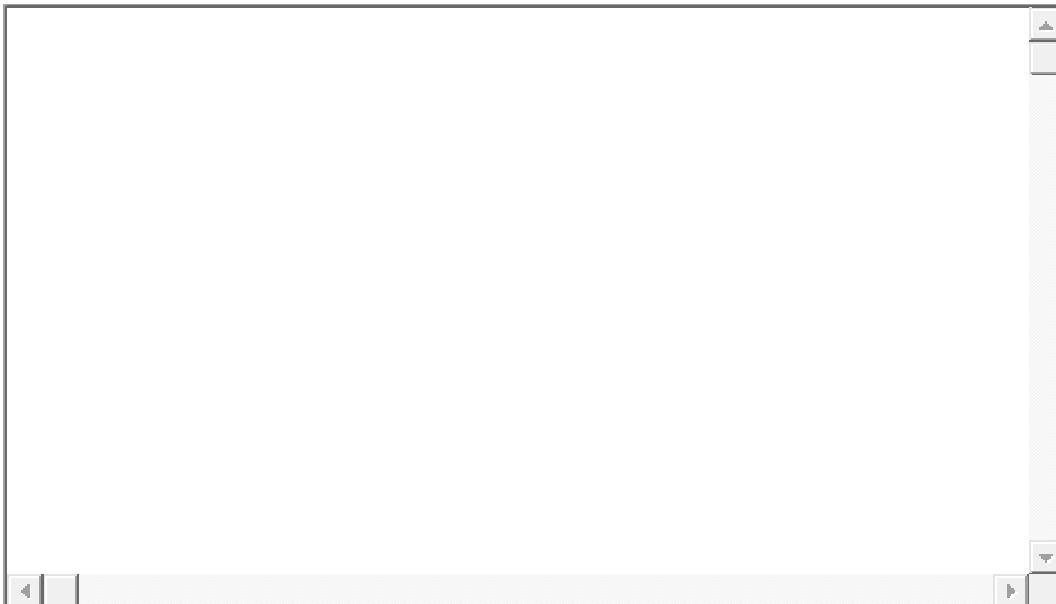
4. O que é corpo em sua opinião?

A large, empty rectangular text input box with a thin black border. It contains no text. The box is positioned below the question text. It has small navigation icons (back, forward, home, end) in the bottom-left and bottom-right corners.

5. Você concorda que uma representação de corpo construída a partir de uma dada realidade e estória de vida pode sofrer influência direta ou indireta das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)? Explique.

A large, empty rectangular text box with a thin black border. It contains no text or images, intended for the user to provide an answer to question 5.

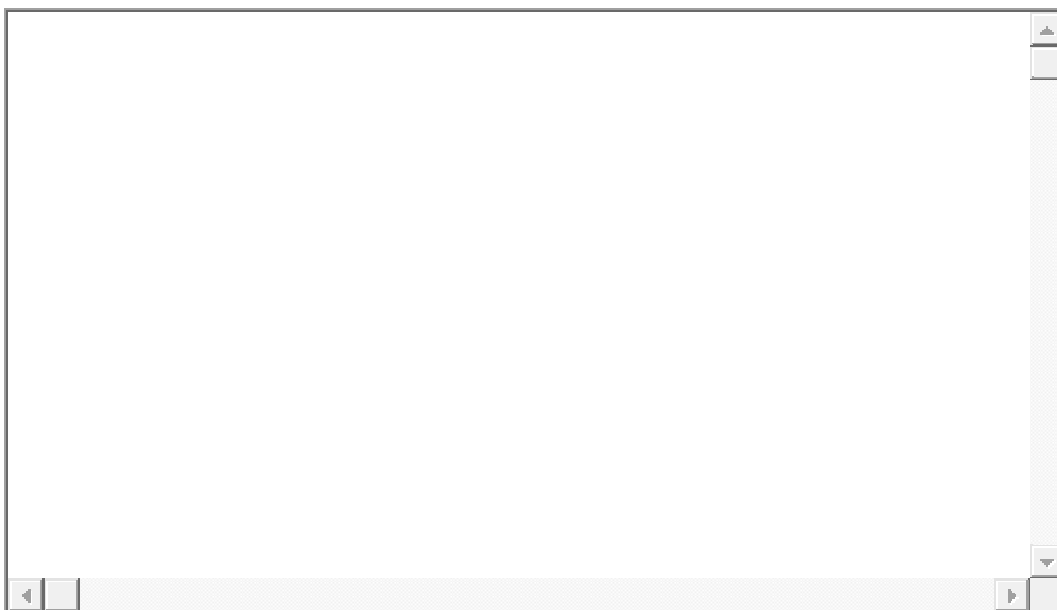
6. Em sua opinião uma rede social online, como o Facebook, pode influenciar nas representações de corpo? Se sim, de que maneira?

A large, empty rectangular text box with a thin black border. It contains no text or images, intended for the user to provide an answer to question 6.

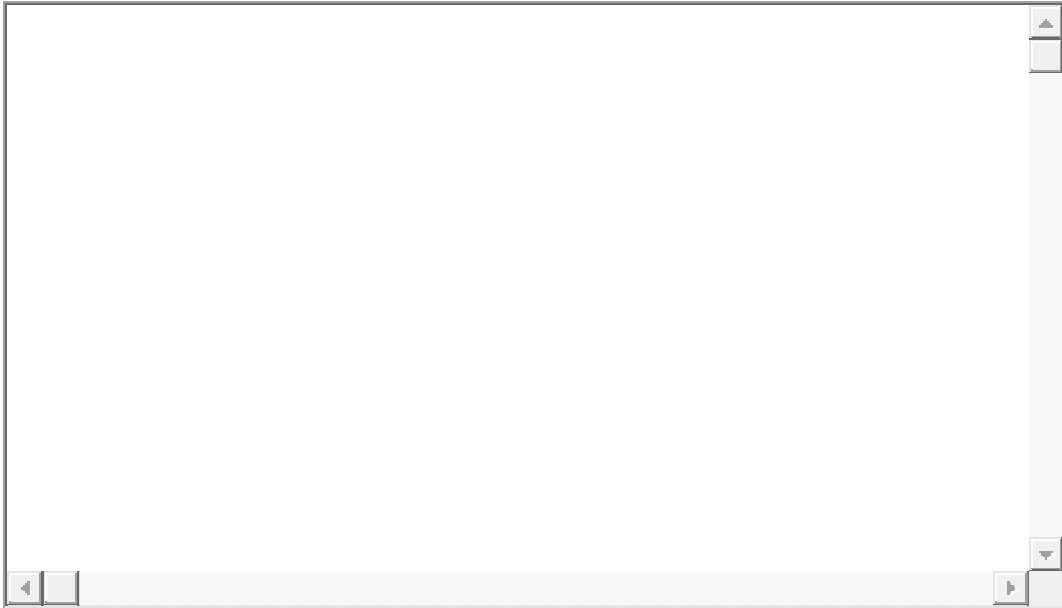
7. Cite um ou mais aspectos a partir da rede social Facebook que, em sua opinião, podem influenciar nas representações de corpo de um indivíduo.

An empty rectangular text input field with a thin black border. It features a vertical scrollbar on the right side and a horizontal scrollbar at the bottom, both with small square handles.

8. Que tipo de informações sobre o corpo (textos, imagens, vídeos e etc) você costuma postar ou compartilhar dentro do seu Facebook?

An empty rectangular text input field with a thin black border. It features a vertical scrollbar on the right side and a horizontal scrollbar at the bottom, both with small square handles.

9. Você concorda que a mídia, em especial a rede social online Facebook, a partir do nosso contexto histórico atual prega e valoriza determinados padrões de beleza? Por quê?



Anter.

Concluído

[Ativados pela SurveyMonkey](#)
[Crie seus próprios questionários online gratuitos agora!](#)



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa **REPRESENTAÇÕES DE CORPO E REDES SOCIAIS ONLINE: UM ESTUDO COM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, sob a responsabilidade do pesquisador **Robson de Souza Lobato**. O projeto buscará realizar uma reflexão sobre representações de corpo de professores de educação física através do uso de redes sociais *online*, tendo como foco o *Facebook* e também identificar aspectos da mídia que podem influenciar na elaboração de representações sobre o corpo cujos instrumentos para coleta de dados serão um questionário *online* de forma semiestruturada e uma Tarefa de Evocações Livres.

O objetivo desta pesquisa é: Analisar representações de corpo de professores graduados em Educação Física usuários da rede social *online Facebook*.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de uma tarefa de evocações livres onde você indicará certo número de palavras que lhe vêm à mente através de uma palavra estímulo orientada pelo pesquisador e também por uma entrevista semiestruturada através de questionário *online*. O local para a coleta de dados será indicado pelos sujeitos não acarretando incômodo aos mesmos, na data combinada com um tempo estimado de 1 (uma) hora para sua realização.

A pesquisa não envolve riscos à saúde, integridade física ou moral daquele que será sujeito da pesquisa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o avanço do conhecimento científico no que se refere às temáticas: Corpo, Mídia e Representações Sociais.

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que você tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto resultante dos procedimentos de pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados no RIUnB (Repositório de Dissertações da Universidade de Brasília) podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de no mínimo cinco anos, após isso serão destruídos ou mantidos na instituição.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Robson de Souza Lobato no fone (61) 81302919, na Faculdade de Educação Física da UnB no telefone (31072512) em horário comercial.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br, horário de atendimento de 10hs às 12hs e de 14hs às 17hs, de segunda a sexta-feira.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa em conformidade com a Resolução nº 466 de Dezembro de 2012.

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável

Nome e assinatura

Brasília, ___ de _____ de _____.

ANEXOS

VIII - Referências

AGUIAR, Renato Lima. **As concepções de corpo e a produção de identidades em aulas de Educação Física escolar**. - Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica Dom Bosco.- Campo Grande, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724. **Informação e documentação - Trabalhos acadêmicos - Apresentação**. Rio de Janeiro, 2011, 15 p.

BAGETTI, Aline. **Representações de professores sobre EaD no contexto de produção de materiais didáticos**; Santa Maria, Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Junho, 2007.

BARBOSA, Sergio Servulo Ribeiro. **Corporeidade**: quais são as concepções de corpo presentes nos discursos dos professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Uberlândia. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas; Campinas, São Paulo, 1996.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Laurence Bardin; Trad. Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

_____ **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BEHMOIRAS, Daniel Cantanhede. **Educação Física Escolar e sua interface com o esporte e a mídia**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade de Brasília, 2011.

BETTI, Mauro. “**Educação Física e Sociologia**: Novas e Velhas questões no Contexto Brasileiro”. IN: Educação Física e Ciências Humanas/Yara Maria de Carvalho *et al.* – São Paulo:Hucitec; p. 155-169, 2001

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. **Mídi-Educação**: Conceitos, História e Perspectivas. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009.

CAMARGO, Brígido Viseu *et al.*; **As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo**: uma comparação geracional. *Temas em Psicologia*, 2011, Vol. 19, nº 01, p. 269-281.

CASSIMIRO, Érica Silva; *et al.* – **As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental**: da Grécia Antiga à Contemporaneidade. *Revista Eletrônica Metávoia*; São João Del-Rei – MG, nº 14, 2012. – Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/revistalable>. – Acesso em: 05/12/2014.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1998.

CASTELLS, M. A. **Sociedade em Rede**. São Paulo; Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. (ORGs) - **A Sociedade em Rede**: do Conhecimento à Ação Política. Conferência Promovida pelo Presidente da República no Centro Cultural de Belém, Março, 2005.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa Qualitativa**: Análise de Discurso *Versus* Análise de Conteúdo. Texto, contexto, Enfermagem – Florianópolis, 2006, Out-Dez; 15(4): 679-84.

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. **Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica** – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Codeplan**. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/>. ACESSO: 14/10/14.

CODO, Wanderley; SENNE, Wilson A. **O que é Corpo(latria)**. 4ª reimpressão da 1ª ed de 1985. – São Paulo: Brasiliense, 2004.

CONTI, Maria Aparecida; et al. **A mídia e o corpo**: o que o jovem tem a dizer? *Ciência e Saúde Coletiva*, 15(4):2095-2103, 2010.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do Corpo**. – Campinas, SP: Papirus, 1995.

DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades.** Perspectivas em Educação Física Escolar, Niterói, v. 2, nº 1, 2001.

De FLEUR, Melvin L; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa.** Trad. Octavio Alves Velho. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DOTTA, Leanete Teresinha Thomas. **Representações sociais do ser professor/** Leanete Teresinha Thomas Dotta. – Campinas, SP:Editora Alínea, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Identidade, cultura e mídia:** a complexidade de novas questões educacionais na contemporaneidade. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). **Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999, p. 18-32.

_____ **O dispositivo pedagógico da mídia:** modos de educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa, São Paulo, V. 8, nº 1, p. 151-162, Jan/Jun, 2002.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica** – Curso de Especialização em Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Informática Educativa. Universidade Estadual do Ceará, 2002.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo.** – Brasília, 4ª ed: Liber Livro, 2012.

GARCIA, Wilton. **Corpo, Mídia e Representação:** estudos contemporâneos. – São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas.** Tradução de Gilberto Velho, - Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GERELUS, Sergio Henrique. **RUI BARBOSA E A EDUCAÇÃO DO CORPO NA REFORMA DO ENSINO PRIMÁRIO.** 129 f. Dissertacao (Mestrado em Educacao) – Universidade Estadual de Maringa. Orientadora: (Maria Cristina Gomes Machado). Maringá, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed.São Paulo: Atlas, 2008.

_____ **Como elaborar projeto de pesquisa -5 .** Ed. – São Paulo: atlas, 2010.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir** – Corporeidade e educação/Maria Augusta Salin Gonçalves. – Campinas, SP: Papirus, 1994.

GUEDES, Cláudia M. **Corpo: tradições, valores, possibilidades do desvelar.**(Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1995.

JODELET, Denise. **As representações sociais/** Denise Jodelet (Org); - tradução de Lílian Ulup. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Vivendo a Vida com os Outros: Intersubjetividade, Espaço Público e Representações Sociais;** IN: Textos em Representações Sociais/Pedrinho A. Guareschi, Sandra Jovchelovitch (Orgs.); Prefácio Serge Moscovici. – 2ª Ed. – Petrópolis, RJ:Vozes, 1995, p. 63-83.

JUBÉ, Carolina Nascimento. **Os “avatares” do corpo rascunho: sobre a formação identitária de jovens universitários na cibercultura.** Dissertação (Mestrado em Educação Física), - Universidade de Brasília, 2010.

KELMAN, Celeste Azulay. **Sociedade, educação e cultura.** IN: Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar./ Celeste Azulay Kelman [*et al*]; coordenação de Diva Albuquerque e Silvane Barbato. – Brasília: Editora da UnB, 2010.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook.** – Tradução Maria Lúcia de Oliveira. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KIPNIS, Bernardo; DAVID, Ana Cristina de.**Elementos de Pesquisa em esporte escolar: monografia/Bernardo Kipnis & Ana Cristina de David.** – 1ª Ed.. – Brasília: Universidade de Brasília; Centro de Educação a Distância, 2005.

_____ **Elementos do Processo de Pesquisa em Esporte Escolar: Pré Projeto/Bernardo Kipnis.** – 1ª Ed. – Brasília: Universidade de Brasília; Centro de Educação a Distância, 2004.

KOLYNIAC FILHO, Carol. **Educação Física: uma introdução /** Carol Kolyniak Filho. – São Paulo: EDUC, 1996.

LACERDA SANTOS, Gilberto; ANDRADE, Jaqueline Barbosa Ferraz de. **Virtualizando a escola: migrações docentes rumo à sala de aula virtual/** Organizadores: Gilberto Lacerda Santos; Jaqueline Barbosa Ferraz de Andrade. – Brasília: Ed. Liber Livro, 2012.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade; Trad. Marina Appenzeller. – Campinas, SP: Papyrus, 2003.

_____ **A Sociologia do Corpo**. 2ª ed; Tradução de Sonia M. S. Furhmann. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE POULICHET, Sylvie. **O Conceito de Narcisismo**. In: Nasio, Juan-David. Lições sobre os sete conceitos cruciais de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

LIBÂNEO, José Carlos. **A Dimensão Pedagógica da Educação Física**: Questões Didáticas e Epistemológicas. Texto de conferência apresentado no XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, realizado em Caxambu/MG, em outubro de 2001. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/105747966/A-Dimensao-Pedagogica-Da-Educacao-Fisica-Questoes-Didaticas-e-Epistemologicas>. Acesso em: 08/01/2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**/ Pierre Lévy. Tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas/ Menga Lüdke; Marli E. D. A. André. – São Paulo: EPU. 1986.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a formação do Homem**. Revista HISTEDBR *online*; Tradução Newton Ramos de Oliveira e Paolo Nosella. Campinas, número especial, p 5-15, Abril - 2011.

MANUAL DE NORMALIZAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS FANS. **Normas da ABNT para apresentação de monografias e trabalhos acadêmicos Versão 2013.01**. Faculdade de Nova Serrana - MG, Janeiro, 2013.

MARTINELLI, Telma Adriana Pacífico; MILESKI, Keros Gustavo. **Concepções de “corpo” na Educação Física**: apontamentos históricos. IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa da região Sul, 2012.

MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo**: Educação e política do corpo. João Paulo Subirá Medina. – 2ª Ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde/ Maria Cecília de Souza Minayo. – 10ª Ed. – São Paulo:Hucitec, 2007.

MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Cristina de (Orgs.). **Estudos Interdisciplinares de representação social/** Antonia Silva Paredes Moreira; Cristina de Oliveira. – Goiânia:AB, 1998.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise/** Serge Moscovici. Tradução de Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____ **Representações Sociais:** investigações em psicologia social/ Serge Moscovici; Editado em inglês por Gerard Duveen; Traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi; 6ª Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NÓBREGA, Livia de Pádua. **A construção de identidades nas redes sociais.** Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 20, n 96 . 1/2, p. 95-102, jan./fev. 2010.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo.** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, Maio/Ago. 2005.

POSTIGO, Vanuza Monteiro Campos. **“O irmão zela por ti”:** redes sociais, vigilância e processos de subjetivação. SIMSOCIAL – Simpósio em tecnologias digitais e sociabilidade; Outubro, Salvador, 2011.

RANGEL, Mary. **A pesquisa de representação social como forma de enfrentamento de problemas socioeducacionais/**Mary Rangel. – Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

ROSA, Gabriel Artur Marra; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **Facebook e as novas identidades virtuais.** Brasília: Thesaurus, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias.** 4ª Ed. São Paulo: Experimento, 2003.

_____ **Corpo e Comunicação:** sintoma da cultura. - São Paulo: Paulus, 2004.

_____ **Redes sociais digitais:** a cognição conectiva do *Twitter*. – São Paulo: Paulus, 2010.

SANT’ANNA, Hugo Cristo. *OpenEvoc. Um programa de apoio à pesquisa em representações sociais.* **Revista Psicologia Social: Desafios Contemporâneos;** Espírito Santo, 2012.

SAVIANI, Demerval. **Concepção de Dissertação de Mestrado centrada na ideia de Monografia de Base**. Edu. Bras. Brasília, 13 (27), 159-168, 2º Semestre, 1991.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. **O conceito de saúde**. Revista de Saúde Pública. 31 (5) - 538-542, Outubro, 1997.

SOARES, Carmen Lúcia **.Educação Física: raízes europeias e Brasil/ Carmem Lúcia Soares**. – prefácio Dulce Maria Pompêo de Camargo. – Campinas:Autores Associados, 1994.

_____ **Imagens da educação no corpo**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

SPINK, Mary Jane. **Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais**; IN: Pedrinho A. Guareschi; Sandra Jovchelovitch (Orgs.), Textos em Representações Sociais; 7ª Ed; Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SCHUBERT, Janete. **Corpo metamórfico: as transformações do corpo no extremo contemporâneo**. In. XIV encontro nacional da abrapso,14, Rio de Janeiro, 2007 Anais. Rio de Janeiro, 2007.

SYLVESTRE, Ana Paula Melo. **O Eu e o Outro Online: Discurso, Poder e Identidade nas Redes Sociais**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de Brasília, 2013.

TEIXEIRA, M. C. T. V; BALÃO, S. M. S; SETTEMBRE, F. M. **Saliência de Conteúdos de Representação Social sobre o Envelhecimento: Análise Comparativa entre duas Técnicas Associativas**. Rev. Enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2008 out/dez; 16(4):518-24.

TOCANTINS, Geusiane Miranda de Oliveira. **Apropriações de Tecnologias da Informação e Comunicação por Professores no Contexto da Educação do Corpo na Escola**. Dissertação (Mestrado em Educação Física); Universidade de Brasília, 2012.

VERGÉS, Pierre. **EVOC - Ensemble de programmes permettant l'analyse des évocations: manuel version 15 octobre 2003**. Aix-en-Provence, France: LAMES, 2003.